

ISADORA ECKARDT DA SILVA

O viés político e histórico de  
Maria Graham em *Diário de  
uma viagem ao Brasil*

Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem,  
da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do Título  
de Mestre em Teoria e História Literária.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Ornelas Berriel

CAMPINAS

2009

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp**

Si38v

Silva, Isadora Eckardt da.

O viés político e histórico de Maria Graham em Diário de uma viagem ao Brasil / Isadora Eckardt da Silva. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Carlos Eduardo Ornelas Berriel.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Graham, Maria, 1785-1842. 2. Brasil – História - Independência. 3. Diário de viagem. 4. Subjetividade. 5. Inglaterra. I. Berriel, Carlos Eduardo Ornelas. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

tjj/iel

Título em inglês: The political and historical views of Maria Graham on Journal of a voyage to Brazil.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Brazil - History – Independence; Daily of trip; Subjectivity; England.

Área de concentração: História e Historiografia Literária.

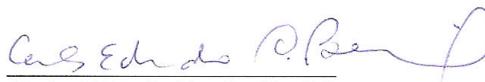
Titulação: Mestre em Teoria e História Literária.

Banca examinadora: Prof. Dr. Carlos Eduardo Ornelas Berriel (orientador), Profa. Dra. Iara Lis Franco Schiavinatto, Prof. Dr. Mário Luiz Frungillo, Profa. Dra. Suzi Frankl Sperber (suplente), Profa. Dra. Gínia Maria de Oliveira Gomes (suplente).

Data da defesa: 02/10/2009.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária.

**Banca Examinadora**

  
\_\_\_\_\_  
Carlos Eduardo Ornelas Berriel

  
\_\_\_\_\_  
Iara Lis Franco Schiavinatto

  
\_\_\_\_\_  
Mário Luiz Frungillo

\_\_\_\_\_  
.Suzi Frankl Sperber

\_\_\_\_\_  
Gínia Maria de Oliveira Gomes

**IEL/UNICAMP  
2009**

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me dado força e paciência para realizar esta jornada, bem como pelas pessoas que Ele colocou em meu caminho, sem as quais eu não teria completado esta incrível tarefa.

Ao Instituto de Estudos da Linguagem por ter me acolhido amavelmente quando cheguei do Rio Grande do Sul e ao Prof. Dr. Carlos Eduardo Ornelas Berriel, cuja preciosa orientação fez deste mestrado uma caminhada tranqüila e enriquecedora. Agradeço também à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Iara Lis Franco Schiavinatto e ao Prof. Dr. Mário Luiz Frungillo, cujas leituras do meu trabalho só o fizeram crescer.

Finalmente, agradeço a todos aqueles que de uma certa forma, perto ou longe, todos os dias ou apenas de vez em quando, com atitudes positivas, gestos generosos, amor ou carinho, contribuíram para eu chegar até aqui. Peço perdão se não cito nomes, mas os anjos da guarda são muitos, graças a Deus, e esta página é por demais pequena para tanto. Com todo meu amor, sinceramente, muito obrigada.

ÍTACA  
Konstantinos Kaváfis  
(Trad. José Paulo Paes)

Se partires um dia rumo a Ítaca,  
faz votos de que o caminho seja longo,  
repleto de aventuras, repleto de saber.

Nem Lestrigões nem os Ciclopes  
nem o colérico Posídon te intimidem;  
eles no teu caminho jamais encontrará  
se altivo for teu pensamento, se sutil  
emoção teu corpo e teu espírito tocar.

Nem Lestrigões nem os Ciclopes  
nem o bravio Posídon hás de ver,  
se tu mesmo não os lewares dentro da alma,  
se tua alma não os puser diante de ti.

Faz votos de que o caminho seja longo.

Numerosas serão as manhãs de verão  
nas quais, com que prazer, com que alegria,  
tu hás de entrar pela primeira vez um porto  
para correr as lojas dos fenícios  
e belas mercancias adquirir:

madrepérolas, corais, âmbar, ébanos,  
e perfumes sensuais de toda a espécie,  
quanto houver de aromas deleitosos.

A muitas cidades do Egito peregrina  
para aprender, para aprender dos doutos.

Tem todo o tempo Ítaca na mente.

Estás predestinado a ali chegar.

Mas não apresses a viagem nunca.

Melhor muitos anos lewares de jornada

e fundeares na ilha velho enfim,

rico de quanto ganhaste no caminho,  
sem esperar riquezas que Ítaca te desse.

Uma bela viagem deu-te Ítaca.

Sem ela não te ponhas a caminho.

Mais do que isso não lhe cumpre dar-te.

Ítaca não te iludiu, se a achas pobre.

Tu te tornaste sábio, um homem de experiência,  
e agora sabes o que significam Ítacas.

## RESUMO

O objeto desta dissertação é o *Diário de uma viagem ao Brasil*, escrito pela britânica Maria Graham para contar sua estada no Brasil durante os anos de 1821, 1822 e 1823. O enfoque deste trabalho é no domínio britânico exercido sobre o Brasil no século XIX e em como Graham toma uma postura que defende os interesses britânicos; bem como no modo peculiar como ela narra estes fatos. Para o exame destas questões, foram realizadas as seguintes etapas: levantamento do material bibliográfico; estudo sobre a História do Brasil; análise dos referenciais teóricos; fichamento de leituras; análise sobre como os conteúdos dos livros deste corpus bibliográfico se cruzam. A relevância desta pesquisa reside no fato de que os estudos sobre Graham em geral tendem a versar sobre a riqueza subjetiva de sua narrativa, mas não analisam os aspectos políticos e históricos implicados na produção de seus textos. A autora escreveu em um momento de ebulição política em todo o mundo. A Europa estava se recuperando das guerras napoleônicas e se desvencilhando do antigo regime; as colônias da América do Sul clamavam por independência. Por fim, a Inglaterra, era a maior potência de então, e estava profundamente interessada no Brasil, a fim de ampliar suas relações comerciais. O principal objetivo desta pesquisa é mostrar como este contexto aparece nos diários de viagem de Graham, com especial ênfase para o *Diário de uma viagem ao Brasil*, e também entender como estas circunstâncias influenciaram a produção destes textos. Concluiu-se que o olhar de Maria Graham, proveniente de uma Europa que se modernizava, lançado sobre o Brasil, enxerga um país de costumes bárbaros. Este olhar feminino traz ao leitor uma investigação sociológica rica em detalhes referentes a particularismos do cotidiano, bem como a assuntos de maior abrangência como questões de ordem política. Por fim, no que se refere a estas questões, concluiu-se que Graham não o admite abertamente, mas, defende os interesses da Inglaterra em seus escritos. Como este país estava interessado nas vantagens comerciais que o Brasil podia oferecer, seu maior interesse era conservar a unidade nacional brasileira, bem como consolidar sua independência de Portugal.

**Palavras-chave:** Maria Graham, independência brasileira, Inglaterra, literatura de viagem, subjetividade.

## ABSTRACT

The main object of this thesis is the *Journal of a voyage to Brazil and residence there, during part of the years 1821, 1822, 1823*, by the British writer Maria Graham. The focus of this thesis is on the great British influence over Brazil in the nineteenth century, on how Graham takes a position that supports British interests, as well as the manner she narrates all these facts. To analyze this, the following steps were taken: careful examination of the bibliographic material; studies about the History of Brazil; analysis of support and references regarding travel literature theory; organization of all these readings; analysis on how the contents of the books of this bibliographic corpus meet. The relevance of this research is that the studies about Graham generally tend to be about the subjective aspect of her narrative, but never about the political and historical factors implied in the production of her texts. This author wrote in a moment of political changes throughout the world. Europe was recovering from the Napoleonic wars and getting rid of the ancien régime; the colonies from South America were claiming for independence. Finally, England was the greatest power then, and was deeply interested in Brazil, to enlarge its commercial relationships. Therefore, the main objective of this research is to show how this context appears on Graham's travel books, especially on *Journal of a voyage to Brazil*, and also to understand how these circumstances influenced the production of her texts. We concluded that Graham's point of view, who came from a continent that was becoming more and more modern, in contact with Brazil, ends up seeing Brazil as a country with barbarian habits. This female point of view brings to the reader a detailed sociological investigation about issues related to everyday little things, as well as more important subjects such as political issues. Finally, regarding the political issues, we also concluded that although Graham does not admit it clearly, she supports the interests of Britain. Since this country was interested in the commercial advantages that Brazil could offer, its most important interest was that Brazil became an independent nation, as well as it kept its national unity.

**Key-words:** Maria Graham, Brazilian independence, England, travel literature, subjectivity.

# SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 CAPÍTULO I: QUEM ERA A MULHER, A VIAJANTE, A ESCRITORA	23
3 CAPÍTULO II: O MUNDO QUE LAPIDOU MARIA GRAHAM VERSUS O MUNDO ONDE ELA VEIO PARAR	37
4 CAPÍTULO III: A INDENTIDADE DA NARRADORA DE DIVERSAS HISTÓRIAS	51
5 CAPÍTULO IV: O VIÉS POLITICA E HISTORICAMENTE ENGAJADO DE MARIA GRAHAM	101
6 CONCLUSÃO	143
7 REFERÊNCIAS	147
8 ANEXOS	149
Figura 1 - <i>A porta norte do Recife (da varanda da casa do Sr. Stewart)</i>	151
Figura 2 - <i>Cadeirinha, na Bahia</i>	153
Figura 3 - <i>A Árvore da Gamela, num jardim da Bahia</i>	155
Figura 4 - <i>Laranjeiras</i>	157
Figura 5 - <i>Palácio de São Cristóvão</i>	159
Figura 6 - Charge de <i>A Semana Ilustrada</i> de 1872	161

# INTRODUÇÃO

De acordo com Octavio Ianni (1996, p. 16), viajar pode se configurar de várias maneiras. Desde um indivíduo em busca de um outro, podemos ter até uma coletividade em busca de outra. Um caminhante sempre leva consigo a carga do seu povo, com suas idéias, costumes, pontos de vista e opiniões, o que faz com que leve este povo junto consigo para onde quer que vá, nas suas atitudes, na sua postura, naquilo que diz. A viagem pode ser real ou imaginária, pode se dar com o caminhar de fato, ou com o voar dos pensamentos ao se ler relatos sobre mundos distantes. A jornada pode ser para uma terra totalmente desconhecida, ou para uma já conhecida. O que importa nisto tudo é uma busca incessante pelo desconhecido, que para o homem é constante e natural. Viajar é vir a conhecer, é vir a saber.

Se as viagens então seriam uma forma de tornar o desconhecido conhecido, elas seriam uma forma de reconfigurar o conhecimento de mundo, o que explica sua imensa importância ao longo da História. Com o advento da burguesia e sua busca por lucro, viajar também passou a ser uma maneira de conquistar riquezas e poder, daí mais um motivo para sua importância. Segundo Maria Alzira Seixo, isto passou a impulsionar as viagens especialmente a partir do século XIII, bem como deu origem aos relatos de viagem, gênero literário que se tornou tão popular desde então:

A problemática da viagem, comum a todas as épocas da história da cultura, manifestou-se de uma forma determinante durante a idade clássica, e mesmo durante os tempos medievais que de algum modo se entrançaram com os primórdios humanistas que prenunciaram os alvares da modernidade.

(...)

Sabe-se que a noção de errância medieval, na sua relação com o advento da burguesia e sua aposta no alcance das riquezas e lucros conseqüentes, é um dos componentes das viagens que a partir do século XIII dão origem a relatos cuja popularidade se manteve ao longo dos séculos, a par dos périplos fabulosos que compõem a tradição e criam o gosto pelo gênero; (SEIXO, 1996, p. 122)

Todas estas buscas, sejam por conhecimento, sejam por riquezas, resultaram em incríveis encontros de diferentes personalidades, diferentes povos, provocando pontos de contato e identificação, enlaces, conflitos, olhares de estranheza perante o diferente e o novo, dissolvendo e recriando fronteiras. Viajar significou e ainda significa o eu nômade acabar com as fronteiras, descobrindo que seu mundo é ainda maior ao se identificar com

outros povos, terras e culturas; ou este eu nômade criar novas fronteiras, tendo uma consciência mais clara de si mesmo, da sua identidade, ao confrontá-la com o outro. Neste ato de recriar fronteiras, portanto, descobrir o outro também pode significar descobrir o eu.

Segundo Tzvetan Todorov em *A conquista da América*, o processo de descobrir e definir o *eu* e o *outro* é muito complexo, implicando infinitas direções a se seguir dentro dos momentos de identificação e estranheza entre este eu e este outro. Somente o meu ponto de vista, e nada mais, é que consegue distinguir a diferença entre o *lá*, onde estão os outros, e o *aqui*, onde estou eu. Afora isto, não existiria mais nada que definiria esta fronteira com precisão.

Quero falar da descoberta que o *eu* faz do *outro*. O assunto é imenso. Mal acabamos de formulá-lo em linhas gerais já o vemos subdividir-se em categorias e direções múltiplas, infinitas. Pode-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é um *eu* também, sujeito como eu. Somente meu ponto de vista, segundo o qual todos estão *lá* e eu estou só *aqui*, pode realmente separá-los e distingui-los de mim. (TODOROV, 1988, p. 3)

Neste trabalho, tento analisar o ponto de vista da viajante e escritora britânica Maria Graham, que distingui o *aqui* e o *lá* de maneira muito peculiar, encarnando esta busca coletiva por conhecimento e poder. Ao olharmos de perto sua biografia e sua obra, veremos a busca por riquezas e lucros da poderosa Inglaterra do século XIX carregar Maria para suas incríveis e incessantes buscas por conhecimento ao abrir-lhe as portas das Américas através de seu marido, o capitão da marinha de guerra britânica Thomas Graham, contratado para tomar parte nas revoluções pela libertação da América do Sul. É com ele que Maria tem a oportunidade de viajar para o Brasil, sendo levada a participar de um dos encontros mais espetaculares da História: o encontro da Europa com a América.

Ao levar consigo a carga cultural de seu povo, avaliando o Brasil com o ponto de vista britânico, se comportando como uma britânica, trazendo esta cultura para o Brasil e ao mesmo tempo, em seus trabalhos de escritora, soprando a nossa cultura até os confins da Inglaterra através de seus diários de viagem, vemos, como disse Octávio Ianni, a marca da coletividade impressa no indivíduo. Maria Graham leva consigo em suas odisséias as

marcas da sua terra natal, a Inglaterra, mas também acaba por ser marcada pelas terras por onde passa, fazendo de suas viagens uma oportunidade para refletir e aprender sobre si mesma, nos mostrando uma narradora cheia de sentimentos em diários de viagem preñhes de subjetividade.

Mas e o que era o Brasil em princípios do século XIX? O que teria ele de relevante a mostrar para uma escritora e intelectual consagrada como Graham?

Apesar da chegada dos portugueses ao Brasil ter sido considerada um grande acontecimento na Europa do século XVI, não se deu muita importância a esta terra durante um bom tempo, por não terem os europeus a exata dimensão das riquezas e vantagens que o nosso país poderia oferecer. As primeiras tentativas de Portugal de organizar a nova colônia só se deram três décadas depois da chegada de Cabral, com o sistema das Capitãneas Hereditárias. Não tendo isto dado certo, em 1549, a Metrópole decide centralizar a administra o da colônia instaurando um governo geral com capital na cidade de Salvador.

Conforme Boris Fausto (2007), para começar a tirar vantagem de sua imensa colônia, a política da Metrópole consistia em incentivar a exporta o em grande escala de uns poucos produtos, usando grandes propriedades para produzi-los. Neste ponto encontra-se a origem dos latifúndios no Brasil, pois, se a produ o em larga escala para exporta o era o objetivo, pequenos proprietários não eram bem-vindos. Trabalhadores assalariados também não o eram, pois ao quererem tentar uma vida melhor, seus interesses provavelmente iriam contra os da Coroa Portuguesa. Daí a preferência pelos escravos para trabalharem nos latifúndios.

Portugal resolve adotar uma política mercantilista que implicava ampla interven o do Estado na economia, instaurando as seguintes medidas: estocar metais preciosos, reduzir a entrada de manufaturas estrangeiras, facilitar a entrada de matérias-primas, reduzir a saída de matérias-primas produzidas no Brasil, e aumentar a exporta o de manufaturas.

Para levar esta política mercantilista a cabo, os portugueses precisavam afastar os estrangeiros do Brasil, até porque eles queriam que esta imensa colônia desses lucros somente para a Metrópole, e não para outros países. No entanto, a Coroa Portuguesa não conseguia afastá-los, pois apesar de ser a pioneira na expansão marítima, Portugal não tinha

condições financeiras de manter o monopólio do comércio colonial e acabava precisando de ajuda estrangeira.

Assim, ao longo do século XVII, Portugal foi levado a deixar a Inglaterra tirar vantagens do Brasil, por precisar de sua proteção política. A Inglaterra dava esta proteção, e em troca os portugueses ofereciam privilégios comerciais em seu mercado. Já em 1654, os dois países assinam o Tratado de Cromwell, o qual garantia aos ingleses o direito de negociar com o Brasil.

Durante o século XVIII, com a descoberta dos metais preciosos em Minas Gerais, a Inglaterra enriqueceu muito à custa do Brasil, pois como Portugal já lhe devia muito dinheiro, os metais aliviaram momentaneamente estas dívidas. Economicamente, Portugal era muito inferior à Inglaterra, já que enquanto aquele era um país essencialmente agrícola, este último era um país em franco processo de industrialização. Boris Fausto, em sua *História do Brasil*, explica esta marcha dos ingleses rumo ao domínio do comércio português dizendo que, de fato

(...) os metais preciosos vieram aliviar momentaneamente os problemas financeiros de Portugal. Na virada do século XVIII, a dependência lusa com relação à Inglaterra era um fato consumado. Para ficar em um exemplo apenas, o Tratado de Methuen, firmado pelos dois países em 1703, indica a diferença entre um Portugal agrícola, de um lado, e uma Inglaterra em pleno processo de industrialização, de outro. Portugal obrigou-se a permitir a livre entrada de tecidos ingleses de lã e algodão em seu território, enquanto a Inglaterra comprometeu-se a tributar os vinhos portugueses importados com redução de um terço do imposto pago por vinhos de outras procedências. É bom lembrar que a comercialização do vinho do Porto estava nas mãos dos próprios ingleses. (FAUSTO, 2007, p. 98 e 99)

O poderio inglês só aumentava e o sistema colonialista de outros países não era interessante para os britânicos porque não ajudava no desenvolvimento de seu comércio. Com o advento da Revolução Industrial, a Inglaterra entabulou um incrível desenvolvimento industrial, agrícola e comercial, controlando o comércio internacional. Esta nação virava a maior potência mundial de então, impondo o livre comércio e o fim do mercantilismo, apesar de proteger seu próprio mercado. A Inglaterra também era contra a escravidão, pois ela queria ampliar seus mercados consumidores, e, além de escravo não possuir poder aquisitivo para comprar, seus senhores também tinham seu poder aquisitivo

prejudicado, já que um escravo era extremamente caro. Além do mais, com a Revolução Industrial, os ingleses passaram a ter ainda mais produtos para vender. Boris Fausto explica este crescimento do poder britânico e suas conseqüências apontando que

(...) ocorria na Inglaterra uma revolução silenciosa, sem data precisa, (...) que ficou conhecida como Revolução Industrial. A utilização de novas fontes de energia, a invenção de máquinas, principalmente para a indústria têxtil, o desenvolvimento agrícola, o controle do comércio internacional são fatores que iriam transformar a Inglaterra na maior potência mundial da época. Na busca pela ampliação dos mercados, os ingleses impõem ao mundo o livre comércio e o abandono dos princípios mercantilistas, ao mesmo tempo em que tratam de proteger seu próprio mercado e o de suas colônias com tarifas protecionistas. Em suas relações com a América espanhola e portuguesa, abrem brechas cada vez maiores no sistema colonial, por meio de acordos comerciais, contrabando e aliança com os comerciantes locais. (FAUSTO, 2007, p. 108)

Ao mesmo tempo em que os britânicos se tornavam cada vez mais poderosos, Portugal, por ser um país atrasado, dependia da proteção deles diante da França e da Espanha. Assim, no início do século XIX, quando Napoleão guerreava contra a Inglaterra, ele bloqueou o comércio desta com o continente, e como Portugal representava uma abertura neste bloqueio, os franceses a invadiram. Este fato não deixou outra saída para a Família Real Portuguesa a não ser fugir para o Brasil, sob a proteção da marinha inglesa.

Após a vinda da Família Real para o Brasil, uma das primeiras grandes vantagens que a Inglaterra conquistou foi a abertura dos portos para as nações amigas, que era na verdade a abertura para os ingleses. Pois como o território metropolitano estava tomado pelos franceses, não era possível fazer comércio por lá. Era preferível então que Portugal legalizasse o contrabando inglês e recebesse os impostos, tomando esta medida de princípios liberais que quebrava o monopólio dos comerciantes portugueses de mais de trezentos anos. Os britânicos ganharam grandes vantagens no comércio com esta abertura, já que pelo porto do Rio de Janeiro eles puderam vender seus produtos manufaturados no Brasil, bem como enviá-los para o Rio da Prata e para a costa do Oceano Pacífico.

Conforme Kirsten Schultz (2008) aponta em *Versalhes Tropical*, nos anos subseqüentes, 1809 e 1810, Portugal e Inglaterra ainda estabelecem mais alianças que facilitam tanto a entrada de produtos ingleses no Brasil quanto a entrada de produtos brasileiros na Inglaterra. Além disto, os produtos ingleses entrariam no Brasil com uma

taxa de quinze por cento, que era menor que a taxa cobrada para os produtos de todos os outros países, inclusive daqueles vindos de Portugal. Ganhando cada vez mais vantagens, os comerciantes ingleses iam se infiltrando no comércio luso-brasileiro, o que desagradava os comerciantes de todo o reino português que estavam vendo seus privilégios de monopólio assegurados por mais de três séculos caírem por terra. Tudo isto, acrescido ao fato de que os britânicos lutavam sem sucesso contra o comércio de escravos, tornava a relação entre os dois países cada vez mais tensa.

Testemunhas da ambição dos britânicos, comerciantes portugueses e brasileiros os viam como “usurpadores de seu comércio”. Os moradores do Rio de Janeiro não criticavam a presença dos britânicos inspirados pela defesa do monopólio comercial ou pela rejeição dos princípios liberais impostos ao comércio, mas exatamente pelo desrespeito dos próprios britânicos a estes princípios os quais eles mesmos pregavam: “Ora, as críticas locais aos britânicos não se alentavam na defesa do monopólio ou na rejeição dos princípios liberais *per se*, mas antes no que os residentes acusavam ser a recusa dos britânicos de a eles conformarem-se.” (SCHULTZ, 2008, p. 309)

Com a transmigração da família real e todas as mudanças que isto acarretou, havia toda uma promessa de prosperidade do império, pois os estadistas portugueses pregavam que este exílio da família real era antes uma vitória do que uma derrota, pois fortalecia o império e sua união, ao invés de enfraquecê-lo e mostravam a nova política comercial como vantajosa tanto para o Brasil como para Portugal. Entretanto, estas novas práticas do império que tinham exatamente o intuito de trazer a prosperidade e a unidade do reino eram conseguidas à custa de concessões aos britânicos, ao passo que a forte presença destes no Brasil minava e ameaçava esta prosperidade. (Cf. Kirsten Schultz, 2008, p. 274)

Aparentemente, tudo parecia estar em ordem no reino português. Contudo, além das hostilidades entre brasileiros e portugueses e destes com os britânicos, não podemos esquecer que os historiadores chamam esta época de “uma era de revoluções”. O mundo estava sendo chacoalhado com revoluções e questionamentos à ordem estabelecida, o antigo regime era derrubado e novas nações e formas de política surgiam: independência dos Estados Unidos da América (1776); Revolução Francesa (1789); Inconfidência

Mineira, (1789); revolta dos escravos de Santo Domingo (1791); revolução em Pernambuco (1817).

As autoridades reais lusas precisavam tomar cuidado com isto, pois o antigo regime perdia sua legitimidade e manter um governo puramente monárquico e absolutista, tal qual o português, estava ficando cada vez mais difícil, dado o perigo da subversão política que pairava naquele momento. Ainda sob a égide do antigo regime, a Inconfidência Mineira foi duramente debelada antes mesmo de os inconfidentes poderem fazer alguma coisa. Sua punição foi transformada em espetáculo pela Coroa para impor respeito aos súditos e mostrar que quem questionasse a monarquia pagaria caro por isto.

Segundo Denis Antônio de Mendonça Bernardes em *O patriotismo constitucional: Pernambuco, 1820-1822*, em 1817, a revolução em Pernambuco também será duramente punida e reprimida bem aos moldes das crueldades do antigo regime. No entanto, a importância deste acontecimento reside no fato de ser a primeira grande insubmissão ao rei na história portuguesa. Fato tão inédito assustou a Coroa a tal ponto que uma revolta que apenas instaurou uma república não subordinada ao rei por pouco mais de dois meses e que depois de derrotada não conseguiu instaurar mais nada foi cruelmente reprimida durante quase quatro anos. O comandante de tal repressão foi o governador Luís do Rego, o qual ficou com fama de déspota cruel.

O significado de 1817 não pode ser apenas buscado entre o 6 de março e o 20 de maio, quando as bandeiras reais voltaram a ser arvoradas no Recife abandonado pelos remanescentes do exército *patriota*. Nesse sentido, importa lembrar que, se a experiência republicana de 1817 durou pouco mais de dois meses, a repressão e conseqüente restauração da ordem monárquica duraram quase quatro anos, pois a devassa, com todas as suas conseqüências, somente foi encerrada em 1821, como resultado da revolução do Porto. Tão duradoura repressão, para um movimento de tão curta duração, é suficiente para fazer pensar que seu significado ultrapassa sua vigência temporal, ou mesmo aquilo que pôde efetivamente realizar. (BERNARDES, 2006, p. 204)

Os revoltosos de 1817 queriam instaurar uma nova ordem, democrática e constitucional em tudo contrária ao absolutismo, enfim, uma incrível novidade: soberania popular, distinção dos poderes, afirmação dos direitos individuais dos cidadãos que

deveriam ser respeitados pelo Estado, e tudo isto regulado por regras fixas, ou seja, por uma constituição. (Cf. Denis Antônio de Mendonça Bernardes, 2006, p. 207)

As províncias do norte se revoltavam porque com a abertura dos portos e a conseqüente circulação de mais pessoas e navios vindos dos mais diversos países, a informação também circulava mais facilmente. Assim, os nordestinos percebiam, cada vez mais, que eram desfavorecidos com relação ao Rio de Janeiro ou aos portugueses, por exemplo, ao compararem sua precária situação com a de outros lugares do mundo dos quais agora tinham notícia. Mesmo com as hierarquias sociais muito marcadas, as mais diversas camadas da população tomaram parte no movimento de 1817, pois a experiência política estava gravada no cotidiano e na memória de todos que tiveram suas vidas diretamente afetadas pelo absolutismo que invadia todas as esferas da vida social com despotismo, arbitrariedade e acima de tudo, crueldade.

Enquanto isto, assim como no Rio os ingleses eram vistos como usurpadores do comércio, em Portugal, desde a abertura dos portos, os negociantes portugueses também perdiam seus privilégios de exclusividade do comércio com a colônia cada vez mais, vendo seu mercado infestado pelos ingleses; enquanto que as tropas portuguesas também se revoltavam, vendo seus regimentos infestados de ingleses. Enfim, uma onda de insatisfação geral com a nova política do império culminaria com a Revolução do Porto no dia 24 de agosto de 1820:

(...) a percepção de soberanias econômicas e políticas sitiadas e uma insatisfação mais generalizada com a política local da nova economia política do império culminaram no que Valentim Alexandre descreveu como os “conflitos internos” e a crise do império luso-brasileiro, e desnudaram os limites políticos da reconfiguração imperial. O centro da crise, contudo, não se formou no Rio de Janeiro, mas do outro lado do Atlântico, em Portugal, onde a coroa fracassara em convencer seus vassallos da promessa de um novo futuro americano, permitindo, em vez disso, que tanto a ocupação britânica no pós-guerra como a abertura dos portos do Brasil fossem lidos como sinais de um novo *status* “colonial” da antiga metrópole. Lá, um crescente movimento para inverter a tendência de “decadência nacional (...)”. (SCHULTZ, 2008, p. 312)

Era uma revolução liberal inspirada nas idéias ilustradas em um momento de profunda crise. Os revoltosos não pretendiam debelar a monarquia portuguesa de vez, mas queriam limitar os poderes do rei através de uma constituição a qual este deveria obedecer,

o que não ocorria no absolutismo. Davam assim vida a órgãos representativos como as Cortes, compostas de deputados eleitos que deveriam redigir uma constituição para o reino, porém, queriam que o rei voltasse para Portugal.

Reflexo desta “era de revoluções”, o movimento constitucionalista português trazia em sua proposta mudanças inéditas para o reino português. Segundo Kirsten Schultz (2008), a idéia central do movimento era criar leis “mais conforme[s] às idéias do século” celebrando assim o governo contratual em detrimento do domínio paternal absolutista; a ascensão dos interesses públicos em detrimento dos privados; proclamavam uma inversão nas hierarquias políticas tirando a soberania da pessoa do rei e colocando-a na nação; e também pregavam dois dos principais princípios da Revolução Francesa: liberdade e igualdade.

Portanto, pregavam um governo mais democrático, onde a lei era para todos, e onde os direitos de liberdade civil seriam assegurados. De vassallos, os habitantes dos domínios portugueses passavam a cidadãos livres que, ao contrário dos vassallos, não eram mais dependentes da Coroa. Enquanto membros de uma nação soberana podiam deliberar sobre o futuro político da nação.

Com o antigo regime perdendo cada vez mais a sua legitimidade, já não era mais possível à Coroa Portuguesa barrar a circulação de informações, pois um dos princípios do movimento constitucionalista era exatamente a liberdade de expressão e o incentivo ao acesso à informação, o que tornaria o cidadão mais apto a deliberar sobre o futuro da nação. Assim, já em princípios de 1821, as notícias da Revolução do Porto chegavam ao Brasil e os brasileiros tomavam parte nas discussões sobre o futuro político do reino. Entretanto, é importante ressaltar que as idéias liberais não surgiram no Brasil por causa da Revolução do Porto, pois elas já existiam aqui, como mostra a Inconfidência Mineira e a Revolução de 1817. O caso é que com a repressão do antigo regime, estas idéias não podiam ser divulgadas e menos ainda praticadas, e com a Revolução do Porto elas puderam vir à tona e ser discutidas abertamente:

Não foi “a revolução liberal do Porto [que] fez difundir na colônia as aspirações do liberalismo constitucional”, como parece crer, entre outros, Maria Odila da Silva Dias. Aquela provocou as condições políticas de manifestação de projetos

liberais de reforma que já existiam e puderam então aflorar em uma situação nova e até certo ponto fora do controle do poder. (BERNARDES, 2006, p. 288 e 289)

Grandes novidades naquele momento, tais como a tomada de importância da opinião pública como espécie de autoridade abstrata e a liberdade de expressão que ganhava legitimidade causaram uma onda de discussões políticas entre as mais diversas esferas da sociedade no Brasil. Em cidades como Recife, Salvador e Rio de Janeiro, discutia-se, apoiava-se ou até mesmo contrariava-se o constitucionalismo. Este se tornara enfim um discurso transatlântico, pois mesmo com o atraso na circulação de informações entre Portugal e Brasil (cada um a sua maneira), os povos dos dois países discutiam sobre o assunto e os acontecimentos. Assim como na Revolução de 1817, pessoas das mais diversas classes sociais tomavam parte nas discussões sobre o constitucionalismo porque viam neste uma esperança de se livrarem do jugo do absolutismo que afetava a vida de todos. Neste momento, a política não era assunto apenas da elite, conforme apontam Denis Antônio de Mendonça Bernardes (2006) e Kirsten Schultz (2008).

Em 26 de janeiro de 1821, as Cortes, um poder soberano e independente do poder real, são instauradas oficialmente, e nelas passam a residir todas as esperanças de transformação e regeneração do império português, já que é este órgão que vai escrever uma constituição e mais, sendo ele representativo, abrirá a oportunidade de os brasileiros elegerem deputados para irem a Portugal tomarem parte nas deliberações. Neste momento, então, todas as forças políticas passarão a gravitar em torno das Cortes e não em torno da Família Real.

Com estas notícias já circulando por aqui, em 26 de fevereiro de 1821, a Coroa Portuguesa, logo ela, tão absolutista, é obrigada a aderir ao constitucionalismo, pressionada pelas tropas descontentes com sua situação e também pelo povo que empreendem uma rebelião obrigando o rei a jurar uma constituição que não havia ainda nem sido escrita, bem como a nomear um novo ministério. Assim, com o constitucionalismo pressionando a Coroa tanto da parte das Cortes em Lisboa quanto da parte das tropas e do povo no Rio de Janeiro, aconteceu que, a partir deste dia até a partida do rei Dom João VI para Portugal dois meses depois, quando este nomeia Dom Pedro dando-lhe plenos poderes sobre o Brasil, a Coroa ficou praticamente de mãos atadas, sem autoridade.

Situação inusitada, neste momento, era a metrópole que prometia a liberdade e o fim dos abusos do antigo regime com o liberalismo e a constituição. O Rio de Janeiro, com a família real, era a ameaça a todas às promessas do constitucionalismo, pois representava o absolutismo. Logo, enquanto os liberais voltarão todas suas atenções para Portugal, aqueles que se mantinham fiéis à monarquia as voltarão para o Rio de Janeiro.

Observe-se que estamos diante de um importante deslocamento ou redefinição da espacialidade política. A referência a qual todos estão propensos não é mais a Corte no Rio de Janeiro, mas sim Portugal, ou seja, o movimento constitucionalista representado pelas Cortes. Tal redefinição de territorialidade política significou, também, a emergência de forças políticas locais, fato de importância capital. De modo geral, criou-se uma situação na qual os liberais estavam voltados para os acontecimentos de Portugal e os que se mantinham fiéis à monarquia ao modo do Antigo Regime, tudo esperavam do Rio de Janeiro. Em outras palavras, da antiga metrópole vinha a esperança de liberdade e o fim de todos os abusos associados ao Antigo Regime e do Rio de Janeiro temia-se a reação contra tais promessas que o 24 de agosto de 1820 anunciara. (BERNARDES, 2006, p. 361)

O status da constituição vinha do fato de ser ela um documento escrito, pois além de ser registrada no papel, era impressa e divulgada para o conhecimento de todos. Ela era a base desta nação regenerada que se estava querendo construir, e isto também era inusitado porque o Estado Português era até então tradicionalmente déspota e tirano, sendo comum para a Coroa as ações de mando totalmente arbitrárias. Tanto que o Rei Dom João VI vai resistir ao constitucionalismo e só vai aderir a ele obrigado por uma rebelião, pela pressão das tropas e do povo.

Tanto Kirsten Schultz (2008) como Denis Bernardes (2006) apontam para o fato de que os brasileiros associavam a queda do antigo regime trazida pelo constitucionalismo com o fim do antigo sistema colonial e um conseqüente novo *status quo* para o Brasil, que não seria mais apenas uma colônia sujeita à autoridade da metrópole, mas um território com uma sede do governo executivo e em pé de igualdade com esta metrópole. Portanto, isto também explica porque o movimento foi bem-vindo em terras brasileiras.

No entanto, o que os revolucionários do Porto queriam mesmo era o seu rei de volta, e mais, queriam que o Brasil voltasse a ser subordinado a Portugal como dantes. Para

levar isto a cabo, as Cortes tomaram medidas tais como exigir a volta de Dom João VI, apoiar juntas de governo locais nas províncias a fim de enfraquecer o poder central de Dom Pedro e também fazê-lo voltar para Portugal. Por fim, também extinguir os tribunais superiores do Rio de Janeiro, deixando assim todos os brasileiros dependentes das decisões de Portugal, do outro lado do oceano.

Só que estas “vontades desencontradas”, como veremos a seguir, só irão entrar em choque meses depois, em fins de 1821. Logo, enquanto isto não acontece, ao contrário do que muitos historiadores pregam, a vontade dos brasileiros não será a independência e a ruptura com Portugal, mas exatamente o contrário: acreditar-se-á que o constitucionalismo poderá regenerar o império português, e todos os esforços serão justamente para manter a união deste.

Este primeiro momento será marcado pela criação das juntas de governo nas províncias e pelas discussões acerca da volta para Portugal ou permanência no Brasil tanto do Rei Dom João VI quanto do Príncipe Dom Pedro dada a importância que a figura do monarca tinha para os portugueses, pois o movimento constitucionalista, apesar de querer liquidar com o absolutismo, continuava considerando a figura do monarca fundamental para a identidade nacional portuguesa:

A instalação da Corte, no Brasil, trouxe uma reestruturação do espaço do Império e, particularmente, do espaço brasileiro. (...) Na pessoa da Rainha-Mãe, mesmo presa da demência, do então príncipe regente e da princesa sua mulher, dos infantes e infantas, bem como de outros membros da família real, foi mais que o Estado – no seu sentido administrativo – que deixou o território metropolitano ancestral. Foi a Nação, com tudo o que tal palavra pode significar, de sentimento, identidade, história, que atravessou o Atlântico. Daí porque, quando eclodiu o movimento do Porto, a questão da volta do rei será, no primeiro momento, a grande questão dos dois lados do Atlântico. Esta centralidade da pessoa real, na arquitetura do poder e da identidade nacional – que não foi, evidentemente, exclusiva de Portugal – explica por que, entre um das pautas mais importantes do movimento constitucionalista do Porto e depois das Cortes de Lisboa, estava a volta do rei ou de algum membro da família real. A constituição liberal liquidava, ou pretendia liquidar, com o Antigo Regime em Portugal, mas a pessoa do rei continuava sendo fundamental para a identidade nacional, para o *ser português*. (BERNARDES, 2006, p. 262 e 263)

A grande questão, neste momento, não será a ruptura ou união com Portugal, mas a identidade nacional e a lealdade política, ou seja, definir que nação era esta que o

constitucionalismo queria fazer soberana, e a quem ser leal, se ao Rei Dom João, às Cortes, ou ao governo do Rio de Janeiro.

Enquanto isto, são instaladas nas diferentes províncias juntas locais de governo, sendo estas subordinadas às Cortes de Lisboa e não ao governo no Rio de Janeiro. Enquanto cuidam de trazer o rei de volta para Portugal, as Cortes também apoiarão estas juntas de governo lançando um decreto que as legitima no dia 18 de abril de 1821, a fim de enfraquecer o poder central no Rio de Janeiro e assim tornar também a presença de Dom Pedro no Brasil desnecessária, conseguindo assim trazê-lo de volta para Portugal também.

Não impelidos pelo desejo de independência, mas pela aflição por não se saber qual seria o futuro político do império português e especialmente o do Brasil, os residentes do Rio de Janeiro se reúnem em uma Assembléia na Praça do Comércio e impõem ao rei o juramento da constituição espanhola enquanto a portuguesa não estivesse pronta e demandam a eleição de uma junta de governo vinculada às Cortes que anularia o poder da Regência. Contudo, a Coroa trai o povo: a assembléia é dissolvida a balas, Dom João volta atrás de tudo que disse e em uma reação contra as Cortes, ele tenta garantir o poder de Dom Pedro nomeando-o regente do Brasil, dando-lhe plenos poderes sobre este território. Dom João ainda limpa os cofres públicos e parte para Portugal praticamente às escondidas cinco dias depois, a 26 de abril de 1821.

Dom João VI volta para Portugal como um rei vencido, pois foi obrigado a ir contra sua vontade e aderir ao constitucionalismo, abrindo mão de praticamente todo o seu poder absolutista para ficar escravo das vontades das Cortes. Entretanto, em um derradeiro esforço para conservar o poder da Coroa, dias antes de deixar o Brasil ele não apenas nomeia Dom Pedro regente, mas dá-lhe muita autoridade, ignorando a existência das Cortes que assim não tinham como freá-lo.

(...) antes de partir, Dom João VI usaria pela última vez suas prerrogativas reais em território brasileiro fazendo do príncipe herdeiro o regente do Reino do Brasil. Decisão que ignorava a existência das Cortes e tomada no uso do resto de poderes absolutos que a distância daquelas ainda lhe permitia. Decisão carregada de conseqüências futuras tanto para Portugal quanto para o Brasil e que não somente tornava a vitória das Cortes incompleta, mas também seria uma das razões de sua posterior derrota. Isto porque, em grande parte, foi nos desdobramentos brasileiros do movimento vintista que se decidiu a fortuna do primeiro constitucionalismo português. (BERNARDES, 2006, p. 332)

Todavia, ao contrário do que prega a historiografia tradicional que muitas vezes apresenta Dom Pedro como o salvador que proclamou a nossa independência e em quem o povo depositava todas suas esperanças, ele ficou em uma situação difícil e complicada logo que seu pai foi embora. Como o rei limpou os cofres públicos antes de partir e várias províncias passaram a se recusar a remeter impostos para o Rio de Janeiro, ou por absolutamente não reconhecerem a autoridade de Dom Pedro ou por estarem primeiramente vinculadas às Cortes e ao rei que agora estava em Portugal e não mais naquela cidade, o regente ficou sem dinheiro para poder atender às reivindicações dos brasileiros, o que causava descontentamento e revolta.

Portanto, neste primeiro momento da regência de Dom Pedro, o povo desconfiava dele e de seu principal ministro, José Bonifácio, e não foi da noite para o dia que o Regente conquistou popularidade entre os brasileiros.

Tudo suspenso como que em compasso de espera, o Brasil aguardava a definição de sua situação política e de seu futuro que deveria vir das decisões das Cortes. Kirsten Schultz (2008) explica que havia, basicamente, três partidos neste momento: havia o partido que estava preocupado com o futuro do governo do Dom Pedro, pois o considerava revestido de boas qualidades, porém inexperiente e rodeado por pessoas que não apoiavam a causa do Brasil; havia os radicais portugueses que queriam formar um governo local leal às Cortes de Lisboa; e por fim, havia o partido vitorioso, que acreditava ser o governo de Dom Pedro o começo de uma era de ouro para o Brasil e apoiavam-no, estando mais preocupados em estabelecer os interesses e a influência da monarquia do que em escrever uma constituição propriamente dita.

Toda esta reviravolta na política precisava ser definida e compreendida. Mais ainda, é esta nação que de repente se dizia soberana precisava ser definida. No afã da necessidade de se entender estas coisas, os brasileiros discutirão nas ruas, nos sermões das igrejas, nas reuniões em casa, e com a liberdade de expressão e de imprensa pregada pelo constitucionalismo formarão toda uma cultura de panfletos, pasquins, jornais e impressos que passarão a não mais circular clandestinamente, mas abertamente:

(...) a proclamação da soberania nacional deu início a uma luta complexa para definir, precisamente, o que ela significava. A partir de 1821, partidários do constitucionalismo de diversas origens e com diferentes agendas buscaram reformular a percepção dos interesses, tanto materiais quanto políticos, e ordenar o que consideravam ser uma nova política.

Ao mesmo tempo (...) que o triunfo do constitucionalismo no Rio de Janeiro pela rebelião de fevereiro, seus significados e conseqüências para a monarquia foram forjados numa cultura política de pasquinadas escritas à mão e, crescentemente desde a transferência da corte, impressas. Folhetos lidos clandestinamente antes e abertamente após a rebelião de fevereiro, ofereciam compreensões do que seria perdido e do que seria ganho com uma nova constituição escrita. (SCHULTZ, 2008, p. 350)

Dentre as diversas coisas a serem definidas, uma das mais importantes será a questão da lealdade política, ou seja, a quem obedecer afinal? O absolutismo caía em descrédito e agora já não se obedecia mais cegamente ao rei. Neste momento, quem dita as regras são as Cortes que se dizem subordinadas ao rei. Mas de repente, o rei nomeia seu filho como regente do Brasil, uma decisão independente das Cortes, e parte para Portugal. Temos então as Cortes e o Rei em Portugal, a quem se deveria obedecer, mas daí temos o próprio governo local. As províncias reagirão das mais variadas maneiras a esta situação. Umás simplesmente ignorarão a autoridade de Dom Pedro, outras não a acatarão, mas a respeitarão, e outras irão apoiá-lo. A própria Corte não sabia ao certo o que fazer.

A província da Bahia, tão logo as notícias do movimento constitucionalista chegam ao Brasil, no dia 10 de fevereiro de 1821, instaura uma junta de governo vinculada às Cortes por conta própria, ignorando o mandato real para o exercício do poder, e ao instaurar esta junta, também é proclamada a constituição. A junta manda um ofício ao Rei comunicando os acontecimentos, e alegando que, agora era ela que dava ao rei o status de “lugar-tenente de Deus na terra” e que, podia fazer-lhe todo o bem, mas que (limitado pelo poder da constituição) não poderia lhe fazer todo o mal. O Rei ainda representava os males do absolutismo e uma conseqüente ameaça ao projeto de regeneração da nação que seria levado a cabo pelas Cortes:

A virada é grande: é a Junta quem constitui o Rei “como lugar tenente de Deus na terra”, limitando contudo seus poderes, para que “não possa fazer mal algum”. A radicalidade que assumirão as lutas na Bahia, primeiro desligando-se do poder real e depois contra o príncipe regente Dom Pedro, talvez não se explique unicamente por questões vinculadas a projetos recolonizadores, como tem sido sempre destacado pela historiografia. A questão constitucional e, sobretudo, a

consideração de que a soberania da nação residia nas Cortes, reunidas em Lisboa, tiveram um papel essencial, que merece ser reexaminado. (BERNARDES, 2006, p. 293)

Portanto, conforme aponta Denis Bernardes (2006), talvez não por simples rebeldia ou por desejos de independência, mas exatamente por obediência, a Bahia toma estas medidas, entendendo que agora era das Cortes que emanava a autoridade e era nelas que residia a soberania nacional.

Pernambuco, ainda com as lembranças frescas dos despotismos do antigo regime que havia brutalmente debelado a revolução de 1817, vendo na constitucionalização uma salvação para isto, também terá uma junta de governo fiel às Cortes e não ao governo do Rio. Por conta de suas experiências políticas, Pernambuco era a província símbolo da luta contra o absolutismo no Brasil, e ter seu apoio era muito importante. Ela era diferente das outras províncias, pois os pernambucanos eram mais politizados e, conseqüentemente, lutavam com mais garra por aquilo que queriam.

Pernambuco apresentava características políticas bastante diferenciadas do conjunto brasileiro e sem remontarmos mais longe, é impossível não ter presente a referência à revolução de 1817. Primeira e única província do Reino Unido a ter instaurado um governo republicano, desenvolvera uma polarização política que, vencida pela repressão sangrenta, não fora contudo totalmente aniquilada. Esta polarização emergiria, naturalmente, com toda força, com as novas condições políticas criadas pela revolução do Porto. (BERNARDES, 2006, p. 378)

Assim, em 29 de agosto de 1821, em uma reação contra o governador nomeado anteriormente pela Coroa, Luís do Rego Barreto, aquele que levou a cabo a repressão contra 1817 aos moldes dos requintes de crueldade do antigo regime e que ficara com fama de déspota, os pernambucanos instauram sua junta de governo vinculada às Cortes, a junta de Goiana. A cidade do Recife fica em estado de sítio e haverá então diversas escaramuças entre o governo de Luís do Rego e os envolvidos no movimento de Goiana.

Já os residentes do Rio de Janeiro, apesar do entusiasmo inicial com o movimento constitucionalista, logo se posicionaram contra as Cortes e a favor de Dom Pedro, pois viram as Cortes, decreto após decreto, lhes tirarem todas as vantagens conquistadas após 1808, tais como: perda do status de sede do governo do império

português, transferência do tesouro real, perda de uma boa faixa de bons consumidores que voltaram para Portugal com o rei, diversas províncias pararam de pagar tributos ao Rio assim que o rei partiu, perda das legações estrangeiras vinculadas à Corte, ameaça de se perder os tribunais ali instalados depois de 1808 e por fim, até mesmo a perda da representação local do governo executivo com o decreto das Cortes que instava Dom Pedro a voltar para Portugal.

O Rio de Janeiro perdeu o lugar de sede de todo o império português, assistiu à transferência do tesouro real, perdeu uma importante faixa de consumidores com alto poder aquisitivo que acompanhou o rei na volta a Portugal, perdeu parte da renda que, até à volta do rei, para lá se dirigia, vinda das províncias do Brasil, perdeu a sede das legações estrangeiras acreditadas junto à Corte e viu a ameaça de perder todos os tribunais superiores instalados depois da vinda da Corte. O Rio de Janeiro perdia, pois, tudo o que ganhara com a instalação da Corte, salvo, naturalmente, as novas condições da vida política. Não surpreende que a população tenha-se, desde logo, mobilizado contra o decreto das Cortes, que obrigava o príncipe a voltar ao Reino de Portugal, e o abaixo-assinado, que resultou no *Fico*, tenha conseguido a adesão de mais de oito mil assinaturas. (BERNARDES, 2006, p. 499 e 500)

As demais províncias também se posicionaram, mas, para o presente trabalho, o que mais nos interessa são as posições das três províncias citadas: Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro.

Neste primeiro momento do constitucionalismo no Brasil, estas juntas de governo locais entusiasmaram-se, pois tinham o apoio das Cortes que irão inclusive oficializá-las com um decreto ao dia 18 de abril de 1821. As juntas eram governos locais eleitos e diretamente ligados ao povo, pois ouviam suas demandas e prometiam atendê-las diretamente junto às Cortes e ao Rei. Daí o caráter democrático, popular e representativo do movimento constitucionalista do Porto.

O intuito das Cortes com este apoio era enfraquecer a autoridade de Dom Pedro, a ponto de tornar sua presença inútil no Brasil e instá-lo a voltar para Portugal, fazendo assim o Brasil perder por completo a sua sede de governo executivo, e conseqüentemente, o colocando novamente subordinado a Portugal, tal como antes da vinda da família real, quando ainda era uma colônia. Falando da instauração da junta da

Bahia, Denis Bernardes (2006) explica estes laços entre estas juntas locais e as Cortes e o enfraquecimento do poder da Coroa:

O que, de fato, estava sendo instituído era um governo local, com submissão apenas formal ao rei e tendente a ligar-se, de início, ao governo saído do movimento do Porto e, depois, às Cortes, símbolo e realidade da nova soberania da nação. Por isso mesmo, as Cortes não tardaram a apoiar e, em seguida, legitimar a existência e atribuições das Juntas. Estava encontrada a fórmula político-administrativa que preenchia, sob vários aspectos, o caráter democrático – ou, se quisermos usar um termo menos forte – representativo e regenerador do programa do *vinetismo*: soberania popular, mediante escolha em processo eleitoral, independência do antigo controle centralizador da Coroa, vinculação direta com as Cortes. Por isso, foi sobre as Juntas de Governo que as Cortes procuraram apoiar a montagem de uma estrutura administrativa que significava a quase total retirada do poder executivo das mãos do monarca e, ao mesmo tempo a elas vinculava diretamente as províncias brasileiras, reatando os antigos laços políticos, abolidos, sob vários aspectos, com a vinda da Corte. (BERNARDES, 2006, p. 320 e 321)

Contudo, mesmo com toda esta confusão, era difícil romper com a ordem estabelecida. A princípio, os brasileiros não queriam independência, só queriam garantir seus direitos em face ao movimento constitucionalista e estabelecer parâmetros de igualdade de direitos e privilégios entre Brasil e Portugal. A tomada de consciência política dos brasileiros foi gradativa, pois a luta foi primeiro entre constitucionalismo e monarquia, para só depois virar luta entre recolonizadores e independentistas. Até fins de 1821, nem mesmo Dom Pedro queria a independência. Até o dia do *fico*, ele queria voltar para Portugal, pois com a criação das juntas de governo, ele não tinha mais poder no Brasil. Ele se dizia leal ao pai e às Cortes e contrário ao partido da independência, como mostra uma carta dirigida ao pai cujo trecho Denis Bernardes transcreve em *O patriotismo Constitucional* (2006, p. 344). As juntas só se rebelavam contra o poder do Rio de Janeiro e obedeciam às Cortes e ao rei Dom João porque eles legitimavam seu poder e não porque visavam independência política. Neste momento, o que todo mundo queria era a regeneração do reino via constituição e a união do Reino. O Brasil estava tentando negociar com Portugal e com as Cortes os termos em que esta união deveria se dar e não uma ruptura, ao contrário do que muitas vezes a historiografia tradicional nos mostra.

Dom João VI criou uma situação política nova ao deixar seu filho Dom Pedro como príncipe regente no Brasil, pois ao fazê-lo, ele conservava um braço da monarquia em

território brasileiro, e que poderia ou não acatar as decisões das Cortes e do movimento constitucionalista. Assim, ao longo de 1821, a luta era entre o constitucionalismo, representado pelas Cortes, e a monarquia, representada por Dom Pedro. Só depois, com os decretos subseqüentes das Cortes, é que este conflito ganharia as feições de embate entre recolonizadores e independentistas.

Dom João VI, com tal decisão (a de deixar Dom Pedro como regente do Brasil), criava uma nova situação política, inesperada para as Cortes e que redefinia todas as peças e condições da luta política. Esta, a partir de então, irá desenvolver-se em torno do príncipe, e não foi por acaso que a reação das Cortes foi ordenar a sua volta, com as conseqüências que todos conhecem. Assim estava posta, inicialmente, a luta entre o movimento constitucionalista, representado pelas Cortes e as prerrogativas tradicionais da monarquia, representada bem mais pelo príncipe no Brasil, que pelo rei, em Portugal. Só depois é que esta luta tomou o caráter de embate entre recolonizadores e independentistas, ao contrário da imagem construída pela chamada historiografia da Independência. (BERNARDES, 2006, p. 336)

Segundo Kirsten Schultz (2008), a idéia de união dos portugueses de todas as partes do reino era tradicional para os lusitanos, pois já na época de Marquês do Pombal os estadistas portugueses enfatizavam a idéia de união entre Portugal e Brasil como fator de força e prosperidade, até porque eles bem sabiam dos potenciais de sua imensa colônia e que a metrópole, dadas suas limitações econômicas, precisava e dependia muito do Brasil. O movimento constitucionalista foi a princípio inclusive encarado como um fator de união entre os súditos portugueses das diferentes partes do reino. Pois a vinda da família real para o Brasil havia sido encarada de maneiras diferentes dos dois lados do Atlântico, já que os portugueses achavam que tinham perdido direitos e liberdades, ao passo que os brasileiros julgavam os terem ganhado. Assim, vassalos de ambos os lados do Atlântico se engajaram em uma mesma causa vendo o constitucionalismo pelo prisma da representação (membros eleitos pelo povo) e pela soberania nacional, além, claro, de todos desejarem uma constituição. Enquanto em Portugal os súditos (agora cidadãos) se empenhavam em redigir uma constituição, no Brasil eles se preocupavam em apoiar o movimento e em fazer o rei aderir a ele também.

A união entre Brasil e Portugal parecia perfeitamente possível até que as “vontades desencontradas” das Cortes e dos brasileiros entram em choque quando, em

meados de setembro de 1821, as Cortes lançam decretos ordenando também a volta de Dom Pedro para Portugal e a extinção dos tribunais superiores do Rio de Janeiro criados quando da transmigração da família real. Estes decretos tiravam do Brasil, assim, sua sede de governo executivo e sua autonomia para decidir as menores causas judiciais e administrativas, que teriam de ser resolvidas do outro lado do oceano. Portanto, de ato em ato, as Cortes tentam derrubar todas as conquistas de igualdade e autonomia que o Brasil havia ganhado após 1808. As notícias destes decretos chegarão ao Brasil apenas em dezembro de 1821, causando viva indignação primeiramente no Rio de Janeiro e depois também em outras províncias.

Denis Bernardes (2006) explica o incômodo que estas medidas representariam para a população de Pernambuco, e que ilustra bem o incômodo que seriam para todos os brasileiros:

Esta questão atingia importantes interesses da parcela da população de Pernambuco, além de apresentar um aspecto simbólico de grande significação, representando a volta de uma situação anterior à instalação da Corte no Brasil, ou seja, o sentimento de uma volta ao estatuto colonial. Os interesses materiais estavam representados pelo que significaria como demora e despesas depender de decisões em tribunais e repartições situados do outro lado do Atlântico, não somente para pendências jurídicas e administrativas, como também para o acesso a empregos, benefícios e patentes. (BERNARDES, 2006, p. 478)

Brasil e Portugal passam a se desentender cada vez mais, pois mesmo com a ida da Família Real para o Brasil, a Coroa continuava sendo portuguesa, favorecendo aos portugueses, e não aos brasileiros, ao passo que a situação entre as duas partes do reino se tornava cada vez mais tensa, culminando com a decisão do príncipe de ficar no Brasil, desobedecendo as Cortes:

O “partido brasileiro” concentrou seus esforços no objetivo de conseguir a permanência de Dom Pedro no Brasil. A decisão do príncipe de ficar no país, solenizada no “dia do fico” (9 de janeiro de 1822), representou a escolha de um caminho sem retorno. (FAUSTO, 2007, p. 132)

A Corte no Rio de Janeiro tremia com as notícias vindas de Portugal, assim como as Cortes temiam hostilidades da parte do governo do Rio, o que poderia criar um

impasse político que causaria a cisão do reino. A situação era complexa, pois a adesão das juntas de governo ao movimento constitucional e o juramento do Rei à constituição eram vitórias das Cortes. No entanto, a permanência de Dom Pedro no Brasil como Regente era uma vitória da monarquia e um fator de autonomia política brasileira.

Neste momento, o conflito central em curso era que, com a transmigração da família real para o Brasil, o seu status de colônia desaparecia, e este desaparecimento é que estava sendo negociado. O ponto chave para o Brasil garantir os seus interesses e o seu status de Nação no seio do Reino Unido era o reconhecimento pela constituição de uma sede do poder executivo e de uma administração autônoma para o território brasileiro. Logo, o futuro do reino estava na conciliação (ou não) dos interesses do Brasil e dos interesses de Portugal, os quais não pareciam ser os mesmos.

Exatamente neste momento conturbado da história brasileira, a viajante britânica Maria Graham chega ao Brasil, mais precisamente no dia 21 de setembro de 1821, quando o navio da marinha de guerra britânica em que viajava, a fragata *Dóris*, aporta na cidade do Recife, sendo isto dias antes de as Cortes demandarem a volta de Dom Pedro para Portugal, bem como a extinção dos tribunais superiores do Rio de Janeiro, notícias que só chegariam ao Brasil em dezembro de 1821. Ou seja, quando a viajante chega a terras brasileiras, todos ainda estão esperando as decisões vindas do outro lado do oceano (das Cortes), o reino português e especialmente o Brasil estão com sua situação política indefinida, e ainda com a crença de que era possível manter a união entre Portugal e Brasil. Tudo isto tendo se desencadeado a partir da Revolução do Porto, que foi, também, uma reação ao domínio britânico que se infiltrava no reino português cada vez mais.

Em *Diário de uma viagem ao Brasil*, Graham registra a sua estada em nosso país nos anos de 1821, 1822 e 1823, e, neste texto, é possível ver reflexos do contexto brasileiro da época, bem como da grande influência que a Inglaterra exercia no cenário histórico.

**CAPÍTULO I**  
**QUEM ERA A MULHER, A**  
**VIAJANTE, A ESCRITORA**

Ao longo da biografia de Maria Graham, organizada por Rosamund Brunel Gotch (1937), bem como em outros livros sobre a autora, multiplicam-se predicados tais como “intrépida”, “corajosa” e “brave woman” (brava mulher). Além destas peculiaridades, todos falam em uma habilidade de observação muito aguçada. Será mesmo? A pergunta não precisa ser respondida nem por mim nem por ninguém, as passagens de sua biografia e seus diários de viagem já a respondem por si só.

Maria Graham nasceu em Papcastle, na Grã-Bretanha, ao dia dezenove de julho de 1785, filha de uma norte-americana e de um oficial da marinha britânica. Já pequena, estudou em casa com a mãe e depois com o padre da vila onde moravam. Segundo ela, desde que era criança, a família se mudava muito por conta do trabalho de seu pai, o que a tornou uma pessoa de fácil adaptação a mudanças, rápida e esperta.

Aos oito anos ela sai de casa para estudar em um colégio interno no interior da Inglaterra. Seu gênio incomum já começa a se manifestar na maneira sarcástica com a qual ela narra sua passagem pela casa de uns parentes ricos em Londres, a caminho do referido colégio. Na capital, era preciso estar na moda, o que ela, vinda do interior, evidentemente não estava. Desde criança ela já diz não gostar de moda e de pequenas regras de etiqueta, e como naquela época a França estava na moda, ela mesma se diz uma “pequena selvagem” quando comparada com seus primos afrancesados:

At the time I speak of, a number of the old nobility of France had been driven into this country (England) by the first acts of the Revolution. It had long been the fashion to consider all that came from Paris, as perfect. It was not only as to dress, but manners and sentiment, and all that may be called the minor morals of life, were required to be in a certain degree French, in order to be worthy of good company. The very children were Frenchified, to use a vulgar term (...). If my dear kind aunt had a fault, it was too great a devotion to elegance and fashion, and I do not wonder at her being and expressing herself shocked at the little savage my father presented to her, when she compared me with her own gentle and well-trained children. (GRAHAM *apud* GOTCH, 1937, p. 18)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Nesta época, uma boa parte da velha nobreza da França havia se dirigido para este país (Inglaterra) por conta dos primeiros atos da Revolução. Já havia um bom tempo que se costumava considerar como perfeita toda moda que vinha de Paris. Isto não se restringia apenas à vestimenta, mas incluía também boas maneiras e sentimentos, e tudo que poderia ser chamado de as morais menores da vida. Tudo isto era necessário para se ser considerado, pelo menos em certo grau, francês, a fim de se ser digno de ter boas companhias. Até mesmo as crianças eram afrancesadas, para usar um termo vulgar (...).

A sua ida para o colégio interno em Abingdon se deu graças às relações de seus tios muito ricos que moravam em Richmond, os Dundas. Neste colégio, a pequena Maria é exposta à riqueza cultural quando ainda era uma criança. Tinha professores que eram celebridades intelectuais na época, cedo aprende a desenhar, estuda Francês, e desenvolve o gosto por observar paisagens, a natureza, e até mesmo plantas; habilidades as quais seriam largamente usadas depois, nas literalmente incríveis jornadas de Maria pelo mundo afora.

Nestas notas autobiográficas, ditadas a uma amiga pouco antes de morrer, ela faz uma imagem interessante de si mesma, considerando-se uma mulher não muito bonita, mas curiosa, culta, e um tanto ousada para aquela época. Pois ao contar estas reminiscências de sua infância, os episódios já mostram uma menina que prometia certamente ser uma grande mulher. Ela se considerava uma pessoa de boa índole, mas com gênio muito difícil, tendo dado um bom bocado de trabalho aos seus professores no colégio.

Foi apelidada de “tiger” pelos seus coleguinhas, porque quando havia alguma desavença entre eles, Maria lhes cravava os dentes sem dó nem piedade, o que muitas vezes a levou para o castigo, enclausurada sozinha em um quarto. Durante estes castigos, ela pegava livros escondida das professoras, e passava o tempo lendo. Aos nove anos já lia Homero e Shakespeare, o que, segundo ela própria, era estranho para uma criança daquela idade. Este gênio turrão e o fato de não ser “afrancesada” fez com que as pessoas no colégio a considerassem insensível e até mesmo grosseira. Seus talentos eram considerados “talentos de menino”, pois naquela época, estudos e literaturas eram coisas para homens. Mulheres deveriam ser destros em serviços domésticos a fim de se tornarem boas mães e esposas, o que, segundo ela própria, não era o seu caso:

I used to hear that it was a pity I was not a boy, for then my talents might be of some use, but no good ever came to learned ladies, that they were in general extremely conceited and unfit for anything useful. A few rhymes that I once hitched together were at once condemned to the flames as showing a disposition towards pursuits incompatible with the homely duties to be followed by the daughter of so poor a man as my father. (GRAHAM *apud* GOTCH, 1937, p. 33)<sup>2</sup>

---

Se minha querida e doce tia tinha um defeito, este era uma devoção exagerada à elegância e à moda. Logo, não me surpreendo com o fato de ela ter se mostrado chocada perante a pequena selvagem que meu pai havia lhe apresentado quando ela me comparava com seus doces e bem treinados filhos. (Tradução minha)

<sup>2</sup> Eu costumava ouvir que era uma pena eu não ser um menino, pois assim meus talentos poderiam ter alguma utilidade, já que nada de bom poderia haver para mulheres cultas, que eram em geral extremamente

Nesta época, por volta de 1794, ninguém imaginava que seus “talentos de menino” seriam de muita valia mais tarde, em suas incríveis aventuras de viajante e escritora. Cedo já se manifestaram suas paixões pelo mar, geografia e mapas. Mas o que a sociedade realmente queria que ela aprendesse era etiqueta e boas maneiras. Recebeu muitas aulas disto, o que ela dizia odiar, pois como visto em citação anterior, ela chega a se referir a estas coisas de maneira um tanto ácida, as chamando de “pequenas morais da vida”. Em suas férias em Richmond, com seus parentes ricos, as tentativas de refiná-la eram constantes.

Nestas férias, Maria ia muito ao teatro, e participava das festas e bailes da alta roda da intelectualidade britânica por conta das relações de seus tios, os Dundas. Pois se não fosse seu parentesco com eles, ela nunca teria acesso à alta sociedade, já que seu pai, apesar de ser oficial da marinha, era pobre. No entanto, ela própria dizia não dar bola para aristocracia e achava uma bobagem o dito “orgulho de nascimento”. Sendo que, nestas festas e bailes, seu caráter pouco usual para a época se sobressaía pelo fato de que, enquanto as mocinhas da sua idade cumpriam a sua função de ficarem comportadas, ou seja, em silêncio, a nossa intrépida personagem conversava com todo mundo, sempre sedenta de novos conhecimentos. Ela não se envergonhava de ser de origem humilde.

Aos dezoito anos, Maria deixa o colégio interno em Abingdon, lamentando ter de fazê-lo para ir para o mundo, e já mostrando disposição para ser professora, o que de fato ela também seria mais tarde. Ela então faz uma viagem para a Escócia com seu pai, e sua curiosidade de observadora acurada já começa a se manifestar, pois ela visitava as fazendas dos lugares por onde passava e averiguava todo o seu funcionamento, atividades e estrutura. Também fazia questão de travar amizade com o meio literário escocês, e nas festas, como não gostava de dançar, preferia conversar, tal como em Richmond.

Contudo, para grande irritação da autora, ela enfrentou muito preconceito por causa deste comportamento. Segundo ela, como estudos e cultura eram considerados coisas para homens (o que ela não aceitava de jeito nenhum), e que era exatamente (e tão somente) o que ela buscava nestas conversas com todo mundo, as pessoas começaram a

---

arrogantes e sem serventia. Umhas poucas rimas que uma vez eu cheguei a escrever foram condenadas às chamas por mostrarem uma tendência para objetivos incompatíveis com a vida de dona de casa a ser seguida pela filha de um homem tão pobre como meu pai. (Tradução minha)

dizer que, na verdade, ela estava à caça de um bom partido para casar, especialmente pelo fato de não ser rica:

Loving Literature as I did, I considered that the great difference between men and women was that of education, that men were secured, as it were, in classical instruction, which I envied excessively; and it never entered into my mind that such as had the same pursuits, and lived among the same things, were not free to converse like brother and sister on the objects of common interest.

(...) I shocked the prejudices of many, and alarmed the caution of more, by the ease with which I conversed alike with men and women, talking with great pleasure on subjects of which I knew anything, and eager for discourse on new subjects. Not having been brought up to the trade of coming out for the market, as young ladies generally are, I was truly surprised and unaffectedly indignant when certain gossips, male and female, discovered in me a spirit of flirtation when I was only seeking for knowledge, and that I have calculated the income of several young gentlemen with whom I was in the habit of conversing, when in all sincerity I knew not the rank of any of them (...). (GRAHAM *apud* GOTCH, 1937, p. 83 e 84)<sup>3</sup>

No entanto, toda esta força de caráter de uma mulher incomum para a sua época também escondia uma natureza delicada e de sentimentos ternos. Durante esta viagem à Escócia, ela enfrenta a doença que a perseguiu durante toda a sua vida e que acabou por matá-la: a tuberculose. Por causa disto ela teve que voltar para Richmond, o que fez com que as pessoas a sua volta se preocupassem com ela. Ela diz ter ficado muito feliz com isto, pois mostrava que alguém se importava com ela, já que até então havia se sentido muito sozinha.

Esta mistura de intrepidez e sensibilidade se lançaria ao mundo em sua primeira grande jornada em 1809, quando ela acompanha o pai em uma viagem de trabalho para a

---

<sup>3</sup> Amando Literatura do jeito que eu amava, eu considerava a educação a grande diferença entre homens e mulheres, pois esta era assegurada somente aos homens. Eles tinham a instrução clássica, e eu os invejava excessivamente por isto, pois nunca entrou em minha cabeça que, buscando os mesmos objetivos e convivendo com as mesmas coisas, homens e mulheres não pudessem conversar como irmão e irmã sobre assuntos de interesse comum.

(...) eu choquei os preconceitos de muitos, e alarmei a precaução de tantos outros, com a facilidade com a qual eu conversava com homens e mulheres, falando com muito prazer sobre o que quer que fosse, e muito disposta a conversar sobre novos assuntos. Não tendo sido educada para estar no mercado, como as mocinhas geralmente o são, eu fiquei realmente surpresa e sinceramente indignada quando certos fofoqueiros e fofoqueiras descobriram em mim um espírito de flerte, quando na verdade eu estava apenas em busca de conhecimento. Também diziam que eu havia calculado a renda de alguns rapazes com quem tinha o hábito de conversar, quando na verdade eu nem sequer sabia a posição social de nenhum deles (...). (Tradução minha)

Índia. É desta viagem também que resulta o seu primeiro diário de viagem, que começaria a consagrá-la como escritora e observadora de usos e costumes muito respeitada.

Maria Graham já começa a enfrentar as peculiaridades das viagens em uma jornada de navio que levou nada menos do que oito meses para chegar à Índia, com nada menos do que trezentas pessoas a bordo. Seus hábitos de viajante, que apareceriam aqui no Brasil começam a se delinear, pois ela passava o tempo lendo, estudando línguas, conversando com todos a sua volta, dando aula para os marujos, e desenhando as paisagens dos lugares por onde passa. Segundo a viajante, estudar e ler ajudava a amansar as dores da vida.

A sua quase espetacular implicância com Portugal, que virá a ser um dos traços marcantes de seu diário de viagem pelo Brasil, também já aparece nesta época, pois ao passar pela Ilha da Madeira e pelo Funchal (a caminho da Índia) ela critica a indolência dos portugueses e o hábito de manterem as mulheres reclusas.

Nesta viagem também já aparece o seu hábito de observar tudo a sua volta, o que conferia uma gama muito variada de assuntos a seus diários. Ela fala no clima ameno e na beleza das noites tropicais e suas estrelas, na cerimônia da passagem pela Linha do Equador, nos sentimentos de quem viaja no mar (só para citar alguns exemplos), e, claro, desde esta época, já critica a escravidão, a qual sempre se disse contra.

Quando o navio em que Graham viajava passa pela Colônia do Cabo, na África, ela critica os holandeses por serem tiranos e maltratarem os escravos, sendo que a Inglaterra já havia proibido o tráfico nesta colônia. Seu repúdio a este sistema de trabalho também vai permear boa parte de suas aventuras pelo mundo, sendo possível encontrar em seus diários descrições cruas e horripilantes dos maus tratos rendidos aos escravos. Na passagem abaixo ela conta como estas pobres criaturas são castigadas e muitas vezes mortas na Cidade do Cabo:

Since the British obtained possession of the Colony in 1796, the use of torture has been abandoned, but the Dutch send their slaves to a house near the sea called, I think, "the trunk", where they are punished according to the sum deposited with them, and I am told that they are scourged sometimes so unmercifully that, if they

leave this detestable place, they are cripples; but frequently they disappear, and no inquiry is made concerning them. (GRAHAM *apud* GOTCH, 1937, p. 124)<sup>4</sup>

É também nesta viagem que um fato decisivo na sua vida se consolida: ela conhece o oficial da marinha britânica que viria a ser seu primeiro marido, o capitão Thomas Graham. Foi por causa dos serviços dele que ela veio para a América do Sul, se tornando uma personagem importante aqui no Brasil quando da sua recente independência.

Neste diário de viagem para a Índia, quando a autora fala em Thomas, do momento em que declaram seu amor um para o outro, e de como ela estava apaixonada por ele, temos passagens um tanto passionais, não encontradas em seu diário de viagem ao Brasil, por exemplo. Neste momento, em sua biografia, Maria explica o porquê de um traço constante em seus diários: a ausência de passagens mais passionais ou com detalhes mais pessoais de sua vida. Segundo ela, como este era seu primeiro diário de viagem, e ela ainda não era uma escritora profissional, não havia a intenção de publicá-lo, logo, ela não tomou o cuidado de só escrever o que poderia vir a público. Originalmente, ela escreveu este diário para entreter uma amiga, e nada mais. No *Diário de uma viagem ao Brasil*, ela toma este cuidado, pois quando aqui esteve, ela já era uma escritora consagrada e viajante experimentada, e já chegou com a intenção de publicar suas notas. De fato, como veremos adiante, o diário sobre o Brasil é mais sóbrio, sem passagens mais sentimentais.

Por ser filha (e agora também esposa) de um oficial da marinha, já na Índia ela tem acesso à alta sociedade, participando de festas e jantares com governantes e figuras importantes do cenário político local, tal como aconteceu quando ela esteve no Brasil. Sempre o costume de descrever a sociedade dos lugares que visita, observando seu modo de vida e cultura, e sempre querendo aprender mais. O que mostra que muitos traços de seu diário e de suas aventuras no Brasil eram permanentes em Maria, e não exclusividade de sua estada aqui. Ainda na Índia, ela mostra o gosto por tudo quanto é tipo de programa

---

<sup>4</sup> Desde que os britânicos obtiveram a Colônia, em 1796, o uso da tortura foi abandonado. No entanto, os holandeses mandam seus escravos para uma casa próxima ao mar chamada, eu acho, “o calabouço”, onde eles são punidos de acordo com a soma de dinheiro depositada junto com eles. Além do mais, contaram-me que, às vezes, eles são judiados de maneira tão cruel que mesmo quando conseguem sair deste lugar detestável, mal conseguem andar. Mas freqüentemente eles desaparecem, e nada se pergunta a respeito. (Tradução minha)

turístico, mesmo sendo eles os mais insólitos, como andar de elefante, andar em areia quente ou escalar pedras, tudo em nome da observação minuciosa.

Enfim, sua disposição para tantas atividades lhe rendem um diário recheado de assuntos variados que se torna um grande sucesso na Europa, consagrando-a como escritora profissional e conquistando o respeito dos críticos que passam a vê-la não mais como uma mera caçadora de maridos, mas uma intelectual competente, conforme seu biógrafo, Rosamund Brunel Gotch, atesta, ao relatar uma das críticas publicadas então:

(...) the Quarterly Review for Dec. 1812 (Vol. VIII, p. 406) published an article which begins rather flippantly: - "A book by a young lady, who probably went to India like most young ladies, to procure a husband instead of information, is a literary curiosity which we are not disposed to overlook"; but it proceeds to devote fifteen pages to what is more an epitome of the subject than a critical review, and winds up with a condescending pat on the back: "Miss Graham will readily perceive, by the attention which we have given to her labours, that we think not slightly of them." (GOTCH, 1937, p. 142)<sup>5</sup>

Por volta de 1815, Maria Graham já é uma escritora conhecida na Inglaterra, e começa a se envolver de fato no mercado de Literatura, discutindo projetos literários e até mesmo trabalhos de tradução. Uma mulher um tanto ousada, que contrariava radicalmente o conceito que a sociedade tinha do comportamento correto de uma mulher casada, uma mulher de família. Além de trabalhar e estudar muito, ela mesma admite que não era uma boa dona de casa, e nunca foi muito afeita aos ditos "serviços do lar". Tinha uma vida social movimentada e adorava estar na companhia de intelectuais.

Além de escrever livros, que era uma coisa que as mulheres não costumavam fazer em princípios do século XIX, seus diários eram recheados de passagens relacionadas à política e questões públicas, o que também não era assunto para mulheres. Mas a época era de ebulição e nossa ilustre personagem não podia deixar de registrar os reflexos disto em seus escritos.

---

<sup>5</sup> (...) o Quarterly Review de dezembro de 1812 (Vol. VIII, p. 406) publicou um artigo que começa de maneira um tanto jocosa: - "Um livro escrito por uma mocinha que provavelmente foi para a Índia com o mesmo intuito que a maioria das mocinhas, ou seja, procurar um marido ao invés de informação, é, na verdade, uma curiosidade literária a qual não pretendemos deixar passar despercebida". Seguem-se quinze páginas de algo que é mais um grande elogio ao livro do que uma análise crítica, e que termina com um lisonjeiro comentário: "A Senhorita Graham logo perceberá, pela atenção que temos dado aos seus trabalhos, que nós não o consideramos de pouca monta." (Tradução minha)

Seguindo sua sina de viajante, em 1818, provavelmente por conta do trabalho do marido, o casal viaja para a Itália, o que rende mais um diário de viagem. Havia disposição para revolução na Itália, mas ela passeava em meio ao perigo mesmo assim, e descrevia todas as agitações políticas locais, tal qual como faria no Brasil tempos depois.

Em 1821, o capitão Thomas Graham é chamado pela marinha para uma missão nas revoluções pela libertação da América do Sul, que estava em pleno processo de independência das metrópoles européias; Espanha, no caso de muitos países, e Portugal, especificamente no caso do Brasil. Segundo Mary Louise Pratt, em *Os olhos do Império*, a Inglaterra foi um dos principais participantes militares e financeiros nestas revoluções pela independência das nações sul-americanas, sendo o casal Graham parte de uma grande onda de viajantes e militares (entre outros) britânicos que veio para a América em princípios do século XIX:

Durante os anos 1820, as revoluções sul-americanas, nas quais a Grã-Bretanha e a França foram os maiores participantes militares e financeiros, tornaram-se fonte de imenso interesse na Europa, tornando-se, como disse Stevenson, “um serviço quase obrigatório” para os viajantes, “incumbir-se de escrever”. As revoluções foram também o que tornou as viagens possíveis, e as oportunidades abertas por elas criaram um impulso que, sem dúvida, equiparava-se às paixões científicas de Humboldt. Como outros comentaristas têm observado, a onda de viajantes na América do Sul nas décadas de 1810 e 1820 foi principalmente de britânicos que, em sua maioria, viajaram e escreveram como batedores avançados do capital europeu. (PRATT, 1999, p. 252)

Chegamos então no já citado dia 21 de setembro de 1821, dia em que as histórias de Maria Graham e do Brasil se cruzam para dar origem não só ao *Diário de uma viagem ao Brasil*, mas também ao encontro de uma grande personalidade com um momento muito peculiar de um território tentando definir sua identidade nacional.

Contudo, por que se dar o trabalho de escrever um livro tão extenso (tem mais de 300 páginas) sobre um país distante e de costumes bárbaros? Na conjuntura de então, os motivos para se escrever um relato de viagem eram muitos. Em primeiro lugar, como já vimos na biografia da autora, quando ela chegou aqui, já era uma escritora profissional e consagrada, ou seja, ao escrever um diário de viagem com intenção de posterior publicação, ela nada mais estava fazendo do que desempenhando sua profissão. Pois como já

apontamos neste trabalho, antes mesmo de vir ao Brasil Graham já estava bem envolvida com o mercado da Literatura, não só como escritora de relatos de viagem, mas também com outros projetos literários e como tradutora.

Considerá-la uma escritora profissional em exercício ao registrar suas peripécias pela América do Sul, e não apenas uma inocente acompanhante do marido que resolveu escrever um diário para passar o tempo, mostra-se pertinente ao constatarmos que ela já se preocupava com seu desempenho no mercado literário europeu quando ainda estava aqui no Brasil. Em uma carta escrita daqui para o seu editor na Inglaterra, John Murray, que consta na biografia organizada por Gotch (1937, p. 244), ela pede que ele a informe sobre sua situação no mercado: “I beg as a special favour you will write to me sometimes and tell me of the world of authors and books... I should like to know how *I* am going on. Pray tell me, and don’t be nice if it is ill...”<sup>6</sup>

Em segundo lugar, escrevendo na primeira metade do século XIX, Maria Graham estava sob o efeito do processo de popularização da cultura impressa de massa, que havia tomado corpo na segunda metade do século XVIII, trazendo consigo a conseqüente profissionalização da escrita. Segundo Mary Louise Pratt, a literatura de viagem não ficou imune a isto, tornando-se um negócio lucrativo que incitava os escritores-viajantes a produzirem textos competitivos e atraentes para o seu público leitor. Isto significava muitas vezes a cuidadosa escolha de assuntos a se escrever, bem como a ornamentação dos textos:

A literatura de viagem não permaneceu imune à profissionalização da escrita no século XVIII. Agora que ela havia se tornado um negócio lucrativo, escritores-viajantes e seus editores se baseavam cada vez mais em escritores e editores profissionais para assegurar um produto competitivo, freqüentemente transformando completamente os manuscritos, em geral na direção do romance. Debates sobre ornamentação, sedução, verdade nua, e tópicos correlatos são freqüentemente debates sobre o papel destas figuras e os compromissos envolvidos ao se escrever por dinheiro. (PRATT, 1999, p. 159)

Em terceiro lugar, além de Graham já estar envolvida no mercado de Literatura, os relatos de viagem sobre o Novo Mundo eram largamente consumidos tanto na Europa

---

<sup>6</sup> Eu peço ao Senhor o favor especial de vez ou outra me escrever para me contar do mundo dos autores e dos livros... Eu gostaria de saber como vai meu desempenho neste meio. Por favor, conte-me tudo e não tente ser gentil caso os comentários sejam ruins... (Tradução minha)

quanto na própria América. Logo, nada mais lógico do que publicar um livro desta estirpe, o qual seria, provavelmente, muito rentável para a escritora.

Os relatos de viagem eram um meio eficaz de divulgação de informações em uma época em que os meios de comunicação ainda eram muito precários, e que quase ninguém tinha a oportunidade de viajar. Tanto na Europa quanto no Brasil, este tipo de literatura era muito popular. Conforme Pratt (1999, p. 208), na Europa de meados do século XIX, “A ânsia sobre informações de primeira mão a respeito da América do Sul era generalizada e intensa (...)”. Pois apesar deste território ter sido descoberto tanto tempo antes, permanecia praticamente desconhecido para os europeus até então.

Portanto, como as idéias explanadas até aqui mostram, os motivos para Maria Graham querer escrever um diário sobre suas jornadas pela América do Sul não eram poucos, e vão muito além de um passatempo inocente durante a viagem. Os relatos de viagem eram largamente consumidos tanto na Europa quanto na América, e a Literatura era a sua profissão, que já estava consolidada quando ela avistou nossas terras pela primeira vez em 21 de setembro de 1821. Além de já ter experiência como escritora, ela também já tinha experiência como viajante, o que, conseqüentemente, lhe facilitava a produção de um relato interessante e de provável sucesso.

Os relatos de viagem eram muito populares dos dois lados do Oceano Atlântico também porque os meios de comunicação eram muito limitados na época, e como muito pouca gente podia viajar, os leitores europeus de um lado estavam ávidos por informações sobre o Novo Mundo, e os brasileiros, por outro lado, viam nos relatos de viagem uma grande fonte de conhecimentos que não adquiririam de outras maneiras. Logo, um relato de viagem sobre este território ainda estranho para os europeus e muitas vezes ainda estranho para os próprios americanos era então uma provável (quase certa) grande fonte de lucros, que uma escritora de renome como Maria Graham não poderia deixar de aproveitar.

No entanto, apesar de toda a popularidade dos relatos de viagem no Brasil, posto que os brasileiros liam muito os viajantes estrangeiros, Graham, pelo menos inicialmente, tencionou escrever o seu *Diário de uma viagem ao Brasil* especificamente para o público britânico, como ela mesma afirma em uma determinada passagem de seu diário. Em uma das diversas festas da corte à qual compareceu, a viajante comenta as

belezas e a elegância das mulheres presentes apenas brevemente, pois segundo ela, isto não interessaria a seus amigos ingleses, para quem ela estava escrevendo o diário:

Erraria se não mencionasse as damas da corte. Com olhos parciais preferiria minha bela patricia, a nova marquesa; mas é preciso mencionar ainda a doce e jovem esposa Maria de Loreto, e um grupo de outras da mais atrativa aparência; depois havia as jóias da baronesa de Campos e as da viscondessa do Rio Seco, inferiores somente às da Imperatriz. Mas não é possível enumerar todas as riquezas ou belezas presentes, **nem interessaria aos meus amigos ingleses, para quem este jornal é escrito se eu o pudesse fazer.** (Grifo meu) (GRAHAM, 1956, p. 359 e 360)<sup>7</sup>

Um livro escrito para europeus, com explicações para europeus, com assuntos de interesse dos europeus: o Novo Mundo e todas as suas peculiaridades. O que em parte explica, como veremos adiante, a gama tão variada de assuntos que encontramos no relato de Graham: festas da corte, escravidão, política, comidas, etc. Muito do que ela viu e aprendeu sobre o Brasil, e que poderia ser considerado “exótico” e “pitoresco” pelo seu público leitor foi incluído em seu diário. Como também veremos adiante, em sendo o seu público alvo britânico, isto também explica a postura que a narradora toma ao longo do livro, na maneira favorável com que ela apresenta a presença britânica no Brasil de então.

Considerando que Maria Graham era uma escritora profissional, a escolha de seu público alvo, bem como dos assuntos a serem apresentados para esta audiência não foram mero acaso. Em *Os olhos do império*, Marie Louise Pratt inclui Graham em uma categoria feminina de viajantes, as quais chama de “exploradoras sociais”. Segundo ela, estas escritoras-viajantes visavam amplas audiências, e exatamente por isso evitavam linguagem técnica e tendiam mais para o social, dando um tom literário aos seus escritos. Nem técnicas, nem panfletárias, elas souberam perceber que tipo de escrita teria impacto sobre as massas:

---

<sup>7</sup> No original, lê-se: I should do wrong not to mention the ladies of the court. My partial eyes preferred my pretty countrywoman the new Marchioness; but there were the sweet young bride Maria de Loreto, and a number of others of most engaging appearance; and then there were the jewels of the Baronessa de Campos, and those of the Viscondeça do Rio Seco, only inferior to those of the Empress; but I cannot enumerate all the riches, or beauty; **nor would it entertain my English friends, for whom this journal is written, if I could.** (GRAHAM, 2007, p. 327) (Grifo meu)

Visando audiências mais amplas (...) as exploradoras sociais evitavam linguagens estatísticas especializadas baseadas na autoridade técnica e, em vez disso, faziam uso da prática novelística para expressar suas descobertas, produzindo uma “sutil fusão do literário e do social, desenvolvido ao nível do estilo.” (PRATT, 1999, p. 277)

(...) evitar a armadilha do tecnicismo burocrático, a seara do discurso oficial masculino, que elas percebem ter pequeno impacto sobre as massas. Elas também escapam do fácil sócio-sentimentalismo que está começando, não sem sucesso, a explorar o gênero do panfleto. (DAMARLE *apud* PRATT, 1999, p. 277)

Considerar o público alvo é de suma importância para se entender um texto. De acordo com Todorov (1988, p. 224), em *A conquista da América*, “(...) o destinatário é tão responsável pelo conteúdo de um discurso quanto seu autor.” O autor fala nos cronistas-viajantes, e na não pertinência em se indagar se o que relatam em seus textos é verdadeiro ou falso. O fato de um determinado tipo de texto poder ser recebido pelo público e algo poder ser afirmado já é um tanto revelador, a partir do momento em que consideramos esta recepção como reveladora de ideologias.

(...) um fato pode não ter acontecido, contrariamente às alegações de um cronista. Mas o fato de ele ter podido afirmá-lo, de ter podido contar com a sua aceitação pelo público contemporâneo, é pelo menos tão revelador quanto a simples ocorrência de um evento, a qual, finalmente, deve-se ao acaso. A recepção dos enunciados é mais reveladora para a história das ideologias do que sua produção; e quando um autor comete um engano ou mente, seu texto não é menos significativo do que quando diz a verdade; o que importa é que o texto possa ser recebido pelos contemporâneos, ou que seu produtor tenha acreditado nele. Nessa perspectiva, a noção de “falso” não é pertinente. (TODOROV, 1988, p. 52)

No contexto de produção dos escritos de Graham, isto aparece refletido em várias facetas: na escolha de escrever sobre o Novo Mundo e a situação política (que sofria a influência britânica) neste território exatamente para o público britânico, que como grande parte dos europeus da época, estava transbordando de curiosidade a respeito destas terras distantes. Além disto, a grande maioria destes curiosos não podia satisfazer sua sanha vendo este lugar com os próprios olhos, o que os obrigava a consumir relatos de viagem, já que a imprensa impressa era praticamente o único meio de comunicação que trazia notícias deste ainda desconhecido continente, a América.

Escrever um diário de viagem sobre o Brasil... O que poderia parecer um mero passatempo de uma mulher inocente, se mostra um golpe de mestre de uma grande escritora. Um grande e lucrativo negócio.

**CAPÍTULO II**  
**O MUNDO QUE LAPIDOU**  
**MARIA GRAHAM VERSUS**  
**O MUNDO AONDE ELA**  
**VEIO PARAR**

Creio que por mais que já tenhamos estrada em estudos literários, sempre que conhecemos um autor ou abrimos um livro pela primeira vez, somos leitores inocentes e desprevenidos. Ficamos maravilhados ou perturbados com as histórias que se nos descortinam, ou ainda mais cruel, ficamos intrigados. Assim se deu as primeiras vezes em que eu e o Professor Berriel nos deparamos com a biografia de Maria Graham e com o seu *Diário de uma viagem ao Brasil*. Leitores inocentes que éramos, ficamos abismados com a trajetória intrigante desta mulher.

Em pleno século XIX, quando estudos, trabalho, política e viagens eram coisas para homens, Maria, que nem sequer era proveniente da rica aristocracia, estudou, trabalhou e ganhou dinheiro, discutiu política e viajou!

Para acalmar nossas dúvidas, entendermos como isto foi possível, e de leitores inocentes passarmos a leitores espertos, que sabem olhar o que está além das palavras, precisamos, antes de tudo, entender o mundo de onde esta mulher veio. Para tanto, baseei-me no livro *The birth of the Modern* (O nascimento do moderno) de Paul Johnson, dado que neste livro ele analisa a virada que o mundo dá rumo à modernidade (especialmente a Inglaterra) entre os anos de 1815 e 1830, exatamente a época em que Graham desponta como escritora respeitada na Europa e vem para o Brasil presenciar sua independência.

O ano de 1815 foi um marco no continente europeu, pois foi o fim das guerras napoleônicas. Napoleão foi, entre outras coisas, um grande problema para a Europa, já que seu caráter pouco democrático provocou um bom bocado de guerras que representaram um entrave para as nações envolvidas ao consumirem muitos recursos. Apenas com o término das guerras é que estas nações puderam usar suas riquezas para se desenvolverem e se modernizarem, e, principalmente, empreenderem a grande onda de colonização dos mais diversos recantos do mundo que marcou esta época. Sendo que a Inglaterra, terra natal de Maria, será uma das grandes colonizadoras neste período, pois como foi a primeira nação a se industrializar, também era a que tinha mais recursos e tecnologia.

Além do mais, foram exatamente os conflitos provocados por de Napoleão que sopraram a Família Real Portuguesa para o Brasil bem na época em que as nações latino-americanas eram incendiadas por uma onda de gritos de independência.

A nossa interessante viajante se encontra bem no meio deste fluxo de acontecimentos, proveniente de uma Europa que está crescendo muito rapidamente e de uma Inglaterra pós Revolução Industrial que procurava algo que não era ouro, escravos ou terras para plantio: mercados consumidores. Esta procura explica o interesse desta potência em um país de costumes bárbaros como o Brasil, já que este era o seu terceiro mercado externo. Logo, isto também explica a presença da marinha britânica em terras brasileiras, e a presença de Maria Graham.

Ao discorrer sobre o tratado de paz que encerrou as guerras napoleônicas, Paul Johnson fala no interesse da Inglaterra em expandir seu comércio, apontando este como o motor das ações britânicas para garantir a paz, e mais importante, apontando assim que o interesse desta nação não eram os territórios propriamente ditos:

The return and defeat of Bonaparte had in some ways simplified matters and allowed the victorious powers to tie up all the loose ends of a European peace settlement. (...) It was important because it became one of the foundations of the modern world and was, in its own way, among the most successful and durable peace treaties in history.

In the aftermath of the Battle of Leipzig in autumn 1813, four great powers were hounding Bonaparte to destruction. Of these, **Britain was the only one not interested in Continental acquisitions. What she wanted was a balance of power in Europe to guarantee a peaceful background to her expanding trade.** (Grifo meu) (JOHNSON, 1991, p. 87)<sup>8</sup>

Em 1821, exatamente o ano da chegada de Maria ao Brasil, a Inglaterra estava no auge de seu poder, com uma economia sólida, uma marinha poderosa, tendo seus viajantes muito prestígio ao redor do mundo. Ao falar sobre este poderio, Paul Johnson também vai estendê-lo aos viajantes ingleses. Segundo ele, estes carregavam consigo uma aura de riqueza e superioridade e tinham muito prestígio por todos os lugares onde passavam. Assim, este aspecto explica não só a aparição de Maria Graham em nossas

---

<sup>8</sup> O retorno e a derrota de Bonaparte tinham, de uma certa forma, simplificado as coisas e permitido que as nações vitoriosas dessem os últimos toques para consolidar um tratado de paz na Europa. (...) Isto foi importante porque se tornou um dos alicerces do mundo moderno e esteve, a sua própria maneira, dentre os tratados de mais sucesso e durabilidade na História.

No período após a Batalha de Leipzig no outono de 1813, quatro grandes potências estavam no encalço de Bonaparte para destruí-lo. Destas potências, **a Grã-Bretanha era a única que não estava interessada em aquisições continentais. O que ela queria era um equilíbrio do poder na Europa a fim de garantir um mundo em paz para o seu comércio em expansão.** (Tradução e grifos meus).

terras, mas também, como veremos adiante neste trabalho, a importância dada a sua presença: para ela, mesmo sendo mulher e estrangeira, todas as portas se abriam... Governantes queriam sua presença em reuniões, ela perambulava em meio a arsenais de guerra e soldados sem ser perturbada, a Família Real a recebia no palácio e até chegou a contratá-la para ser professora da Princesa Maria da Glória, só para citar alguns exemplos.

(...) a wider phenomenon of English prestige, which sprang from the nation's triumphant emergence from the long wars; its enormous and growing empire; unchallenged maritime supremacy; industrial and commercial paramountcy; the world's strongest currency; and, not least, its concomitant – **the aura of wealth and superiority that English travelers carried with them everywhere.** (Grifo meu) (JOHNSON, 1991, p. 607)<sup>9</sup>

Mas, a despeito de poder, riqueza, industrialização e desenvolvimento de novas tecnologias, Graham viveu em uma época na qual o que realmente mudava eram as idéias. Não era apenas o mundo concreto que se modernizava, mas as mentalidades também. Durante as guerras napoleônicas se passou da era da razão para o Romantismo e a era dos sentimentos. Foi uma época na qual se percebeu que a razão e o cálculo não podiam explicar tudo. Nos tempos em que Beethoven compunha músicas que mexiam com as emoções e os sentimentos das pessoas, temos Graham, uma mulher que reflete sobre si mesma em diários de viagem prenhes de subjetividade, sentimentos e até mesmo de poesia.

During the long Revolutionary and Napoleonic Wars, the civilized world has passed, by virtue of those strange but irresistible currents which determine cultural change, from the Age of Reason to the Age of Romanticism.  
(...)  
In the 1780s it had been reason; now it was feeling. (JOHNSON, 1991, p. 111)<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> (...) um fenômeno ainda mais abrangente do prestígio inglês, que vinha da emergência triunfante desta nação após um período de longas guerras; seu enorme e crescente império; supremacia marítima sem rivais; indústria e comércio mais importantes do mundo; a moeda mais forte do mundo, e, não era para menos, a consequência de tudo isto - **a aura de riqueza e superioridade que os viajantes ingleses carregavam consigo em todos os lugares por onde passavam.** (Tradução e grifos meus)

<sup>10</sup> Durante as longas guerras napoleônicas e revolucionárias, o mundo civilizado passou, em virtude daqueles estranhos mas irresistíveis movimentos que determinam as mudanças culturais, da Era da Razão para a Era do Romantismo.

(...)

Na década de 1780, era a razão que triunfava, agora, eram os sentimentos. (Tradução minha)

Em um período em que a razão e o “frio intelecto” davam lugar à música e à religião, temos uma narradora que falará em poesia e em Deus, mas que também mostrará uma forte consciência política e histórica em seus escritos. Como veremos ao analisar o *Diário de uma viagem ao Brasil* mais detalhadamente, a narrativa tem estas duas correntes entrelaçadas: o toque pessoal, quase poético, de uma narradora tipicamente romântica, e o viés político e histórico. Este viés será percebido na preocupação da escritora em dar sentido histórico ao que está narrando (a introdução histórica do diário tem dezenas de páginas), e também no forte engajamento político de uma mulher que defende a independência brasileira usando as mais diferentes estratégias.

Este aspecto político e histórico do *Diário de uma viagem ao Brasil* também se explica pelo Romantismo, já que este movimento trouxe a sensibilidade perante os problemas sociais, fazendo surgir o artista socialmente engajado, com consciência política. Assim, o Romantismo também trouxe a ligação entre a literatura e a política. A consciência política, segundo Paul Johnson (1991), era uma característica do momento, mas especialmente marcada na Inglaterra. Além do mais, este também foi o período em que a História ganhou importância e passou a ser estudada mais seriamente. Dar sentido histórico ao que se escrevia era algo importante nos livros de então, até mesmo naqueles de ficção, como foi o caso dos romances de Walter Scott. Logo, se os diários de Graham não tinham a proposta de ficção, mas bem pelo contrário, dar conta o melhor possível da realidade, mais um motivo para a preocupação da autora com a História.

Ainda na veia socialmente engajada de Maria Graham, temos uma outra causa apaixonadamente defendida pela autora: o fim da escravidão, que no Brasil, estava totalmente infiltrada na sociedade. Por que defender tanto os escravos? Bondade? Talvez. No entanto, se olharmos para o contexto histórico de então, teremos mais algumas explicações para a origem de tal engajamento.

A terra natal da escritora estava empenhadíssima em acabar com a escravidão em todos os recantos do mundo em uma campanha humanitária contra os horrores deste regime. Em *The birth of Modern*, Paul Johnson também explica o porquê de tanto empenho. De acordo com o escritor, os movimentos abolicionistas se intensificaram a partir de 1770 e a Inglaterra foi a pioneira na abolição, pois se propagava a noção de que este

regime não era prejudicial apenas para os escravos, mas corrompia toda a sociedade, prejudicando a todos.

A justificativa era humanitária, bonita até, mas, segundo Johnson, o que estava de fato por trás de toda esta campanha britânica eram motivos econômicos. Se a procura era por mercados consumidores, bem, escravos não possuem poder aquisitivo para comprar e os senhores gastam muito dinheiro comprando escravos (um escravo era muito caro), quando poderiam estar gastando com mercadorias inglesas. Além disto, a escravidão era algo extremamente rentável para quem a adotava, pois tanto o tráfico negreiro quanto as plantações com trabalhadores escravos davam muitíssimo lucro. Logo, se a Inglaterra não usasse a escravidão para produzir mas os outros países o fizessem, ela ficaria para trás no comércio. Por isso tamanha insistência em usar sua poderosa marinha para vigiar o tráfico negreiro:

It is not surprising that it took a quarter of a century to change the legal framework which made slavery possible in British territory. It was one of the oldest and deep rooted human institutions. Slavery was also more profitable than ever before. A single voyage from east to west across the Atlantic, carrying 800 slaves, netted a profit of £60,000 in the hardest currency, gold. Whatever the abolitionists said in their pamphlets, slave-plantations, specially the big, well-run ones where conditions were best, made big profits, and the West Indian interest, which was close to the heart of British politics, was terrified that if Britain ended slavery, her competitors would benefit. It was therefore important all along for Britain, which was always first in the antislavery cause, to ensure that other nations followed close behind, both in trading and employing slaves. It is at this point that we must consider the role of the Royal Navy as the world's policeman. (JOHNSON, 1991, p. 327)<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Não é de se admirar que foi preciso um quarto de século para se modificar o aparato legal que tornou a escravidão possível em território britânico. Era uma das instituições humanas mais velhas e arraigadas na sociedade. A escravidão também dava lucros como nunca naquele momento. Uma única viagem de leste a oeste pelo Atlântico, carregando 800 escravos, rendia um lucro de £60.000 na moeda mais forte, o ouro. Independente do que os abolicionistas diziam em seus panfletos, as plantações com trabalhadores escravos, especialmente as grandes e bem administradas, onde as condições de trabalho eram melhores, davam muitos lucros. Os interesses das Índias Ocidentais (e quem estava envolvido nisto), que estavam no cerne da política britânica, estavam horrorizados com o fato de que, se a Grã-Bretanha terminasse com a escravidão, seus competidores se beneficiariam. Portanto, era muito importante para a Grã-Bretanha, já que sempre fora a pioneira na causa abolicionista, assegurar que as outras nações a seguissem em suas decisões, tanto no comércio como na abolição.

É neste ponto que devemos considerar o papel da marinha britânica como os grandes vigilantes da ordem no mundo. (Tradução minha)

O Brasil era então o país que mais dava trabalho à marinha britânica neste sentido, pois insistia em quebrar tratados abolicionistas, além de ser um território com uma grande quantidade de escravos.

Assegurar a paz na Europa após as guerras napoleônicas, o fim da escravidão, a independência e a unidade nacional brasileira sem que os portugueses importunassem; os ingleses realmente tinham muito que fazer. Em *Diário de uma viagem ao Brasil*, veremos a benévola Inglaterra e sua marinha combaterem a escravidão, ajudarem o Imperador Dom Pedro com muito afínco a livrar as costas brasileiras dos portugueses e manter todas as províncias sob seu poder, bem como protegerem o povo brasileiro destes inimigos maldosos. Ora, se lembrarmos que a grande procura da Inglaterra era por mercados consumidores e lembrarmos que um mundo em paz e sem escravidão compra mais, compreenderemos porque é esta série de eventos que encontramos no diário de Maria Graham e não outra.

Neste momento, já é possível compreendermos como foi possível a trajetória espetacular de Maria no Brasil, já que ela trazia consigo a aura de poder dos viajantes ingleses e veio para cá exatamente com a poderosa marinha de seu país natal. Entretanto, ainda assim, em um primeiro momento, é estranho conceber que em pleno século XIX, quando ser nobre e ser homem ainda era muito importante para se obter maior mobilidade dentro da sociedade, Maria, que nem sequer era rica, conseguiu chegar aonde chegou e fazer tudo que fez.

Novamente, encontramos explicações para isto nestes tempos de mudanças de idéias. Em princípios do século XIX, mais e mais a classe média tomava da velha nobreza a liderança da sociedade, e ser rico ou ser nobre ia aos poucos perdendo a importância na hora de se ser aceito na sociedade. Ao lado disto, o feminismo pós Revolução Francesa tomava corpo e mesmo contra os resmungos de muita gente para com mulheres que se atreviam a estudar e trabalhar (grandes fatores da emancipação de uma mulher), isto se tornava cada vez mais comum. Conforme as idéias explanadas no livro de Paul Johnson, as escolas para meninas, tal como aquela em que Maria Graham estudou, começavam a despontar. Ao falar em como as mulheres na família do filósofo Kierkegaard eram tratadas como serventes e não como pessoas, Johnson diz que:

This treatment was becoming unusual by the 1820s, and any rate in northwest Europe. Girls were not as a rule educated to the same standard as boys, but a growing proportion were receiving regular lessons or being sent to schools. It is a point made repeatedly by Jane Austen (...) that young people, especially girls, were now much better educated than their parents. The number of girls' schools was growing fast. (JOHNSON, 1991, p. 733)<sup>12</sup>

Maria Graham, conforme já mencionado anteriormente, era uma destas mulheres que teve oportunidade de estudar, e que por conta disto pôde trabalhar e ganhar dinheiro no rentável ramo da literatura de viagem. Contudo, não era apenas este campo das literaturas que se tornava rentável, pois estamos falando de um momento em que o mercado das artes está tomando corpo e que ao invés de depender de mecenas, os artistas começavam a eles mesmos negociarem seus trabalhos. Neste sentido, os pioneiros foram os músicos Ludwig Van Beethoven e Giacomo Rossini. Rossini foi um dos primeiros músicos a saírem em turnê pela Europa, enchendo casas de espetáculos e ganhando por isto. Já Beethoven, começou sua carreira com os mecenas, mas depois ele mesmo passou a negociar sua arte com editores, empresários e teatros:

Beethoven, too, had begun his career in the world of patronage. But he had broken out of it decisively into the much wider universe of a European, indeed a world, mass market of music consumers, fed by commercial publishers, public concert halls and impresarios, in a combination capable of rewarding performers and composers far more handsomely than even the most munificent princely sponsor. (JOHNSON, 1991, p. 125)<sup>13</sup>

Neste momento, a arte também começa a circular internacionalmente cada vez mais, trazendo à tona a importância da tradução, sendo esta também uma das funções que

---

<sup>12</sup> Este tipo de tratamento já estava se tornando um tanto incomum na década de 1820 no noroeste da Europa. Normalmente, as meninas não eram tão bem educadas quanto os meninos, mas um número cada vez maior delas estava recebendo lições regularmente ou sendo mandadas para escolas. Este era um ponto enfatizado repetidas vezes por Jane Austen (...) que os jovens, especialmente as meninas, eram então educados de uma maneira muito melhor que seus pais. O número de escolas para meninas estava crescendo rápido. (Tradução minha)

<sup>13</sup> Beethoven também tinha começado sua carreira no mecenato. Porém, ele saiu deste regime decisivamente para entrar em um universo muito maior: o mercado de massas europeu, na verdade, eu diria, mundial, de consumidores de música alimentados por editores comerciais, casas de espetáculos e empresários, numa combinação capaz de pagar músicos e compositores de uma maneira muito melhor e mais atraente do que até mesmo o mais rico mecenas. (Tradução minha)

Graham desempenhava no mercado da literatura ao lado de um editor importante na época, John Murray.

De acordo com Johnson (1991, p. 424), cada vez mais pessoas aprendiam a ler, e o público leitor aumentava: “But as literacy spread and the population grew, thousands more readers joined the market for books every year.”<sup>14</sup> Com tamanha demanda, era possível e até comum então que pessoas que nem haviam nascido ricas e em famílias nobres ganhassem dinheiro com literatura (1991, p. 426): “But it was now not merely possible but common for fortunes to be made through the printed world, by writers, publishers, printers and booksellers”.<sup>15</sup> Assim, é exatamente este contexto que tornou possível o sucesso profissional de Maria Graham.

Até aqui, viemos discorrendo sobre o mundo do qual Graham veio, a sociedade e a cultura que lapidaram a carga cultural da autora, que moldou o olhar que ela lançou sobre o Brasil. Este país, entretanto, era um outro universo, uma sociedade e uma cultura completamente diferentes da moderna Europa e da politizada Inglaterra de onde vinha a nossa viajante.

A situação de Maria no Brasil foi peculiar não só pelas diferenças radicais entre sua terra natal e o nosso país, mas também porque ela chegou aqui em um momento muitíssimo delicado: exatamente quando a colônia dava seus últimos passos para se tornar uma nação independente de Portugal, mas que como vimos anteriormente neste trabalho, era, na verdade, controlada pela Inglaterra.

Segundo Luiz Felipe de Alencastro, na introdução de *História da vida privada no Brasil*, vol. II, o Rio de Janeiro, onde Maria Graham passou a maior parte do tempo que esteve no Brasil, era o lugar onde se podia ver com clareza a situação inusitada na qual este território se encontrava: a cidade recebera uma corte vinda de Portugal, tornara-se a capital de um Império que pretendia seguir as tradições européias, e que, por isso, seria o pólo civilizador da nação. No entanto, em uma sociedade tomada pela escravidão, também era

---

<sup>14</sup> Mas como mais e mais pessoas aprendiam a ler e a população crescia, milhares de leitores adentravam o mercado de livros a cada ano. (Tradução minha)

<sup>15</sup> Porém agora, não era simplesmente possível, mas até comum que se fizessem fortunas através do mundo da imprensa, fosse por meio de escritores, editores, impressores ou vendedores de livros. (Tradução minha)

possível ver com clareza o descompasso que havia entre este desejo de se ser europeu e o quanto não se era:

É no Rio de Janeiro que se desenrola o “paradoxo fundador” da história nacional brasileira: transferida de Portugal, sede de um governo parlamentar razoavelmente bem organizado para os parâmetros da época, capital de um império que pretendia representar a continuidade das monarquias e da cultura européia na América dominada pelas repúblicas, a corte do Rio de Janeiro apresentava-se como o pólo civilizador da nação. (...) No entanto, é justamente na corte que o escravismo, na sua configuração urbana, assume o seu caráter mais extravagante, tornando emblemático o desajuste entre o chão social do país e o enxerto de práticas e comportamentos europeus. (ALENCASTRO, 1997, p. 10)

Maria, com sua carga cultural européia e acima de tudo abolicionista, deparou-se com uma sociedade infestada de escravos, e que dava muito trabalho à marinha britânica por ser o último país que ainda usava o regime da escravidão e por frequentemente quebrar os tratados abolicionistas. A escravidão acabava criando situações insólitas, pois provocava confusão entre o a esfera privada e a pública da vida dos brasileiros, já que o escravo era uma propriedade privada que precisava do aval do poder público. Além disto, era uma pessoa tratada como “coisa”, já que podia ser comprada, vendida, alugada, hipotecada, etc. Ademais, se lembrarmos que este era um momento em que o antigo regime ruía, e que, ao mesmo tempo em que o direito de propriedade passava a ser respeitado, dava-se o advento de protestos contra as grandes crueldades deste regime, tornando a escravidão uma contradição mais insólita ainda.

A viajante chega a se impressionar com a quantidade de negros nas ruas, o que também se explica pelo fato de que ela esteve aqui antes de 1850, quando o tráfico negreiro foi extinto. Até então, a oferta de escravos para a venda era muito grande. Era muito fácil conseguir escravos novos, tão fácil, que nem valia a pena insistir em ficar com insubmissos:

Até 1850, para os escravos crioulos ou para os africanos residentes, as execuções de hipotecas, as partilhas nos inventários ou a perda das boas graças do senhor tendiam a concentrar os momentos mais comuns de tensão, produzidos pela condição de mercadoria que lhes era imposta. A condição jurídica de coisa, ao se realizar na prática cotidiana da compra e venda de seres humanos, tornava-se um negócio *sui generis*, em que “a coisa” era freqüentemente partícipe da transação. Enquanto se manteve constante a oferta de africanos, tratando-se de escravos ladinos, os custos econômicos e sociais da aquisição de um cativo insubmisso raramente compensavam. Em termos gerais – as pesquisas mais recentes o têm

demonstrado - , os senhores desenvolviam uma sofisticada economia política nas decisões de venda, hipoteca ou partilha de escravos, buscando diminuir a oposição destes às decisões tomadas. (CASTRO, 1997, p. 345)

A confusão entre o privado e o público causada pela escravidão não parava por aí. Graham vai encontrar uma sociedade onde os escravos trabalhavam dentro das casas, no seio das famílias, como cozinheiras ou damas de companhia das mocinhas, por exemplo. Ela própria comentará em seu diário sobre os problemas trazidos pela possível má influência que os escravos poderiam propagar nas famílias estando tão próximos. A título de ilustração, na página 361 de *História da vida privada no Brasil*, vol. II<sup>16</sup>, há uma charge de *A Semana Ilustrada* de 1872, na qual figura uma escrava dentro de casa, espiando a intimidade de seus donos pelo buraco de uma fechadura, cena bem comum nos lares brasileiros oitocentistas.

Além de ser impregnado pela escravidão, na década de 1820, o Brasil tinha uma vida cultural ainda muito ínfima, o que também será motivo de críticas para a nossa viajante. A sociedade brasileira de então ainda era por demais religiosa, adotando como principais atividades missas, procissões e festas de igreja, tendo só mais tarde se tornado comuns hábitos de leitura, teatro e até mesmo estudos.

No capítulo dois de *História da vida privada no Brasil*, vol. II, João José Reis vai falar sobre este Brasil profundamente religioso, que só mudaria seus hábitos após os anos 1850, ou seja, bastante tempo depois da visita de Maria Graham. Como exemplo, ele fala nas mudanças ocorridas nos hábitos funerários. Segundo ele, os velórios até então eram praticamente festas, o que só começa a mudar a partir de 1855, quando uma grande epidemia de cólera obrigará as pessoas a ficarem longe dos cadáveres:

As mudanças no estilo de morrer refletiram e influenciaram mudanças no modo de pensar e sentir. Estava em curso um movimento de secularização da mentalidade da época, que se expressou em novas formas, não religiosas, de cultivo do espírito – hábitos de leitura, métodos de ensino, teatro, etc. – e na difusão de novas formas de associação – grêmios literários, associações de classe etc. - , que ocupariam parte do terreno antes quase inteiramente ocupado pelas rezas, igrejas e irmandades. (REIS, 1997, p. 141)

---

<sup>16</sup> Figura 6

As reclamações de Graham sobre a falta de cultura e educação do povo também se estenderá para a parca imprensa de então, pois este Brasil de monótona vida cultural tão pouco tinha jornais circulando regularmente e menos ainda publicidade, pois a liberdade de imprensa só chegará ao Brasil depois da Revolução do Porto em 1820; o Brasil de Graham também ainda não tinha fotografia. Além do mais, a partir de 1850, com o término do tráfico negreiro, os brasileiros passaram a comprar menos escravos, passou a sobrar mais dinheiro para as compras, o que provavelmente foi mais um incentivo para o comércio, e, conseqüentemente, para a publicidade.

A viajante chega a um país destituído de tradição aristocrática. No capítulo três de *História da vida privada no Brasil*, vol. II, Kátia M. de Queirós Mattoso conta que quando o Brasil teve sua grande chance de ser infestado por fidalgos da aristocracia lusitana, a maior parte destes optou por migrar para a região mais prestigiosa das colônias portuguesas, a Índia. Logo, o número de nobres que veio para o Rio de Janeiro a serviço do rei em 1808 não foi suficiente para “elitizar” a sociedade brasileira.

Na Bahia, por exemplo, tentou-se criar um modelo tosco de sociedade adaptando a dicotomia lusitana nobres/plebeus para senhores de escravos (brancos)/escravos (negros). Assim, qualquer um que fosse branco, mesmo que não fosse um rico dono de escravos, dava-se ares de nobreza, criando ambientes e situações bizarros os quais Maria Graham vai estranhar muito, e, evidentemente, criticar: roupas, hábitos à mesa, apresentações no teatro, etc.

O Brasil elaborou um modelo de sociedade inspirado no modelo português, com certas adaptações. Na Bahia, por exemplo, a oposição portuguesa nobres/plebeus foi substituída pela oposição homens brancos livres/escravos negros. No contexto escravista, todos os homens brancos, quaisquer que fossem suas origens sociais, funções ou riquezas, ocupavam, porque livres, uma posição preeminente e se davam ares de nobreza.

(...)

A nobreza portuguesa tinha desprezado o Brasil em proveito do Estado da Índia, a área mais prestigiosa do Império lusitano. Alguns dos fidalgos a serviço do rei que aqui permaneceram não eram bastante numerosos para constituir uma classe nobiliárquica. (MATTOSO, 1997, p. 150 e 151)

Além de não haver uma nobreza sólida, não se sabia nem ao certo a resposta para diversas perguntas: quem eram os brasileiros em 1822, afinal? Quem eram os

portugueses? Quem estava do lado do Brasil? Quem estava do lado de Portugal? Conforme já visto anteriormente neste trabalho, no começo dos anos 1820, os brasileiros estavam exatamente tentando responder a estas perguntas. Idéias havia, mas definições e certezas não.

Maria Graham vai presenciar todos estes conflitos e registrá-los em seu diário. Ela será testemunha tanto da onda de lusofobia entre os brasileiros quanto da onda de repúdio aos estrangeiros dos funcionários régios portugueses que ainda permaneceram na corte do Rio de Janeiro, tendo ela mesma sentido esta hostilidade na pele ao trabalhar por um curto espaço de tempo para a Família Real, conforme veremos adiante.

Na verdade, o Sete de Setembro de 1822 cria uma situação extravagante no Brasil. Quem é quem? 1808, a corte vem de Portugal; 1821, a corte volta: como cada um escolheu sua pátria, entre um príncipe regente, proclamado imperador de um novo país (outubro de 1822), e seu pai, soberano da Metrópole? No fundo, a escolha foi essencialmente pautada pelos interesses particulares, pelo modo de inserção da vida privada na nova vida pública brasileira inaugurada pelo Império. Alvo da desconfiança das novas autoridades luso-brasileiras, parte dos oficiais e das tropas lusitanas não teve dúvida e embarcou para a Europa logo após a Independência. Mas muitos funcionários régios ficaram. (ALENCASTRO e RENAUX, 1997, p. 307 e 308)

Portanto, confrontando estes dois universos tão diferentes, Europa e Brasil, podemos entender porque foi possível Maria Graham produzir um diário de viagem tão extenso, e com tamanha variedade de assuntos, como veremos no capítulo a seguir. A estada de Maria no Brasil produziu encontros e desencontros de duas culturas radicalmente diferentes: a mulher proveniente da nação mais abolicionista do mundo vem parar exatamente no país mais escravista do mundo; tendo estudado e sendo uma pessoa culta, vinda do berço cultural ocidental de então, a Europa, ela vem parar em um lugar de vida cultural parca, com uma sociedade que no mais das vezes trocava os estudos e as artes pela religião; Graham vem de um continente com tradição aristocrática e de um ambiente refinado, para se deparar com uma terra sem aristocracia e que, pior ainda, tentava, sem sucesso, dar-se ares de nobreza, o que a viajante, evidentemente, percebia; por fim, ela chega a um território em situação confusa, que ainda mal tinha noção de sua identidade,

que estava aos trancos e barrancos tentando definir a sua situação política e defendendo seus interesses.

No capítulo seguinte, veremos que tipo de discussões e assuntos o encontro destes dois mundos rendeu. Veremos também como tantas histórias diferentes se organizaram dentro de um diário, bem como a posição da narradora em meio a isto tudo.

**CAPÍTULO III**  
**A IDENTIDADE DA**  
**NARRADORA DE**  
**DIVERSAS HISTÓRIAS**

Maria Graham fisgava seus leitores com uma incrível variedade de assuntos em seus diários de viagem, em especial no *Diário de uma viagem ao Brasil*, falando desde sobre seu íntimo e aquilo que sentia durante suas jornadas, até sobre coisas bem distantes de seu foro íntimo, como todos os processos políticos e históricos que envolviam os lugares por onde ela passava, só para citar um exemplo.

Logo, temos diante de nós a complexa tarefa de identificar, em meio a tantos assuntos diferentes, a marca constante desta narradora-viajante. Em *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*, Flora Süssekind apresenta uma interessante analogia para se tentar captar o percurso de um narrador-viajante usando a pintura *The tripper* (1971), de Antônio Dias. Para ela, este quadro é uma metáfora daquilo que identificaria sempre o mesmo narrador, ou o mesmo viajante, passando por paisagens diferentes:

A tela: relativamente grande, 100 x 100 cm, toda pintada de negro, esparsos brancos salpicados, alguns deles servindo de pontos de ligação para linhas brancas, retas, que configuram uma região inteiramente negra, sem manchas, no interior do quadro. O viajante: um espaço negro, formado pelos vários percursos entre pontos interligados em série, em meio a outros deixados ao acaso. Traço básico – a linha, a viagem; de resto, o próprio viajante se transforma em paisagem.

“Se abrissemos as pessoas”, disse uma vez Agnès Varda, “iam-se encontrar paisagens”. É isso, então: rasgar um narrador e puxar dele paisagens diversas, observá-lo como a uma paisagem? Talvez. Desde que se continue a ver silhueta semelhante, repetida, em meio a essa sucessão paisagística de diferenças. Porque são paisagens diversas as que se explicitarão aqui – cartográfica, histórica, cotidiana -, mas desdobradas de uma, em processo de constante recomposição. A base é uma só: o narrador-viajante. (SÜSSEKIND, 2006, p, 156 e 157)

Maria Graham é uma narradora-viajante que traz consigo muitas paisagens: desde a primeira vez que viu uma pitanga, passando por sua amizade com a Imperatriz Dona Leopoldina, suas longas jornadas de navio, até reflexões sobre o que seria a verdade. Estes diversos tipos de informação se organizam em torno de Graham como se fossem esferas, sendo a esfera íntima aquela que está mais próxima dela, por versar sobre aquilo que se passa em seu interior. À medida que os assuntos tratados vão se afastando da narradora para tratar de coisas mais amplas e de domínio público, outras esferas vão se formando, até chegar à mais ampla de todas, que é a esfera histórica, aquela que trata da História dos lugares por onde a viajante passa.

Usando este critério, dividi estas esferas de acordo com os assuntos tratados por Graham em seu diário, sendo elas as seguintes [a lista que segue mostra primeiro a mais próxima da narradora (esfera íntima), e a última a mais distante, ou seja, a que abarca informações de domínio mais amplo (esfera histórica)]: esfera íntima, que versa sobre seus sentimentos em geral e com relação a sua condição de mulher, viajante e estrangeira; esfera das divagações, em que ela filosofa sobre as mais variadas coisas durante seus passeios, tais como literatura, fama, lazer, o sublime e o ridículo, etc.; esfera da narração, que versa sobre seu trabalho de escritora; esfera doméstica, na qual a narradora fala sobre sua casa e seus serviços domésticos; esfera do trabalho, na qual ela fala sobre o propósito da viagem e seu trabalho como professora; esfera dos costumes, que versa sobre particularismos do dia a dia, hábitos das pessoas, variedades e coisas pitorescas dos lugares visitados; esfera da moradia, em que ela fala das casas, sua decoração e arquitetura; esfera local, sobre passeios, aventuras e visitas a lugares durante suas viagens; esfera da administração pública, em que fala da organização das capitais brasileiras pelas quais passou; esfera paisagística, em que a autora discorre sobre as paisagens que vê, descrevendo panoramas mais amplos; esfera econômica, que versa sobre agricultura, comércio e riquezas; esfera da crítica à escravidão; esfera política, em que a narradora fala de todos os conflitos políticos dos lugares visitados; e, finalmente, a esfera histórica, que versa sobre a História dos lugares por onde ela viaja.

Naquilo que chamei de esfera íntima, Maria fala de seus sentimentos durante a viagem, pois estamos diante de uma narradora típica do advento do Romantismo, a Era dos Sentimentos. Neste sentido, ela escreve principalmente sobre a solidão que sua condição lhe propicia, pois ela era uma mulher, viúva (Thomas Graham morre no meio da expedição deles à América do Sul), sozinha em uma terra estrangeira, e que além de tudo não era rica. Este sentimento de dor e solidão aparece de maneira muito contundente na passagem do diário em que Graham narra a morte de seu marido, o Capitão Thomas Graham. Ela fala da dor em perder seu companheiro, e que se encontrava sozinha, com toda a sua família em outro hemisfério.

Chegamos hoje à costa do Chile. Continuei a escrever meu diário regularmente, mas ainda que perto de dois anos tenham se passado desde que o escrevi, não tenho ânimo para copiá-lo. O de três de abril em diante tornou-se o registro de um

agudo tormento. De minha parte esperança e temores alternados através de dias e noites de escuridão e tempestades, que agravam a desgraça dessas horas desgraçadas. Na noite de nove de abril, pude despir-me, e ir para a cama pela primeira vez desde que deixei o Rio de Janeiro. Estava tudo acabado; dormi longamente e descansei; quando acordei foi para tomar consciência de que estava só, e viúva, com um hemisfério entre mim e meus parentes. (GRAHAM, 1956, p. 231 e 232)<sup>17</sup>

Entretanto, Graham também fala de momentos de alegria e satisfação nestas passagens mais pessoais de sua narrativa. Ela discorre sobre sentimentos mais leves, como seu fascínio pelo mar, ou sua curiosidade e emoção em ver os lugares pela primeira vez, como quando da sua chegada a Pernambuco, por exemplo. A viajante faz uma rápida descrição das cidades de Olinda e Recife, e em seguida fala do seu sentimento de surpresa ao ver as cidades, mesmo já sabendo muita coisa sobre elas antes de chegar:

Tudo isto sabia eu antes de desembarcar e pensava estar bem preparada para ver Pernambuco. Mas não há preparação que evite o encantamento de que se é tomado ao entrar neste porto extraordinário. (GRAHAM, 1956, p. 109)<sup>18</sup>

Na esfera das divagações, ainda estamos vagando dentro dos pensamentos da narradora. Porém, aqui ela já não toca mais em seus sentimentos e sensações com relação ao mundo a sua volta, mas filosofa sobre suas opiniões a respeito de assuntos mais abstratos, não relacionados necessariamente com a realidade imediata ou com os aspectos práticos de sua viagem: riqueza e poder, superstição, fama, literatura, o que seria a verdade, a falta de franqueza dos homens, o sublime ao lado do ridículo, etc.

Uma das razões (entre outras) para Maria ter estes momentos reflexivos era o fato de as jornadas de navio serem muito longas, o que acabava por lhe dar tempo para pensar e escrever sobre estas coisas. Um bom exemplo disto é uma noite, durante a viagem

---

<sup>17</sup> No original, lê-se: To-day we made the coast of Chile. I had continued to write my Journal regularly; but though nearly two years are past since I wrote it, I cannot bring myself to copy it: from the 3<sup>rd</sup> of April it became a register of acute suffering; and, on my part, of alternate hopes and fears through days and nights of darkness and storms, which aggravated the wretchedness of those wretched hours. On the night of the ninth of April, I regularly undressed and went to bed for the first time since I left Rio de Janeiro. All was then over, and I slept long and rested; but I awoke to the consciousness of being alone, and a widow, with half the globe between me and my kindred. (GRAHAM, 2007, p. 219)

<sup>18</sup> No original, lê-se: All this I knew before I landed, and thought I was pretty well prepared for Pernambuco. But no previous knowledge could do away the wonder with which one must enter that very extraordinary port. (GRAHAM, 2007, p. 112)

da Inglaterra para o Brasil, em que ela se sentou por um longo tempo no tombadilho e ficou a observar os marinheiros da tripulação. Ela fica ouvindo as canções que estes entoavam, aponta para as que foram as mais aplaudidas, pensando sobre o que faria umas canções terem mais fama que as outras, e também fala sobre os poetas que cantaram as noites tropicais. Mergulhada neste mar de pensamentos a narradora chega à conclusão de que a vida de um marinheiro é poética, dada a sua romântica combinação de momentos extremamente calmos seguidos de grandes perigos, para terminar sua reflexão falando em Deus.

A vida de um homem do mar é essencialmente poética: mudanças, novas situações, perigos, quadros que vão da calma quase de morte até as mais loucas combinações do horror, - eis a suma de todo sentimento romântico e a prática de todo o poder do coração e da inteligência. O homem, naturalmente fraco, desafia os elementos, e assiste de novo a este milagre de sua invenção, o navio em que embarca, atirado de um lado para outro, como a mais leve pena do pássaro do mar, enquanto nada pode fazer senão resignar-se à vontade d'Aquele que é o único capaz de dominar as orgulhosas ondas e de cujo coração, inteligência e sentimento, tudo depende. (GRAHAM, 1956, p. 89 e 90)<sup>19</sup>

A esfera da narração já diz respeito a coisas um pouco mais práticas, já não tão íntimas. Neste caso, estou me referindo a todas as passagens do *Diário de uma viagem ao Brasil* em que Graham fala diretamente nas diferentes facetas do processo de construção do texto. Ela comunica ao leitor que tipo de narradora ela é, uma narradora neutra (o que, como vemos adiante, não é verdade, pois ela não fica neutra perante os acontecimentos, bem pelo contrário, toma uma posição bem definida); justifica o preâmbulo histórico do diário; fala diretamente na literatura de viagem, no que daria credibilidade a um relato, ou no que excita a curiosidade dos leitores desta espécie de literatura; justifica seu interesse pela política brasileira, já que esta aparece muito na narrativa; explica para quem escreve o diário, conforme passagem já citada anteriormente, etc. Ela inclusive fala nas suas atividades de leitura e pesquisa sobre o Brasil na Biblioteca Pública do Rio de Janeiro, na

---

<sup>19</sup> No original, lê-se: The life of a seaman is the essence of poetry; change, new combinations, danger, situations from almost deathlike calm, to the maddest combinations of horror – every romantic feeling called forth, and every power of heart and intellect exercised. Man, weak as he is, baffling the elements, and again seeing that miracle of his invention, the tall ship he sails in, tossed to and fro, like the lightest feather from the seabird's wing – while he can do nothing but resign himself to the will of Him who alone can stay the proud waves, and on whom heart, intellect, and feeling, all depend! (GRAHAM, 2007, p. 94)

qual haviam até reservado um gabinete especialmente para ela, sinal do prestígio que os viajantes britânicos gozavam pelo mundo afora.

Além disto, com os diários de viagem à Índia e à Itália já publicados, podemos depreender mais um traço recorrente nos textos de Maria Graham: os apêndices e as transcrições de documentos e cartas presentes em seus livros. O que mostra a preocupação e o trabalho de uma escritora profissional, ao tentar dar ao seu leitor um retrato o mais fiel e detalhado possível daquilo que ela foi testemunha ocular em suas odisséias. Logo, incluí estas passagens na esfera da narração, já que elas também estão relacionadas ao processo de construção do texto.

O *Diário de uma viagem ao Brasil* tem transcrições de documentos, cartas, discursos do Imperador Dom Pedro I, bem como discursos de oradores importantes naquela ocasião. Uma passagem que ilustra este aspecto dos escritos de Graham é a transcrição que a autora faz de uma carta dos paulistas enviada a Dom Pedro I em 24 de dezembro de 1821. Tendo já levado Dom João VI de volta para Portugal, as Cortes lusas queriam levar Dom Pedro também, o que foi motivo de viva indignação entre os brasileiros. Os paulistas escreveram a referida carta para expressar esta indignação, argumentar o quanto esta situação é ruim e injusta para com o Brasil, bem como para instar o Imperador a continuar aqui. Graham transcreve a carta inteira, ocupando mais de quatro páginas de seu diário com isto. A carta começa à página 193 da edição de 1956 do diário (tradução para o Português), a qual estamos usando neste trabalho, e diz o seguinte:

*Senhor* – Tínhamos já escrito a V. A. R. antes que pelo último correio recebêssemos a *Gazeta Extraordinária* do Rio de Janeiro, de 11 do corrente; e apenas fixamos nossa atenção sobre o primeiro decreto das Cortes, acerca da Organização dos Governos das Províncias do Brasil, logo ferveu em nossos corações uma nobre indignação, porque vimos nele exarado o sistema da anarquia e da escravidão; mas o segundo, pelo qual V. A. R. deve regressar para Portugal, a fim de viajar incógnito somente pela Espanha, França e Inglaterra, causou-nos verdadeiro horror. (GRAHAM, 1956, p. 193)<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> No original, lê-se: Sir, We had already written to Your Royal Highness, before we received the extraordinary gazette of the 11<sup>th</sup> instant, by the last courier: and we had hardly fixed our eyes on the first decree of the Cortes concerning the organization of the governments of the provinces of Brazil, when a noble indignation fired our hearts: because we saw impressed on it a system of anarchy and slavery. But the second, in conformity to which Your Royal Highness is to go back to Portugal, in order to travel *incognito* only through Spain, France, and England, inspired us with horror. (GRAHAM, 2007, p. 186)

Terminando à página 196, com o pedido dos paulistas, para que o Imperador fique no Brasil:

Nós rogamos, portanto, a V. A. R., com o maior fervor, ternura e respeito, haja de suspender a sua volta para a Europa, por onde o querem fazer viajar como um pupilo rodeado deaios e de espias; nós lhe rogamos que se confie corajosamente no amor e fidelidade dos seus brasileiros, e mormente dos seus paulistas, que estão todos prontos a verter a última gota de sangue e sacrificar todos seus haveres para não perderem o Príncipe idolatrado em que têm posto todas as esperanças bem fundadas de sua felicidade e de sua honra nacional. (GRAHAM, 1956, p. 196)<sup>21</sup>

Mas, Graham não trabalhava apenas em seus escritos. Mesmo não sendo uma grande dona de casa, como ela mesma admite em sua autobiografia, ela também tinha seus momentos de serviço doméstico. Naquilo que chamei de esfera doméstica, a viajante fala de seus trabalhos tanto no navio quanto em suas moradias em terra, o cuidado com os doentes da tripulação, os arranjos e a arrumação de malas para as viagens, a comida, e suas acomodações. Mesmo sendo uma escritora profissional, não deixava de trabalhar como dona de casa também vez por outra. Quando ela chega ao Rio de Janeiro, vinda do Chile, por exemplo, ela arranja uma nova casa para si, para a qual leva seu primo Glennie, que estava doente, e de quem ela estava cuidando. Ela fala dos cuidados com a casa e com a alimentação e das atenções para com o doente. Em um dado momento, quando chegam a casa de um passeio, ela reclama que

(...) tivemos o desgosto de verificar que nem as provisões que eu comprara haviam chegado, nem o empregado, que um de meus amigos prometera enviar-me. De modo que ficamos sós e sem jantar, mas, Deus louvado, não sem socorro. Nas minhas excursões já aprendi o bastante para não ser dependente; e assim, após algum tempo, consegui da venda próxima um chá aceitável para dar ao doente, e mandei-o deitar-se de ânimo bem levantado. (GRAHAM, 1956, p. 245)<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> No original, lê-se: We therefore entreat Your Royal Highness with the greatest fervour, tenderness, and respect to delay your return to Europe, where they wish to make you travel as a pupil surrounded by, tutors and spies: We entreat you to confide boldly in the love and fidelity of your Brazilians, and especially of your Paulistas, who are all ready to shed the last drop of their blood, and to sacrifice their fortunes, rather than lose the adored Prince in whom they have placed their well-founded hopes of national happiness and honour. (GRAHAM, 2007, p. 189)

<sup>22</sup> No original, lê-se: (...) we had the mortification to find that neither the provisions I have bought in the town had arrived, nor the servant one of my friends had promised to procure me. So we were alone and supperless, - but, thank God, not helpless. I have learned so much in my wanderings as not to be dependent; and so, after

Além de trabalhar como escritora e às vezes até como dona de casa, tarefas que normalmente realizava sozinha, na intimidade de seu lar, de sua cabine no navio, ou mesmo na solidão de seu gabinete na Biblioteca Pública, Maria Graham também era professora. Em se tratando de trabalho, ao longo do diário, é esta última profissão que ela menciona. Ela também escreve sobre a função da fragata *Dóris* no Brasil, que diz respeito ao trabalho de seu marido Thomas Graham, já que foi para acompanhá-lo que a escritora veio à América do Sul.

Portanto, as passagens em que Maria se refere ao seu trabalho de professora dos guardas-marinha do navio, bem como as passagens em que ela fala da função do barco deles no Brasil e do propósito da viagem, eu considerarei fazerem parte daquilo que chamei de esfera do trabalho. Penso que esta esfera é mais abrangente pelo fato destes trabalhos não serem solitários, mas envolverem mais pessoas.

Neste ponto do presente trabalho, proponho um divisor de águas entre as esferas da narrativa, pois, as esferas mencionadas até aqui (esfera íntima, das divagações, da narração e a doméstica) fazem parte daquilo que chamarei de esferas privadas da narrativa, ou seja, que dizem respeito ao íntimo da narradora e ao seu espaço privado, isto é, sua casa e os trabalhos que desempenhava neste espaço, bem como os que desempenhava solitária, os trabalhos de escritora.

Todavia, as esferas sobre as quais tratarei deste ponto em diante (esfera do trabalho, dos costumes, da moradia, a local, a da administração pública, a paisagística, a econômica, a da crítica à escravidão, bem como as esferas política e histórica) fazem parte daquilo que considerarei como as esferas públicas da narrativa. Isto é, que versam não mais sobre o íntimo de Graham, ou os trabalhos que ela desempenhava solitariamente, mas sobre os trabalhos que já envolvem outras pessoas, neste caso, especificamente, seus trabalhos como professora; bem como outras passagens do diário em que a narradora vai incluir outros indivíduos e outros espaços na narração.

No que concerne à esfera do trabalho, a autora declara que veio ao Brasil para acompanhar o marido, que era da marinha de guerra britânica, e sua função no navio era ser

---

a time, I had from the huckster's shop in the neighbourhood a tolerable tea to give my invalid, and sent him to bed in pretty good spirits (...). (GRAHAM, 2007, p. 231)

professora de Literatura dos guardas-marinha que estavam estudando para se tornarem oficiais da marinha também (1956, p. 98): “Nossa escola para os rapazes de bordo está agora bem organizada, com grande honra para o Sr. Hyslop, nosso mestre-escola. A dos guardas-marinha vai muito bem; funciona na cabine da frente, às vistas do comandante.”<sup>23</sup> Sendo que, o curso que se pretendia dar aos rapazes seria realizado durante o tempo da missão deles na América do Sul, que estava prevista para três anos. Neste meio tempo, eles estudariam não só com Graham, mas também com outros professores.

Ainda na esfera do trabalho, Maria também fala no propósito da viagem, ou seja, na função da fragata deles no Brasil. Segundo a autora, eles deveriam observar a mais estrita neutralidade, e vieram somente para proteger os ingleses que aqui moravam em meio a tantas revoluções que estavam em curso em vários pontos do país, especialmente no Nordeste. Eles ofereciam o seu navio para hospedar os ingleses nos momentos mais violentos das revoltas, ou apenas para guardar seus bens de valor, pois nas cidades onde os revolucionários estavam em guerra, os saques às casas eram muito temidos. Contudo, como veremos adiante, a própria narradora vai quebrar esta neutralidade em seu texto ao apoiar o Brasil e ficar contra Portugal na causa da Independência. Mas, por agora, nos atenhamos ao que ela diz ser o motivo da viagem.

Devido às lutas civis entre a Junta Provisória de Pernambuco e os patriotas de Goiana pelo governo da capitania, em primeiro de outubro de 1821, aquela escreveu a esta última um manifesto oferecendo a paz. Na nota 53 da página 124 do *Diário de uma viagem ao Brasil* (1956, tradução para o Português), Graham não transcreve o documento, mas informa ao leitor seu conteúdo, que também inclui a função da fragata *Dóris* ali. Segundo ela, entre outras coisas o manifesto

Insinuava também que contava com o apoio das fragatas inglesas e francesas fundeadas ali, e que tal assistência tinha sido oferecida para proteger as propriedades inglesas e francesas na cidade. Sei agora que tal assistência não foi prometida pela fragata inglesa. Fora solicitada, mas o governo recomendara a mais estrita neutralidade. Recusou-se, assim, toda interferência e não se prometera mais que a proteção *pessoal* tanto a ingleses como a franceses e

---

<sup>23</sup> No original, lê-se: Our school for the ship's boys is now fairly established, and does Mr. Hyslop, our school-master, great credit; that for the midshipmen is going on very well, being kept in the fore-cabin under the captain's eye. (GRAHAM, 2007, p. 102)

portugueses; conseguintemente, a proteção à propriedade inglesa era a missão da fragata ali, e isso estava naturalmente compreendido por todos os partidos. (GRAHAM, 1956, p. 124)<sup>24</sup>

De seus trabalhos propriamente ditos, a abrangência das esferas da narrativa de Maria Graham vai se ampliando cada vez mais. No que considerarei como esfera dos costumes, a autora versa sobre os hábitos das pessoas, particularismos, variedades e coisas pitorescas, abarcando assim um espaço maior do que seu íntimo, sua moradia e seus locais de trabalho. Aqui, ela já vai para a rua observar os mais variados aspectos dos lugares que visita. Porque ela visava audiências mais amplas, quanto maior fosse a variedade de assuntos tratados em seus livros, mais interessantes e atraentes eles seriam para o público de massas.

No diário sobre o Brasil, acha-se de tudo que se possa imaginar dentre os aspectos observados: peixes e animais marinhos; seu encanto ante um periquito verde; sua surpresa ao ver uma jangada pela primeira vez; a noite dos trópicos; os corpos bem torneados dos marinheiros; detalhes de navegação, tais como latitude, longitude e temperatura da água do mar; superstições; cerimônias religiosas; costumes funerários; festas; índios; como os brasileiros se referem ao Imperador e à Imperatriz; o que a sociedade inglesa residente no Rio de Janeiro faz; só para mencionar alguns poucos exemplos.

Uma boa amostra desta incrível coletânea de assuntos feita pela autora é a curiosíssima descrição de um jantar provavelmente bem interessante aos olhos do público estrangeiro. No entanto, é um jantar no qual Maria nem estava presente, e sim alguns dos oficiais da fragata *Dóris*, que devem ter lhe contado o que se passara para que ela pudesse registrá-lo em seu diário.

Quando eles ainda se encontravam em Pernambuco, um dia, os oficiais do navio saíram para buscar mais provisões, e no lugar para onde se dirigiram foram

---

<sup>24</sup> No original, lê-se: They also intimate, that they are sure of assistance from the French and English frigates then there, such assistance having been offered, on the ground of the English and French property in the place. Now I know that no such assistance was offered by the English frigate. It was asked; but a strict neutrality had been enjoined by the government, all interference was refused, and no more was offered than *personal* protection to either English, French, or Portuguese; and of course protection for English property being the purpose for which the frigate was there, was understood by all parties. (GRAHAM, 2007, p. 369, nota n. 52)

convidados para participar de um jantar. O fato de a narradora mencionar detalhes com os quais os brasileiros não pareciam se importar já mostra que eles não eram comuns para ela, e que ela sim se importava. Não havia cadeiras nem talheres para todos. Logo, estes objetos foram dados aos estrangeiros, ao passo que os nativos não pareceram se incomodar em comer em pé e com as mãos. O festival das mais variadas mãos sendo enfiadas nos mais variados pratos sem qualquer preocupação da parte dos convivas é descrito em detalhes:

As raras cadeiras existentes no local foram destinadas aos estrangeiros. O resto do grupo ficou de pé durante a refeição. Aos estrangeiros, também, foram dados colheres e garfos, mas a falta de talheres não pareceu embaraçar os brasileiros. Cada pessoa recebeu um pequeno prato fundo de bom caldo de carne *bien dorée*. Quanto ao resto todo mundo pôs a mão no prato. (GRAHAM, 1956, p. 132)<sup>25</sup>

Graham ainda descreve todas as comidas que havia à mesa e acrescenta:

Dentro desses (pratos) também cada homem punha sua mão indiscriminadamente, e metendo seu bocado no prato fundo, ensinaram aos nossos oficiais como comer este substituto do pão de trigo e engolir sem preocupação de ordem ou limpeza. Todas as espécies de pratos foram misturadas e tocadas por todas as mãos. Depois do jantar um escravo passou em volta uma bacia de prata com água e toalhas (...). (GRAHAM, 1956, p. 133)<sup>26</sup>

Ainda na esfera dos costumes, a viajante aborda os seguintes aspectos: alimentação, que versa sobre o que as populações visitadas comem; suas relações interpessoais, quando fala das amizades que fazia, as visitas, festas e jantares os quais freqüentava por conta destas amizades; assuntos de ordem étnica, nos quais ela discorre sobre os habitantes e suas raças nos lugares por onde passa; vestimenta, que versa sobre as roupas dos habitantes; educação, quando fala sobre boas maneiras e cultura; e, finalmente, a organização familiar, que versa sobre a formação das famílias e os casamentos.

---

<sup>25</sup> No original, lê-se: The few chairs the place afforded were appropriated to the strangers, and the rest of the company stood during the meal. To the strangers, also, were given the spoons and forks, but the want of them did not appear to incommode the Brazilians. To each person a small basin of good beef broth, *bien dorée*, was served, and for the rest every man put his hand in the dish. (GRAHAM, 2007, p. 133)

<sup>26</sup> No original, lê-se: Into these (dishes) also each man put his hand indiscriminately, and dipping his morsel into his basin, set our officers the example of eating that substitute for wheaten bread, and of swallowing, without regard to neatness or order, all manner of messes, mixed together, and touched by all hands. After dinner, a slave handed round a silver basin, with water and towels (...). (GRAHAM, 2007, p. 133)

Apenas observando que considere todos estes assuntos como parte da mesma esfera por entender que todos estão no mesmo nível de proximidade da narradora, já que discorrem sobre coisas corriqueiras do dia a dia de Maria Graham, que estavam próximas dela, mas que também dizem respeito a outras pessoas, no que se refere a seus usos e costumes. Aqui, ela não vai mais falar exclusivamente em si e em suas atividades, mas vai envolver outras pessoas e as atividades destas na narrativa. A seguir, apresento alguns exemplos de tamanha variedade de assuntos.

Naquilo que concerne às relações interpessoais, Maria fala das amizades que fazia, as visitas, festas e jantares que freqüentava, ocasiões nas quais tinha contato com estas pessoas. Os trechos de seu diário que se referem a isto muitas vezes se mesclam e até se misturam com os que falam da alimentação, que por tratarem também de jantares e festas, muitas vezes versam sobre a comida destes eventos. Neste âmbito da esfera dos costumes, Graham também inclui os comentários sobre a música e as danças, não falando só de jantares, mas também de bailes, e até festas de igreja, ou os cortejos da Família Real em dias especiais, como o que se deu para celebrar a abertura da Assembléia Constituinte, por exemplo. Além disto, ao tratar de sua vida social e mencionar as amizades que travava, também escrevia sobre as conseqüentes visitas feitas, recebidas e retribuídas que estas amizades propiciavam.

Em meio a uma vida social movimentada, Graham contraiu amizades importantes, com figuras influentes do cenário de então. Dentre as suas amizades mais significativas estão o então braço direito de Dom Pedro I, José Bonifácio, Lorde Cochrane (almirante inglês nomeado comandante da marinha brasileira quando da fundação desta), bem como o próprio Imperador e a Imperatriz; sendo tantas amizades influentes também um forte sinal do prestígio dos viajantes ingleses de então.

A José Bonifácio ela expressou o seu desejo de pedir proteção à Imperatriz, dada a sua condição frágil em 1823: mulher, estrangeira e viúva. Sendo este pedido a origem da grande amizade que a viajante contraiu com a Imperatriz, bem como o que deu ensejo para, mais tarde, ela ser convidada para ser professora das princesas da Família Bragança. José Bonifácio intercede por Graham, e a Imperatriz promete marcar uma hora

para encontrá-la. Logo, a passagem a seguir nos mostra o quão integrada neste meio Graham estava:

Logo depois que cheguei aqui, em março, ou, antes, logo que meu parente Glennie me deixou, senti que, na qualidade de estrangeira, e na posição em que me encontro, estava extremamente desamparada; por conseguinte, falei ao ministro José Bonifácio, narrando-lhe meus sentimentos, e mostrando o desejo, dado o temperamento sensível da Imperatriz, de ter permissão para contar com o apoio dela e considerá-la minha protetora enquanto permanecesse no Império. Em conseqüência, ela me prometeu marcar um dia para receber-me (...). (GRAHAM, 1956, p. 280)<sup>27</sup>

Falando nas pessoas que encontrava pelo caminho, Maria não escreve apenas sobre aqueles com quem estreitou laços, mas fala nos povos em geral. Na esfera dos costumes, ela também tece comentários sobre os habitantes e as raças dos povos que visitava, comentando por vezes até sobre o comportamento dos nativos, como se comportamento e raça estivessem intimamente ligados. No que concerne ao Brasil, encontramos diversas passagens sobre os negros, algumas sobre os índios, um momento em que ela fala sobre a colônia de ciganos que residia no Rio de Janeiro, bem como trechos peculiares da narrativa, como a passagem em que ela descreve uma família de sertanejos, ou um outro em que ela escreve sobre um grupo de viajantes vindos de Minas Gerais para o Rio. Quanto ao comportamento dos brasileiros, o aspecto apontado com mais freqüência é o da indolência, pois para a autora, falta diligência para se trabalhar com afinco por aqui.

Em sua passagem pela capitania de Pernambuco, primeiro lugar do Brasil que Maria Graham visita, ela se impressiona com a quantidade de negros nas ruas de Recife e tece comentários sobre a diferença de comportamento entre os mulatos e os negros. Segundo ela, os mulatos são muito inteligentes e muitos acumulam fortunas, tendo assim condições de apoiar a campanha em prol da independência do Brasil. Já os negros, mesmo aqueles que conseguiram sua liberdade, raramente conseguem ficar ricos. Ela diz que quando um negro consegue dinheiro suficiente para suprir a si e a sua família com o básico,

---

<sup>27</sup> No original, lê-se: Soon after I arrived here, in March, or rather as soon as my patient Glennie left me, I felt that, as a stranger here, and situated as I am, I was peculiarly unprotected, and therefore I spoke to the minister José Bonifacio, telling him my feelings; and saying, that from the amiable character of the Empress, I should wish to be allowed to wait on her, and to consider her as protecting me while I remain in the empire. She accordingly promised to fix a day for me to see her; (GRAHAM, 2007, p. 258)

não se esforça para conquistar mais, mostrando-se um tanto racista e não muito humanitária ao tecer estes comentários:

Fiquei impressionada com a grande preponderância da população negra. Pelo último censo a população de Pernambuco, incluindo Olinda, chegava a setenta mil, dos quais não mais de um terço era de brancos. Os demais são negros ou mulatos. Os mulatos, em geral, são mais ativos, mais industriais e mais espertos que qualquer das outras classes. Acumularam grandes fortunas em muitos casos, e estão longe de ficar para trás na campanha pela independência do Brasil. Poucos negros, mesmo entre os livres, conseguiram ficar ricos. Um negro livre, quando sua loja ou seu jardim corresponde ao seu esforço, vestindo-o e a sua mulher com um belo fato preto, um colar e pulseiras para a senhora, e fivelas nos joelhos e sapatos para adornar as meias de seda, raramente se esforça muito mais, e contenta-se com sua alimentação diária. (GRAHAM, 1956, p. 137)<sup>28</sup>

Em um outro aspecto da esfera dos costumes, o da vestimenta, Maria Graham comenta sobre as roupas usadas pelas pessoas. Como ela mesma declara em sua autobiografia, nunca foi muito ligada a assuntos de moda e afins, mas, trajes diferentes dos europeus e assim considerados exóticos provavelmente chamariam a atenção do público alvo da escritora. Além da vestimenta de brasileiros e portugueses em geral, ela também aponta para as roupas usadas pelos escravos, bem mais simples que as dos demais, e as roupas chiques (ou nem tanto) e os diamantes das mulheres da corte no Rio de Janeiro. Aqui temos também uma diferença entre as notas autobiográficas da autora e o comportamento da narradora do *Diário de uma viagem ao Brasil*, pois enquanto aquela insistia em dizer que não ligava e que não gostava de modas e etiquetas, esta irá tecer vários comentários sobre este assunto em seu diário, e na maioria das vezes, irá tecer críticas exatamente às falhas de moda e etiqueta de portugueses e brasileiros.

A autora, na maioria das vezes que menciona as roupas das pessoas residentes no Brasil, é para criticá-las. Quando ela chega à cidade de Salvador, por exemplo, diz-se

---

<sup>28</sup> No original, lê-se: I was struck by the great preponderance of the black population. By the last census, the population of Pernambuco, including Olinda was seventy thousand, of which not above one third are white: the rest are mulatto and negro. The mulattoes are, generally speaking, more active, more industrious, and more lively than either of the other classes. They have amassed great fortunes, in many instances, and are far from being backward in promoting the cause of independence in Brazil. Few even of the free negroes have become very rich. A free negro, when his shop or garden has repaid his care, by clothing him and his wife each in a handsome black dress, with necklace and armlets for the lady, and knee and shoe buckles of gold, to set off his own silk stockings, seldom toils much more, but is quite contented with daily food. (GRAHAM, 2007, p. 136 e 137)

tomada de curiosidade para visitar a casa de uma família portuguesa, o que ela faz, mesmo (segundo ela) não sendo hábito dos portugueses receber visitas a domicílio. Ela acredita que pelo fato de não ser comum se receber visitas em casa, as mulheres apareciam muito mal vestidas. Era difícil de acreditar que se tratava de mulheres bem colocadas na sociedade, com o corpo logo desalinhado pela falta de coletes e espartilhos, e sem apetrechos que a autora considerava essenciais, tais como lenço ao pescoço ou mangas nos vestidos. Além disto, os cabelos também eram mal arrumados, e o conjunto todo dava a Graham a sensação de que estas mulheres não haviam tomado banho. A crítica pesada é ainda acompanhada de adjetivos fortes como “repugnante” e “desgrenhado” (no original, “disgusting” e “dishevelled”, respectivamente):

Quando apareciam, dificilmente poder-se-ia acreditar que a metade delas eram senhoras de sociedade. Como não usam nem coletes, nem espartilhos, o corpo torna-se quase indecentemente desalinhado, logo após a primeira juventude; e isto é tanto mais repugnante quanto elas se vestem de modo muito ligeiro, não usam lenços ao pescoço e raramente os vestidos têm qualquer manga. Depois, neste clima quente, é desagradável ver escuros algodões e outros tecidos, sem roupa branca, diretamente sobre a pele, o cabelo preto mal penteado e desgrenhado, amarrado inconvenientemente, ou, ainda pior, em papelotes, e a pessoa toda com a aparência de não ter tomado banho. (GRAHAM, 1956, p. 148)<sup>29</sup>

Falando na falta de asseio das mulheres, a viajante entra em uma outra faceta da esfera dos costumes, a da educação, em que ela fala sobre boas maneiras, tanto no vestir, quanto à mesa, ou no teatro. Ela aponta para a importância de, principalmente as mulheres, serem finas e educadas, e critica muito a falta de boas maneiras de portugueses e brasileiros. Aqui também incluí os trechos do *Diário de uma viagem ao Brasil* que versam não sobre a cultura das pessoas em nosso país, mas exatamente sobre a falta desta. A narradora critica a situação local da imprensa e a falta do hábito da leitura.

De acordo com Maria, é raro encontrar pessoas bem informadas, com quem se possa conversar, sendo que, quem mora aqui, nem se compara com as pessoas bem

---

<sup>29</sup> No original, lê-se: When they appeared, I could scarcely believe that one half were gentlewomen. As they wear neither stay nor bodice, the figure becomes almost indecently slovenly, after very early youth; and this is the more disgusting, as they are very thinly clad, wear no neck-handkerchiefs, and scarcely any sleeves. Then, in this hot climate, it is unpleasant to see dark cottons and stuffs, without any white linen, near the skin. Hair black, ill combed, and dishevelled, or knotted unbecomingly, or still worse, *en papillote*, and the whole person having an unwashed appearance. (GRAHAM, 2007, p. 147)

educadas de uma Europa que combatia cada vez mais o analfabetismo e que popularizava o hábito de leitura através dos crescentes público de massas e mercado da imprensa. Ela mostra um brasileiro que não lê, e chega a mencionar que é muito difícil encontrar uma boa biblioteca. A narradora também aponta para o precário estado do sistema de educação que agravaria esta situação ainda mais. Ela expressa suas opiniões a este respeito em mais de uma passagem de seu diário. O trecho abaixo narra uma festa no campo nos arredores de Salvador à qual ela comparece, e ilustra claramente suas opiniões sobre este assunto:

Quanto à sociedade portuguesa daqui, sei dela tão pouco que seria presunçoso dar uma opinião a respeito. Encontrei dois ou três homens do mundo bem informados e algumas mulheres vivamente conversáveis, mas ninguém, em nenhum sexo, que me lembrasse os homens e senhoras bem educadas da Europa. Aqui o estado da educação geral é tão baixo que é preciso mais do que o talento comum e o desejo de conhecimentos para alcançar um bom nível. (...) a quota de leitura de livros é escassa. (GRAHAM, 1956, p. 162)<sup>30</sup>

Abarcando um espaço cada vez maior na narração, passaremos agora para uma esfera mais abrangente que a esfera dos costumes. O que classifiquei como esfera da moradia são as passagens do *Diário de uma viagem ao Brasil* em que Graham fala das casas brasileiras, sua decoração e arquitetura. Considerei esta esfera mais abrangente porque a autora já não fala mais só nela e em sua própria moradia, naquilo que faz, nas pessoas a sua volta, ou naquilo que encontra pela rua, mas já inclui em seus apontamentos outros lugares: as casas e os prédios, com seus interiores e suas características externas.

Nesta esfera, a autora tece comentários sobre as casas brasileiras, tais como divisão de cômodos, decoração, limpeza (ou a falta desta) e arquitetura. Ela informa seu leitor sobre os prédios públicos, também descrevendo a decoração e a arquitetura destes, como por exemplo: o palácio do governo da capitania de Pernambuco, a capela do hospital de Salvador, o Outeiro da Glória no Rio de Janeiro, e a Biblioteca Pública, também no Rio.

Estes apontamentos eram em sua maioria críticas. Maria normalmente não gostava tanto daquilo que encontrava dentro das casas e prédios quanto do que encontrava

---

<sup>30</sup> No original, lê-se: Of the Portuguese society here I know so very little, that it would be presumptuous to give an opinion of it. I have met with two or three well-informed men of the world, and some lively conversable women; but none of either sex that at all reminded me of the well-educated men and women of Europe. Here the state of general education is so low, that more than common talent and desire of knowledge is requisite to attain any (...) the portion of book-learning is small.(GRAHAM, 2007, p. 158)

do lado de fora. Quando estive em Pernambuco, por exemplo, ela estava curiosa por entrar em uma típica casa portuguesa para ver como era. Depois de suas compras ela procurou uma família portuguesa e levou a cabo seu intento de comparar uma casa portuguesa com uma inglesa. Ela descreve a decoração e a mobília minuciosamente, achando a sala de jantar “completamente estranha”, pois não gostou do forro do chão, nem da distribuição das gravuras nas paredes:

A construção e a distribuição das peças são as mesmas. O salão só diferia em ser mais bem mobiliado e com todos os artigos ingleses, até mesmo um belo piano Broadwood. Mas a sala de jantar era completamente estranha. O solo estava forrado com um tecido estampado e as paredes cheias de gravuras inglesas e pinturas chinesas, sem distinção de assunto ou tamanho. Numa ponta da sala havia uma mesa comprida, coberta com uma caixa de vidro, na qual havia uma peça religiosa de cera: um presépio completo, com os anjos, os três reis, musgo, flores artificiais, conchas e contas, tudo envolvido em gaze e tarlatana de seda, semeado de ouro e prata, e com Santo Antônio e São Cristóvão de guarda, à direita e à esquerda. O resto da mobília consistia em cadeiras e mesas comuns e uma espécie de consolo ou aparador. (GRAHAM, 1956, p. 138 e 139)<sup>31</sup>

A descrição acima é um exemplo curioso do encontro e também do desencontro destes dois mundos (o de Maria e o Brasil) do qual falei no capítulo dois desta dissertação. Esta sala engloba um país profundamente religioso com um presépio e imagens de santos ricamente ornamentados, tentando abarcar outras partes do mundo com figuras inglesas e chinesas. Mais do que isto, engloba um Brasil tentando imitar uma Europa onde a decoração se tornava uma arte e onde ter um piano (a Broadwood era uma importante companhia britânica fabricante de pianos) era sinal de riqueza, cultura, e, conseqüentemente, respeitabilidade para a classe média. Tudo isto visto pelo olhar de uma britânica dentro de uma casa brasileira, sendo que ela também não entendia direito o que estava vendo, não entendendo a situação cultural do Brasil e assim o criticando.

---

<sup>31</sup> No original, lê-se: The building and general disposition of the apartments are the same, and the drawing-room only differed in being better furnished, and with every article English, even to a handsome piano of Broadwood's; but the dining room was completely foreign; the floor was covered with painted cloth, and the walls hung round with English prints and Chinese pictures, without distinction of subject or size. At one end of the room was a long table, covered with a glass case, enclosing a large piece of religious wax-work; the whole *praesepe*, ministering angels, three kings, and all, with moss, artificial flowers, shells and beads, smothered in gauze and tiffany, bespangled with gold and silver, San Antonio and St. Christopher being in attendance on the right and left; the rest of the furniture consisted of ordinary chairs and tables, and a kind of beaufet or sideboard (...). (GRAHAM, 2007, p. 138)

Além de descrever os interiores, Graham também fala na arquitetura dos prédios, da qual normalmente também não gostava. Um bom exemplo de comentário pejorativo neste sentido é quando a viajante está passeando pela cidade alta, em Salvador. Ela até acha os prédios bonitos, como a Catedral e o colégio dos jesuítas. Mas quando fala no Hospital de Nossa Senhora da Misericórdia, ela se depara com a estátua de João de Matos Aguiar, o Matinhos, que foi o fundador do hospital, e não se agrada desta nem um pouco:

A catedral, dedicada a S. Salvador, é uma bela construção e fica de um lado da praça onde estão o palácio, a cadeia e outros edifícios públicos. O mais belo destes, o colégio dos jesuítas, com colunas de mármore que vieram da Europa já cortadas, está transformado agora em quartel. O mais útil é o hospital de Nossa Senhora da Misericórdia, fundado por Juan [João] de Matinhos, cuja estátua em mármore branco, com uma cabeleira como a de Sir Cloudesley Shorel, na abadia de Westminster, e que fica no primeiro patamar da escada, é a mais feia peça de escultura que já vi. (GRAHAM, 1956, p. 150 e 151)<sup>32</sup>

Ampliando cada vez mais o espaço de abrangência dos assuntos tratados por Maria Graham em seu diário, além das pessoas, ruas, casas e prédios, ela também vai incluir todas as suas aventuras, visitas e passeios aos mais variados lugares das capitais brasileiras pelas quais ela perambulou naquilo que chamei de esfera local. Incluí neste nível da narrativa os passeios não só pelas cidades propriamente ditas, mas também pelos seus arredores, bem como visitas a museus, hospitais, asilos, cemitérios, etc. Pois juntando uma escritora interessada em entreter seus leitores com a maior variedade possível de assuntos, com um gênio intrépido e curioso por natureza, temos uma imensidade de passeios e incursões por todos os cantos.

Um dos melhores exemplos desta curiosidade quase sem limites, e desta coragem em enfrentar as mais insólitas situações para conquistar o posto de testemunha ocular, são seus passeios pelos arredores de Olinda e Recife. Pois quando a viajante lá

---

<sup>32</sup> No original, lê-se: The cathedral dedicated to St. Salvador is a handsome building, and stands on one side of a square, where the palace, prison, and other public buildings are placed. The finest of these, the Jesuits' college, the marble columns of which came from Europe ready cut, is now converted into a barrack. The most useful is the hospital of Nossa Senhora da Misericórdia, founded by Juan de Matinhos, whose statue in white marble, with a sig like Sir Cloudesley Shovel's in Westminster Abbey, stands at the first landing-place, and is the ugliest piece of carving I ever saw. (GRAHAM, 2007, p. 149)

chegou, Recife se encontrava em estado de sítio e reinava uma grande confusão por causa das brigas entre o governador nomeado pela Coroa e a junta dos patriotas, que lutava em favor do movimento constitucionalista. A cidade estava virada em revoltas civis, cheia de barreiras e alarma, e Graham quis passear mesmo assim, informando ao leitor inclusive que estava admirada com aquela situação, pois era a primeira vez que via uma cidade em estado de sítio, e isto lhe ataçava ainda mais a vontade de conhecê-la.

Quando a fragata *Dóris* recém havia chegado ao Brasil em outubro de 1821, e ainda se encontrava ancorada no porto de Recife, a tripulação havia mandado suas roupas para a terra, a fim de serem lavadas, e os patriotas, os opositores do governo, haviam proibido que se entregassem as roupas novamente aos ingleses. Sendo assim, estes foram obrigados a desembarcar a fim de resolver o problema. Graham e sua curiosidade não perderam a oportunidade e tomaram parte na comitiva que iria a terra. Para levar sua missão a cabo, os ingleses necessitavam de uma senha especial, pois teriam que ultrapassar as linhas de defesa da cidade, o que ela parece ter achado senão o máximo, pelo menos divertido:

Sabendo que os patriotas se recusavam a permitir que a roupa pertencente ao navio, enviada a terra para lavar, voltasse à cidade, decidiu-se que nos dirigíssemos ao comando deles, para nos queixarmos dessa maneira muito inconveniente de prejudicar o porto. Consegui partir em companhia dos emissários e, por isso, desembarcamos todos logo depois do almoço. Nosso primeiro trabalho foi obter passaportes e informamo-nos das senhas. (...) **Era a primeira vez que eu tinha a oportunidade de passar as linhas. Sentimo-nos como meninos de colégio em gazeta e estávamos na melhor disposição. A paisagem estava fresca e encantadora e o dia mais belo possível.** (Grifo meu) (GRAHAM, 1956, p. 124 e 125)<sup>33</sup>

Naquilo que chamei de esfera da administração pública, Graham abarca o sistema administrativo das capitais que visitara (Recife, Salvador e Rio de Janeiro), falando

---

<sup>33</sup> No original, lê-se: Having learned that the patriots have refused to allow the linen belonging to the ship, which had been sent to the country to be washed, to return to the town, it was determined that we should send to their head-quarters, and remonstrate against this very inconvenient mode of annoying the port. I obtained leave to accompany the messengers, and accordingly we all went on shore immediately after breakfast. Our first business was to procure passports, and to learn the countersigns; (...) **It was the first time we had had an opportunity of passing the lines, and we felt like school boys who had stolen beyond bounds, and well we might; the scenery was fresh and lovely, and the day was as fine as possible.** (GRAHAM, 2007, p. 126) (Grifo meu)

na organização destas cidades sob variados aspectos: a sujeira nas ruas, o transporte, abastecimento de água potável, organização das tropas de cada cidade, a violência e a desorganização da polícia, etc.

Quanto à sujeira das ruas, os comentários no diário são recorrentes; o transporte normalmente era feito a cavalo, ou em cadeiras carregadas por escravos, no caso de Salvador; ao descrever o abastecimento de água, a autora nos mostra ou o sistema de torneiras de represas em rios, aonde escravos iam com canoas abastecerem recipientes para levarem água à casa de seus senhores, ou o sistema de chafarizes, nos quais também os escravos iam abastecer-se; Graham ainda descreve a organização das tropas em detalhes, especificando diferentes regimentos e apresentando até números ao leitor.

Quanto à violência e problemas da polícia, seus comentários aparecem para as três capitais visitadas. No Rio de Janeiro, suas reclamações aparecem com relação às tropas portuguesas, que segundo ela, há muito afrontavam os brasileiros com brutalidade e desrespeitos, e em Recife, a violência e insegurança eram generalizadas por conta das lutas civis mesmo. Mas é em Salvador que a autora mais se choca com a insegurança. De acordo com seu relato, os assassinatos são muitos e a polícia está desorganizada, pois não há lei que limite o poder de seus dirigentes, o que causa bastante confusão:

A Polícia aqui está num estado de desbarato. O uso do punhal é tão freqüente que os assassinios secretos geralmente atingem duas centenas por ano, compreendendo as duas cidades, a alta e a baixa. Para este malefício contribuem grandemente a escuridão e a inclinação das ruas, que proporcionam uma quase certeza de fuga. O intitulado *Intendente de Polícia* é também juiz superior em matéria criminal. Não há lei, contudo, que estabeleça os limites de sua jurisdição, ou dos seus poderes, nem do Tenente-coronel de Polícia. (GRAHAM, 1956, p. 153)<sup>34</sup>

Nas esferas das quais falei até aqui, Maria vem escrevendo primeiro sobre ela mesma, para depois falar em seu trabalho, nas pessoas a sua volta e seus costumes, e nas cidades por onde passou, descrevendo moradias, prédios públicos, bairros e arredores, e

---

<sup>34</sup> No original, lê-se: The police here is in a wretched state. The use of the dagger is so frequent, that the secret murders generally average two hundred yearly, between the upper and lower towns. To this evil the darkness and steepness of the streets mainly contribute, by furnishing almost a certainty of escape. The nominal *intendente da policia* is also the supreme judge in criminal cases. No law, however, has as yet determined the limits or scope, either of his power, or that of the lieutenant-colonel of police (...). (GRAHAM, 2007, p. 151)

como tais cidades são organizadas. Porém, considere como esfera paisagística as passagens de seu diário em que ela olha os lugares por onde passa de um ponto de vista mais amplo, descrevendo assim panoramas maiores, belas paisagens. Estes trechos da narrativa são especialmente ajudados pelo aparato visual, pois não satisfeita em descrever paisagens minuciosamente, Maria ainda fez diversos desenhos das paisagens brasileiras para auxiliar seu leitor na visualização das mesmas.

A esfera paisagística do *Diário de uma viagem ao Brasil* é constituída quase que inteiramente de descrições da natureza, pois o Brasil do século XIX não só era muito pouco urbanizado, como a natureza aqui é muito exuberante. Sendo assim, mesmo as imagens de cidades possuem muitos elementos naturais. Muitos destes trechos descrevendo a natureza brasileira mostram o encanto da viajante face à grande biodiversidade brasileira. Finalmente, também encontramos no diário as paisagens marítimas descritas pela autora durante suas jornadas de navio.

Podemos ver estas descrições paisagísticas prenhes de elementos naturais na entrada do dia quinze de dezembro de 1821 do diário, quando Maria Graham chega ao Rio de Janeiro pela primeira vez. Seu encanto perante a beleza da baía é expresso por montanhas, florestas, ilhas, flores, e um clima, segundo ela, delicioso (no original, “delicious”):

Nada do que vi até agora é comparável em beleza à baía. Nápoles, o Firth of Forth, o porto de Bombaim e Tricomalee, cada um dos quais julgava perfeito em seu gênero de beleza, todos lhe devem render preito porque esta baía excede cada uma das outras em seus vários aspectos. Altas montanhas, rochedos como colunas superpostas, florestas luxuriantes, ilhas de flores brilhantes, margens de verdura, tudo misturado com construções brancas, cada pequena eminência coroada com sua igreja ou fortaleza, navios ancorados, ou em movimento, e inúmeros barcos movimentando-se em um tão delicioso clima, tudo isso se reúne para tornar o Rio de Janeiro a cena mais encantadora que a imaginação pode conceber. (GRAHAM, 1956, p. 174 e 175)<sup>35</sup>

---

<sup>35</sup> No original, lê-se: Nothing that I have ever seen is comparable in beauty to this bay. Naples, the Firth of Forth, Bombay harbour, and Trincomalee, each of which I thought perfect in their beauty, all must yield to this, which surpasses each in its different way. Lofty mountains, rocks of clustered columns, luxuriant wood, bright flowery islands, green banks, all mixed with white buildings; each little eminence crowned with its church or fort; ships at anchor or in motion; and innumerable boats flitting about in such a delicious climate, - combine to render Rio de Janeiro the most enchanting scene that imagination can conceive. (GRAHAM, 2007, p. 169 e 170)

No que se refere ao aparato visual da esfera paisagística do *Diário de uma viagem ao Brasil*, é interessante apontar que o fato da escritora optar por complementar sua narrativa com imagens é também apenas mais um aspecto de sua preocupação com o público leitor, pois a fim de transmitir uma imagem o mais detalhada possível das terras visitadas, ela também recheia seu diário com figuras<sup>36</sup>. Também é curioso, ou no mínimo um tanto peculiar, que Graham não tenha procurado figuras ou ilustrações do Brasil produzidas por outrem, mas que as tenha produzido de próprio punho. Como ela havia tomado aulas de desenho ainda criança quando estava no colégio, ela traçou diversos panoramas das três capitais brasileiras pelas quais passou: Recife, Salvador e Rio de Janeiro.

Se atentarmos para o fato de que o receptor também contribui para a construção da mensagem, concluiremos que o aparato visual do diário de Maria Graham é importante a partir do momento em que, juntamente com o texto, deixa o leitor participar duplamente do processo de construção da imagem do Brasil: através da narrativa e através das figuras; o que aproximaria ainda mais narradora e leitores. Pois conforme Jacques Aumont *apud* Miriam Lifchitz Moreira Leite (1997), *ver* seria então o processo de comparação entre o que esperamos da mensagem (seja ela escrita ou gráfica) com aquilo que nosso aparelho visual e mental recebe.

Ainda falando sobre as reflexões de Miriam Lifchitz Moreira Leite em *Livros de viagem: 1803/1900*, a autora aponta para o caráter de complementaridade das ilustrações e do texto. Segundo ela, as ilustrações teriam a função de desafiar o texto quando o *ver* não consegue ser transmitido pelo *descrever*:

Por mais que a imagem seja habitualmente considerada como mensagem direta, sem mediação de códigos, o exame atento do texto visual e do texto verbal preenche apenas em graus diferentes as mesmas funções: informa, interroga, organiza e testemunha. A arbitrariedade e a ambigüidade verificadas no texto visual, através das ilusões de ótica e de entraves da representação e da expressão podem ser apontadas também no texto verbal. As palavras freqüentemente não transmitem exatamente as idéias. A imagem visual desafia as palavras, quando *ver* não consegue ser transmitido pelo *descrever*. (LEITE, 1997, p. 221)

---

<sup>36</sup> Até o presente momento, não foi possível apurar se estes desenhos feitos por Maria Graham já saíram na primeira edição do *Diário de uma viagem ao Brasil*. Os desenhos utilizados neste trabalho são da tradução brasileira do diário.

No caso das condições de produção do diário de Graham, este complemento visual era muito bem-vindo e até mesmo necessário se lembrarmos que seu público alvo eram seus amigos ingleses, residentes em uma Europa na qual a grande maioria da população não podia viajar para ver as terras americanas com seus próprios olhos. Além do mais, a natureza exuberante predominante nas paisagens brasileiras era algo bem diferente e novo para os europeus, e com certeza as coisas ficavam muito mais fáceis para um narrador se ele podia pôr em desenho tamanha profusão de montanhas, árvores, flores, etc.

Isto pode ser comprovado em alguns desenhos que escolhi para anexar à presente dissertação.<sup>37</sup> As figuras de número três, quatro e cinco, apesar de serem desenhos de capitais, ou apresentam predominantemente elementos naturais (figura três), ou mostram casas e até mesmo prédios, porém rodeados de morros e árvores (figuras quatro e cinco).

Considerando que as esferas do *Diário de uma viagem ao Brasil* não são elementos isolados, ou seja, umas se interligam e até se mesclam com as outras, temos assim alguns desenhos ligados a outras esferas, como é o caso das figuras um e dois. No caso da figura um, podemos ver casas e prédios, o que complementa as descrições daquilo que designei como esfera da moradia; na figura dois, Maria desenha um dos meios de transporte utilizados para se transitar nas ruas de Salvador, o que está diretamente ligado à esfera da administração pública da narrativa, já que esta, entre outras coisas, versa sobre os meios de transporte usados nas ruas.

Continuando o processo de ampliação da abrangência das esferas do *Diário de uma viagem ao Brasil*, Maria Graham também escreve sobre coisas que afetam os povos visitados de uma maneira mais geral, tais como agricultura, comércio e riquezas, naquilo que classifiquei como esfera econômica da narrativa. Estas passagens não são muito numerosas no diário, mas ainda assim sua existência mostra o interesse da autora em investigar não só detalhes “pitorescos” e “exóticos” do Brasil, mas também coisas mais sérias, como a economia.

Nestes trechos do diário, Graham tece comentários sobre os preços dos aluguéis e o mercado de Recife, descrevendo os produtos que nele se acham e como está o estado do

---

<sup>37</sup> Figura 1 - *A porta norte do Recife (da varanda da casa do Sr. Stewart)*; Figura 2 - *Cadeirinha, na Bahia*; Figura 3 - *A Árvore da Gamela, num jardim da Bahia*; Figura 4 - *Laranjeiras*; Figura 5 - *Palácio de São Cristóvão*.

comércio. Fala na pobreza de Tenerife, nos impostos cobrados na Bahia, e também discorre sobre a agricultura brasileira, descrevendo o que é cultivado, em que época e onde pode ser plantado, só para citar alguns exemplos.

A viajante descreve em detalhes o comércio das três capitais brasileiras que visita, falando nos produtos que encontra, nos preços, e em como o comércio é organizado. No Rio de Janeiro, ela explica de onde vêm os comerciantes, em sua maioria europeus, o que eles vendem, e fala inclusive na *Rua dos Ourives*:

Fui a terra fazer compras com Glennie. Há muitas casas inglesas, tais como seleiros e armazéns, não diferentes do que chamamos na Inglaterra um armazém *italiano*, de secos e molhados; mas, em geral, os ingleses aqui vendem suas mercadorias em grosso a retalhistas nativos e franceses. Os últimos têm muitas lojas de fazendas, armarinho e modistas. Quanto a alfaiates, penso que há mais ingleses do que franceses, mas poucos de uns e outros. Há padarias de ambas as nações, e abundantes tavernas inglesas (...). Os ourives vivem todos numa rua, chamada, por causa deles, *Rua dos Ourives*, e suas mercadorias expostas em quadros suspensos de cada lado da porta ou da janela da loja, à moda de dois séculos passados. A manufatura de suas correntes, cruces, botões e outros ornamentos é curiosa e o preço do trabalho, calculado sobre o peso do metal, moderado. (GRAHAM, 1956, p. 210 e 211)<sup>38</sup>

Graham ainda segue o diário mencionando mais produtos que são encontrados no comércio do Rio de Janeiro: algodão estampado, panos largos, louça de barro, ferragens, sedas, crepes e outros artigos provenientes da China. Ela conclui seus apontamentos dizendo que os produtos ingleses e franceses são, em geral, muito caros. Por fim, na esfera econômica, a autora também tece comentários sobre a agricultura no Brasil, a qual era praticamente toda baseada no sistema escravagista.

Assim, passamos para uma esfera ainda mais abrangente do diário de Maria Graham, a esfera da crítica à escravidão. Isto era um assunto bastante em voga neste momento, já que havia todo um movimento antiescravagista tomando vulto após 1770,

---

<sup>38</sup> No original, lê-se: I went ashore to shop with Glennie. There are a good many English shops, such as saddlers, and stores, not unlike what we call in England an Italian warehouse, for eatables and drinkables; but the English here generally sell their goods wholesale to native or French retailers. The latter have a great many shops of mercery, haberdashery, and millinery. For tailors, I think, there are more English than French, and but few of either. There are bakers' shops of both nations, and plenty of English pot-houses (...). The goldsmiths all live in one street, called by their name *Rua dos Ourives*, and their goods are exposed in hanging frames at each side of the shop-door or window, in the fashion of two centuries back. The workmanship of their chains, crosses, buttons, and other ornaments, is exquisite, and the price of the labour, charged over the weight of the metal, moderate. (GRAHAM, 2007, p. 201 e 202)

conforme Pratt (1999) e Johnson (1991). Logo, era natural que isto figurasse na carga cultural de Graham e, conseqüentemente, no *Diário de uma viagem ao Brasil*.

Conforme já dito no presente trabalho, para a Inglaterra, a escravidão não era interessante porque não cooperava com seus interesses econômicos. Entretanto, Graham, nas dezessete vezes em que critica a escravidão abertamente ao longo das mais de trezentas páginas de seu diário, não menciona estes interesses uma única vez. Seu ataque a este sistema é estritamente pelo seu aspecto cruel e desumano. Ela transmite para sua narrativa o choque perante a escravidão de maneiras diferentes; como quando fala dos mercados de escravos nas cidades; os senhores que maltratam seus empregados; os escravos velhos que são abandonados à própria sorte e acabam morrendo ao relento; as reclamações dos senhores quanto à imoralidade de seus empregados (segundo Graham, o próprio sistema deturpa a índole dos negros, transformando-os em más influências, o que explicaria estas reclamações); as atrocidades ocorridas nos navios negreiros; ou até mesmo a escravidão dos índios.

As descrições que Graham faz dos mercados de escravos são ao mesmo tempo cruas e apaixonadas. A autora se diz profundamente comovida com aquilo que vê, mas faz questão de descrevê-lo em detalhes, transmitindo para o seu leitor esta sensação de choque que ela sente ao visitar tais lugares. Quando narra a sua visita ao Valongo, o mercado de escravos do Rio de Janeiro, ela fala no triste estado dos negros postos à rua para serem vendidos, abatidos e com sinais de doenças, além de apontar para um grupo de escravos que eram adolescentes, senão ainda crianças, e que já estavam a venda.

Vi hoje o Val Longo [Valongo]. É o mercado de escravos do Rio. Quase todas as casas dessa longuíssima rua são um depósito de escravos. Passando pelas suas portas à noite, vi na maior parte delas bancos colocados rentes às paredes, nos quais filas de jovens criaturas estavam sentadas, com as cabeças raspadas, os corpos macilentos, tendo na pele sinais de sarna recente. Em alguns lugares as pobres criaturas jazem sobre tapetes, evidentemente muito fracos para sentarem-se. Em uma casa as portas estavam fechadas até meia altura e um grupo de rapazes e moças, que não pareciam ter mais de quinze anos, e alguns muito menos, debruçavam-se sobre a meia porta e olhavam a rua com faces curiosas. Eram evidentemente negros bem novos. (GRAHAM, 1956, p. 254)<sup>39</sup>

---

<sup>39</sup> No original, lê-se: I have this day seen the Val Longo; it is the slave-market of Rio. Almost every house in this very long street is a depôt for slaves. On passing by the doors this evening, I saw in most of them long benches placed near the walls, on which rows of young creatures were sitting, their heads shaved, their bodies

Ao se deparar com este grupo de escravos muito novos, Graham se aproxima para olhá-los de perto, e diz sentir vontade de chorar ao ver criaturas em tão triste estado. Ela diz comover-se ao notar a alegria deles ao vê-la, e discorre sobre o mal que a escravidão traz para todos, escravos e senhores. Segundo ela, pelo mau tratamento que recebem, eles nem podem ser bons trabalhadores, o que prejudicaria seus senhores também, não havendo benefícios para ninguém.

Todavia, Maria Graham (1956) se mostra um tanto ingênua ao partilhar da visão do historiador Robert Southey, de que, muitas vezes, a escravidão no Brasil era mais leve, com tons feudais e patriarcais. Mais de uma vez, em suas visitas a fazendas nos arredores das capitais que visitou, a viajante comenta que as condições de vida dos escravos eram boas, melhores do que aquilo o qual ela esperava encontrar, apresentando os escravos até mesmo felizes.

A escravidão era um assunto de domínio público muito importante no Brasil de então, e conforme já vimos na biografia da autora, no que concerne aos diários publicados antes do *Diário de uma viagem ao Brasil* (os referentes às viagens à Índia e à Itália), interessar-se por estes assuntos, e, conseqüentemente, por política, é uma característica permanente de Maria Graham. Ela costuma incluir estes assuntos em seus relatos, apresentando um retrato muito detalhado dos lugares por onde passa. Sendo assim, chamei de esfera política os trechos do texto em que a narradora fala de todos os conflitos políticos brasileiros, que em princípios do século XIX, não eram poucos.

Nas passagens da esfera política, a escritora narra momentos decisivos da história brasileira que ela presenciou, tais como, por exemplo, o “dia do fico”, a abertura da Assembléia Constituinte, as lutas nas províncias pelo constitucionalismo, e a formação da marinha brasileira presidida por seu amigo pessoal, Lorde Cochrane. Seu contato com o meio político foi muito estreito, já que, como vimos na questão das relações interpessoais, ela travou amizades com figuras muito influentes do cenário brasileiro de então.

---

emaciated, and the marks of recent itch upon their skins. In some places the poor creatures were lying on mats, evidently too sick to sit up. At one house the half-doors were shut, and a group of boys and girls, apparently not above fifteen years old, and some much under, were leaning over the hatches, and gazing into the street with wondering faces. They were evidently quite new negroes. (GRAHAM, 2007, p. 239)

Portanto, as passagens referentes a assuntos políticos são muito numerosas no relato de Graham. Ela própria, em um dado trecho do diário, justifica seu interesse tão grande pela política daqui. Na sua segunda visita ao Brasil, em 1823, ela havia ficado viúva há pouco tempo, pois Thomas Graham havia morrido quando estavam a caminho do Chile, em abril de 1822, e ela se dizia muito indisposta espiritual e fisicamente (ela não o diz abertamente, mas provavelmente se tratava da tuberculose, doença que a seguiu a vida toda e que terminou por matá-la). Logo, a escritora alega que, entreter-se com os negócios do Brasil, os quais diziam respeito à felicidade de milhões de pessoas, era uma maneira de fugir de seus sentimentos particulares. Temos neste ponto um reflexo significativo daqueles tempos, pois o Romantismo trazia não só a era dos sentimentos, mas também abria os olhos das pessoas para os problemas sociais, trazendo também a consciência política, conforme afirma Paul Johnson (1991). *Diário de uma viagem ao Brasil* é um produto desta época, a partir do momento em que temos uma narradora que mescla sentimentos e política.

Maria Graham parece se engajar na causa da nossa independência de tal maneira que ela mesma diz se emocionar com as manifestações de patriotismo dos brasileiros. Em maio de 1823, quando se forma a Assembléia Legislativa para o Império, ela estava presente na ocasião, e, à noite, no teatro, o espetáculo apresenta uma surpresa para os brasileiros, pois todos pareciam estar vivamente entusiasmados com o acontecimento. Durante o espetáculo, de repente, um ator desfraldou a nova bandeira imperial com a inscrição *Independência ou Morte*. Segundo a narradora, todos ficaram de tal maneira extasiados que houve silêncio, e ela mesma diz ter começado os aplausos, o que foi seguido de uma explosão de emoção por parte do público. Ela se diz tão emocionada com tudo aquilo, que verteu lágrimas de todo seu coração:

Isto era completamente inesperado pela casa que, por um momento, pareceu cair eletrizada, em silêncio. Creio que fui eu que bati palmas em primeiro lugar, mas a explosão de sentimentos que rompeu de todos os cantos do teatro durou muito tempo. Não sei de coisa que seja tão dominadora como esta espécie de expressão unânime de profundo interesse de qualquer grande massa de homens. Comovi-me e, quando deveria estar acenando com meu lenço do camarote do camarero-mór

da Casa Imperial, estava escondendo com ele minha face e chorando de todo coração. (GRAHAM, 1956, p. 276)<sup>40</sup>

Finalmente, chegamos à última esfera do *Diário de uma viagem ao Brasil*, a histórica. Considerei esta esfera a mais abrangente de todas por também se tratar de assuntos de domínio público, mas, os do passado, mais remotos, ou seja, que estão ainda mais longe da narradora. Ao longo do diário propriamente dito, estas passagens não são muito numerosas, até porque, segundo a autora, tudo tem um ar de novidade no Brasil, e em alguns momentos ela o apresenta como sem história, sem passado, uma posição contraditória, se considerarmos que o diário possui um longo preâmbulo histórico que ela mesma escreveu. Estas poucas passagens sobre o passado falam, por exemplo, da história da descoberta das ilhas Canárias, ou da origem da “Festa da Linha”, que era a cerimônia de passagem pela Linha do Equador, quando viajavam de navio, mas nada muito além disto.

Portanto, no que concerne à esfera histórica, o mais importante a se levar em conta no diário é a Introdução. Como a Europa tem notícia do Brasil desde 1500, e Maria Graham só chega aqui em 1821, em momento tão conturbado, ela apresenta uma introdução explicando toda a história brasileira, desde a chegada dos portugueses até a sua própria chegada em Recife, a fim de que seus leitores entendam melhor os episódios que ela narra em seu relato.

O ponto de vista britânico da narradora já se manifesta nesta primeira parte do livro, pois, de acordo com Boris Fausto (2007), na introdução de sua *História do Brasil*, quando alguém vai escrever História, o recorte do passado e a seleção dos dados e fatos a serem relatados têm a ver com o ponto de vista de quem escreve. Sendo assim, deve-se levar em consideração que, para escrever a introdução histórica de seu livro, Graham se baseou no livro *History of Brazil*, de Robert Southey, ninguém menos que um historiador inglês:

---

<sup>40</sup> No original, lê-se: This was totally unexpected in the house, which, for an instant, seemed electrified into silence. I believed I clapped my hands first, but the burst of feeling that came from every part of the house was long ere it subsided. Now I know nothing so overpowering, as that sort of unanimous expression of deep interest, from any large body of men. It overset me; and when I ought to have been waving my handkerchief decorously from the great chamberlain’s box, I was hiding my face with it, and weeping heartily. (GRAHAM, 2007, p. 255)

PARA MELHOR COMPREENSÃO dos acontecimentos políticos de que fui testemunha ocular, julguei necessário antepor o seguinte esboço da História do Brasil ao meu diário de viagem.

A primeira parte da história foi quase toda extraída de Southey, embora me tivesse sido fácil basear-me em autores portugueses, já que li quase todas as fontes impressas citadas pelo cronista, além de outras que ele não menciona. O Sr. Southey, porém, foi tão fiel e criterioso no uso que fez desses autores, que seria absurdo, se não impertinente, desprezar-lhe a orientação. Desde a chegada do Rei ao Brasil, ou melhor, de sua partida de Lisboa, porém, sou responsável por tudo que afirmo; é pouco, mas espero que esse pouco esteja certo. (GRAHAM, 1956, p. 3)<sup>41</sup>

Temos assim muitos assuntos diferentes organizados em forma de diário. Em *O Pacto Autobiográfico: De Rousseau à Internet*, Philippe Lejeune (2008) apresenta diversas peculiaridades do gênero diário enquanto algo próximo aos escritos autobiográficos. Traços básicos, ao contrário da autobiografia, o diário não retrata a vida inteira de seu autor, mas apenas uma parte dela, dado que dificilmente alguém mantém um diário por um longo período ininterruptamente, que dirá toda uma vida. O autor também fala nos diários de férias ou de viagem, objeto desta análise, que versam sobre um período bem específico, normalmente com fim já programado. Escrita quotidiana, o diário é uma série de vestígios datados, sua base é a data.

A datação pode até ser espaçada ou um pouco imprecisa, mas é fundamental. Em tese, um diário é escrito no calor do momento, sem sabermos o que virá no futuro, e é aí que reside seu valor. Um diário por excelência, para conservar esta autenticidade do momento, não poderia ser modificado mais tarde. Modificações posteriores melhoram o texto ao dar-lhe valor literário, mas tiram esta autenticidade. Se depois de soar meia-noite o autor modifica seus escritos, sai do diário e cai na autobiografia. Portanto, enquanto a autobiografia for diário, ela é interminável, ao passo que, quando se termina um diário, ele vira autobiografia.

---

<sup>41</sup> No original, lê-se: I judged it necessary to prefix the following sketch of the history of Brazil to the journal of my voyage thither, in order that the political events to which I was an eye-witness might be the better understood.

The early part of the history is almost entirely taken from Mr. Southey. It would have been easy for me to have referred to the Portuguese authors, as I have read nearly all that are to be found in print of Mr. Southey's authorities, and some that he does not mention; but Mr. Southey had been so faithful as well as judicious in the use he has made of his authors, that it would have been absurd, if not impertinent, to have neglected his guidance. From the time of the King's arrival in Brazil, or rather of his leaving Lisbon, I am answerable for all I have stated: it is little, but I hope that little is correct. (GRAHAM, 2007, p. 17)

A datação pode ser mais ou menos precisa ou espaçada, mas é capital. Uma entrada de diário é o que foi escrito num certo momento, na mais absoluta ignorância quanto ao futuro, e cujo conteúdo não foi com certeza modificado. Um diário mais tarde modificado ou podado talvez ganhe algum valor literário, mas terá perdido o essencial: a autenticidade do momento. Quando soa meia-noite, não posso mais fazer modificações. Se o fizer, abandono o diário para cair na autobiografia. (LEJEUNE, 2008, p. 260)

No prefácio do *Diário de uma viagem ao Brasil*, a própria Maria Graham vai alegar tanto não ter feito modificações posteriores em determinadas passagens de seus escritos quanto ter sido forçada a rever umas passagens e até mesmo cancelar outras. Todavia, neste mesmo prefácio ela também vai dizer que já tinha a intenção de publicar seus apontamentos enquanto escrevia o diário. O fato é que temos uma modificação daquilo que Lejeune (2008) chama de situação base do diário: a princípio, um diário é íntimo, pois o destinatário sou eu mesmo, e Maria escreverá seu diário visando seu público leitor, seus amigos ingleses. Esta intenção por si só já muda as coisas, pois um diário escrito para mim não é a mesma coisa que um diário escrito para os ingleses ou para o mercado da Literatura, visto que a viajante toma todo um cuidado para não publicar coisas demasiadamente íntimas ou informações que possam denegrir a imagem de certas pessoas (como veremos adiante, ela vai tomar muito cuidado ao narrar os episódios desagradáveis os quais ela presenciou no período em que trabalhou para a Família Real no Rio de Janeiro).

O diário é antes um filtro do que um espelho. É impossível contar TUDO o que aconteceu em um dia. Filtra-se o mais importante, o mais interessante. Logo, o diário não é um auto-retrato. Neste sentido, é interessante mais uma vez notar a seleção dos assuntos que Maria Graham fará para publicar em seu diário para seus amigos ingleses, pois seria impossível contar todos os pormenores de uma viagem que durou mais de três anos. Ela provavelmente escolheu aquilo que despertaria mais curiosidade e interesse no público europeu.

Quanto à função, um diário pode ter várias, mas a primordial é o controle do tempo. Um diário funciona primeiramente como uma espécie de arquivo no qual guardamos nossa memória a fim de que ela não se perca no tempo. Ele seria uma lista de dias que nos permite trilhar o tempo rumo ao passado nos dando respaldo para falarmos

sobre ele, que é exatamente o que Graham fará ao contar para a Europa a história de suas viagens pela América do Sul:

Digamos apenas que um diário serve sempre, no mínimo, para construir ou exercer a memória de seu autor (grupo ou indivíduo). Quanto ao conteúdo, depende de sua função: todos os aspectos da atividade humana podem dar margem a manter um diário. A forma, por fim, é livre. Asserção, narrativa, lirismo, tudo é possível, assim como todos os níveis de linguagem e de estilo, dependendo se o diarista escreve apenas para ajudar a memória, ou com a intenção de seduzir outra pessoa. Os únicos traços formais invariáveis resultam da definição aqui proposta: a fragmentação e a repetição. O diário é, em primeiro lugar, uma *lista de dias*, uma espécie de trilho que permite discorrer sobre o tempo. (LEJEUNE, 2008, p. 261)

Contudo, além desta função primordial de arquivo, Lejeune (2008) ainda apontará algumas outras utilidades que um diário pode ter. O diário pode ter a função de expressão ou comunicação, pois o papel também pode ser um amigo. Maria Graham vai comunicar seus sentimentos e desabafar sua tristeza em vários momentos do diário, como no episódio da morte de marido ou nas passagens em que ela reclama de sua solidão em terras americanas, por exemplo. Tanto que, no prefácio, ela mesma vai dizer que seu diário também serviu para entretê-la em horas de tristeza e solidão. Reflexão, conhecer-se: o papel é um espelho. Maria é uma narradora que reflete sobre si mesma e sobre os acontecimentos a sua volta, ela analisa, delibera, tira conclusões.

Voltemos agora ao quadro *The tripper* (1971), de Antônio Dias, mencionado anteriormente neste trabalho. Em meio a tantas paisagens (esferas) diferentes pelas quais Maria Graham transita em sua narrativa, qual seriam os traços constantes de todas estas esferas os quais identificariam a narradora? Tantas histórias muito diferentes contadas sempre pela mesma pessoa têm as marcas da subjetividade de uma narradora que se quer sempre próxima de seu leitor. Ela demarca seu posto a partir do momento em que toma um partido, uma posição, ao narrar o que ela mesma chama no prefácio de seu diário de “emancipação de tamanho império do domínio da mãe-pátria”, o Brasil.

Com tantas camadas diferentes compondo a narração, é interessante observar que estas esferas não avançam linearmente no texto, pois a autora não começa necessariamente falando de seu íntimo para terminar contando a História do Brasil. O que

se encontra em *Diário de uma viagem ao Brasil* é uma espécie de movimento circular, em que a narradora sai de sua casa, o templo e o abrigo de sua subjetividade, para se lançar ao mundo em odisséias cada vez mais ousadas, para depois voltar ao seu refúgio novamente, como se fizesse este mesmo movimento todos os dias. Graham passeia verticalmente por entre todas estas esferas de suas aventuras, passando de uma a outra naturalmente, e assim compondo este enorme quebra-cabeça de peças de variadas cores e tamanhos que formam seus diários de viagem.

Diante de uma narradora transitando em meio a tantas camadas diferentes de narração, com escritos englobando os mais variados assuntos, estamos, de fato, diante dos trabalhos de uma escritora profissional, bem como de uma empenhada observadora etnográfica, que tenta captar temas não europeus a serem transmitidos para uma audiência européia. Para tanto, como se pôde ver através do esquema das esferas, Maria Graham faz o que os escritores-viajantes europeus geralmente faziam para serem compreendidos por seu público leitor: a fim de entender o Brasil, ela usa o que os europeus usam para verem a si mesmos, ou seja, instituições sociais comuns aqui e lá, ou que pelo menos, se não iguais, sejam uma tentativa de igualdade: religião, governo, leis, profissões, etc. Temos então, mais uma vez, a influência do destinatário dentro do texto, que também é importante, senão fundamental, na escolha do que será dito. Era preciso explicar uma sociedade muito estranha em termos que os europeus entendessem.

Consciente da importância de seu papel de escritora, Maria Graham tomou vários cuidados ao redigir seus diários de viagem. Além do cuidado com a escolha dos assuntos a serem tratados em seus textos, ela também se preocupava em apresentar ao seu leitor fontes adicionais, que pudessem auxiliá-lo na compreensão deste mundo ainda novo e estranho, tais como transcrição de documentos, cartas, discursos, notícias de jornais, os desenhos das paisagens americanas feitos pela própria autora e o que mais ela encontrasse de aparatos extras que pudessem ajudar a explicar estas insólitas terras. Por fim, Graham ainda tinha toda uma preocupação em ser imparcial e dar sentido histórico àquilo que dizia, conforme afirma Miriam Moreira Leite:

Maria Graham era escritora e desenhista. Copiou a lápis, do natural, várias paisagens e cenas do Rio de Janeiro, que ilustram a tradução brasileira do seu diário. Este foi escrito com vistas a uma publicação e, em diversas passagens, a autora exprime o que acha que convém a uma mulher e a uma estrangeira escrever sobre o país visitado. Esforçou-se por ser imparcial e por dar um sentido histórico aos aspectos examinados. (LEITE, 1997, p. 109)

Já sabemos então quem é Maria Graham, uma mulher consciente do papel de sua profissão, trabalhando com afinco para trazer a público um diário de viagem de sucesso. Mas e a narradora dentro do texto, qual a sua identidade? Será a mesma da escritora? Elas se confundem?

Philippe Lejeune (2008) vai discorrer sobre este jogo de espelhos, ora muito claro, ora mais confuso, que é a identidade do autor, do narrador e do personagem principal nas autobiografias. Segundo ele, não há nada de ficção nas tentativas de eu me criar e me retratar nos escritos autobiográficos, mesmo quando ocorram modificações nestas imagens, pois este processo se dá de acordo com a verdade, a minha verdade. Ao tentar me ver melhor, continuo criando minha identidade, mas nunca brinco de me inventar.

O fato de a identidade individual, na escrita como na vida, passar pela narrativa não significa de modo algum que ela seja uma ficção. Ao me colocar por escrito, apenas prolongo aquele trabalho de criação de “identidade narrativa”, como diz Paul Ricoeur, em que consiste qualquer vida. É claro que, ao tentar me ver melhor, continuo me criando, passo a limpo os rascunhos de minha identidade, e esse movimento vai provisoriamente estilizá-los ou simplificá-los. Mas não brinco de me inventar. Ao seguir as vias da narrativa, ao contrário, sou fiel a minha verdade: todos os homens que andam na rua são homens-narrativas, é por isso que conseguem parar de pé. Se a identidade é um imaginário, a autobiografia que corresponde a esse imaginário está do lado da verdade. Nenhuma relação com o jogo deliberado da ficção. (LEJEUNE, 2008, p. 104)

Mais adiante, o autor ainda afirma que ninguém se parece consigo mesmo. Nos olhamos e construímos imagens de nós mesmos que não se parecem conosco necessariamente. Isto explicaria por que nós leitores vemos “Marias Grahams diferentes” quando contrapomos seus escritos autobiográficos a algumas passagens do *Diário de uma viagem ao Brasil*, pois naqueles, ela diz não ligar e até mesmo não gostar de lições de moda, etiqueta e boas maneiras, sendo mesmo considerada uma “pequena selvagem” em meio a seus primos bem educados. Já em seu diário, conforme visto em algumas passagens

apresentadas neste trabalho, ela vai se mostrar muito afeita a estas regras de etiqueta ao tecer críticas recorrentes às maneiras dos brasileiros à mesa e ao teatro, às roupas e penteados das mulheres, à decoração e arquitetura de casas e prédios públicos, só para citar os principais exemplos.

Enquanto leitores que perguntamos “quem é eu?”, isto é, quem é este eu que está falando, também temos a sensação de vermos viajantes diferentes quando lemos as passagens (relativamente recorrentes ao longo do diário) em que a narradora se diz em uma condição frágil e desamparada aqui no Brasil por ser mulher, viúva e estrangeira. Contudo, dadas todas as limitações que isto poderia representar em princípios do século XIX, temos uma mulher que circula por meios predominantemente masculinos, como meios políticos e arsenais de guerra; que viaja sem o marido; que escreve e trabalha como escritora, só para citar alguns exemplos.

Assim, Lejeune (2008) ainda aponta para o fato de que nas expressões de primeira pessoa, não haveria unidade nem eternidade, pois o “eu” passa seu tempo sendo outro, e outro em relação ao que era antes. Mudamos ao longo do tempo, e assim nos retratamos de maneiras diferentes em diferentes momentos de nossas vidas; lembrando que o *Diário de uma Viagem ao Brasil* foi escrito e publicado nos anos de 1820, enquanto que as notas autobiográficas de Maria Graham foram ditadas por ela a uma amiga já no fim de sua vida, quase vinte anos depois de suas viagens ao Brasil.

Neste jogo de espelhos dos escritos autobiográficos, a distinção entre a autora e a narradora nem sempre será clara. No texto *O Narrador*, Walter Benjamin (1983) contrapõe dois atos diferentes: ler um romance, uma experiência solitária; e narrar uma história, um ato coletivo, no qual se trocam experiências. De acordo com o autor, é cada vez mais raro encontrarmos pessoas que saibam narrar uma história direito, quer seja oralmente, quer seja pela escrita. As pessoas estariam perdendo cada vez mais a faculdade de trocar experiências, e, conseqüentemente, a habilidade de narrar.

Em *Diário de uma viagem ao Brasil*, Maria Graham incorpora esta espécie de narrador que parece estar desaparecendo, pois ela acaba por se aproximar de seu leitor ao comunicar-lhe não apenas aquilo que vê, mas também aquilo que sente. Ela parece querer transmitir para o leitor não apenas um relato sobre o Brasil e os mares por onde navega,

mas também as suas experiências, aquilo que aprende com elas e como elas a modificam. A caminho do Brasil, ao passar pela Ilha da Madeira, mais exatamente pela localidade chamada Funchal, por exemplo, Graham se aproxima de seu leitor ao falar de seu desapontamento em face à pouca emoção que sente ao rever este lugar, lembrando que da primeira vez que o viu, foi presa da mais viva alegria e curiosidade. Ela indaga sobre esta mudança de sentimentos, perguntando-se se não será ela mesma que terá mudado, ao passo que o lugar continua o mesmo.

Ao passarmos Porto-Santo e as ilhas Desertas, para ancorar em frente do Funchal, fiquei desapontada com a calma de meus próprios sentimentos, contemplando estas ilhas distantes com tão pequena emoção, como se tivesse passado um cabo do canal. Bem me lembro, quando vi Funchal pela primeira vez, há doze anos, da viva alegria com que recreava meus olhos sobre a primeira terra estrangeira de que me aproximava, a curiosidade com que queria ver cada pedra e cada árvore da nova terra, que mantinha minha alma numa espécie de febril alegria.

(...)

Seriam, por acaso, os poucos anos acrescidos a minha idade os responsáveis pela mudança? Ou devo antes esperar que, pelo fato de ter conhecido terras cujos monumentos eram todos históricos e cujas lembranças eram todas poéticas, apurei meu gosto e minha vista? (GRAHAM, 1956, p. 84)<sup>42</sup>

Segundo Benjamin, para a figura deste narrador que está desaparecendo adquirir plena materialidade, é preciso ter em mente dois grupos de pessoas que trazem consigo a experiência que anda de boca em boca, as quais recheiam todas as histórias contadas: aquele que fica em casa vivendo honestamente de seu trabalho, e que tem as histórias e tradições de sua terra para contar; e aquele que faz uma viagem, que também tem algo para contar, já que vem de longe. Assim, os dois representantes arcaicos dos narradores seriam o lavrador sedentário e o marinheiro mercante, respectivamente.

Sendo o lavrador sedentário o camponês que conta histórias das tradições de onde vive, o seu conhecimento tem uma dimensão vertical, pois ele recupera o tempo, ao

---

<sup>42</sup> No original, lê-se: When we passed Porto Santo, and the Desertas, and anchored in Funchal roads, I was disappointed at the calmness of my own feelings, looking at these distant islands with as little emotion as if I had passed a headland in the channel. Well do I remember, when I first saw Funchal twelve years ago, the joyous eagerness with which I feasted my eyes upon the first foreign country I had ever approached, the curiosity to see every stone and tree of the new land, which kept my spirits in a kind of happy fever.

(...)

Surely the few years added to my age have not done this? May I not rather hope, that having seen lands whose monuments are all history, and whose all associations are poetry, I have a higher taste, and more discriminating eye? (GRAHAM, 2007, p. 89 e 90)

contar histórias referentes ao passado de sua terra. O marinheiro mercante, em contrapartida, possui conhecimento de dimensão horizontal, pois ele recupera o espaço, ao narrar histórias sobre os lugares por onde anda.

A experiência que anda de boca em boca é a fonte onde beberam todos os narradores. E, entre os que escreveram histórias, os grandes são aqueles cuja escrita menos se distingue do discurso dos inúmeros narradores anônimos. Entre estes últimos, aliás, há dois grupos que certamente se cruzam de maneiras diversas. Só para quem faz idéia de ambos é que a figura do narrador adquire plena materialidade. Quando alguém faz uma viagem, então tem alguma coisa para contar, diz a voz do povo e imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas não é com menos prazer que se ouve aquele que, vivendo honestamente do seu trabalho, ficou em casa e conhece as histórias e tradições de sua terra. Se se quer presentificar esses dois grupos nos seus representantes arcaicos, então um está encarnado no lavrador sedentário e o outro no marinheiro mercante. (BENJAMIN, 1983, p. 58)

Maria Graham é uma representante moderna dos marinheiros mercantes, pois se trata de uma viajante cuja narrativa fala dos lugares por onde passa, e da situação presente destes lugares, reservando poucas linhas para falar do passado e da história destes territórios. Nas mais de trezentas páginas de seu diário, menos de oitenta são dedicadas a falar do história passada do Brasil (Introdução), e praticamente todo o resto trata do tempo presente, bem como das descrições do nosso espaço.

Em uma certa altura da Introdução, Graham (1956) menciona este maior interesse pelo presente, dizendo que, para ela, as ações do agora são mais interessantes que as passadas, apesar de não ser insensível à influência dos dias de antigamente sobre os presentes. Afora a Introdução, durante o diário propriamente dito, são muito raros os trechos que tratam da história passada dos lugares. Segundo Phillipe Lejeune (2008, p. 150), o charme de um diário seria narrar tempos distantes, o que não era o caso de Graham na época em que ela publicou o *Diário de uma viagem ao Brasil*. Logo, creio que o charme de seu diário residiria exatamente nesta dimensão horizontal que ao invés de contar aos seus leitores sobre tempos distantes, contava-lhes sobre terras distantes.

A fim de contemplar a dimensão horizontal de seu conhecimento, a viajante recupera o espaço de várias maneiras diferentes. Conforme já apresentado neste trabalho, sua narração é formada por diversas camadas, versando sobre assuntos os mais variados,

pois Graham analisa o espaço por diferentes prismas, como paisagem, arquitetura, a aparência e o comportamento dos povos visitados, os conflitos políticos em andamento nestas outras terras, etc.

Para Walter Benjamin, um outro traço característico deste narrador nato seria a orientação para o interesse prático, ou seja, o narrador é alguém que dá conselhos. Uma narrativa verdadeira carrega consigo, implícita ou explicitamente, uma lição de moral, um conselho de ordem prática ou simplesmente um ditado. Assim, se a arte de narrar está se perdendo cada vez mais, também se perde a arte de aconselhar, já que o conselho não seria uma resposta, e sim uma proposta de continuação de uma história. Para podermos receber um conselho, teríamos que saber narrar.

Tudo aponta para a relação que isso mantém com qualquer narrativa verdadeira. Clara ou oculta, ela carrega consigo a sua utilidade. Esta pode consistir ora numa lição de moral, ora numa indicação prática, ora num ditado ou norma de vida – em qualquer caso o narrador é um homem que dá conselhos ao ouvinte. (...) O conselho é de fato menos resposta a uma pergunta do que uma proposta que diz respeito à continuidade de uma história que se desenvolve agora. Para recebê-lo seria necessário, primeiro de tudo, saber narrá-la. (Sem levar em conta que uma pessoa só se abre a um conselho na medida em que verbaliza sua situação.) O conselho, entretencido na matéria da vida vivida, é sabedoria. (BENJAMIN, 1983, p 59)

Em inúmeras passagens de seu diário, principalmente naquilo que chamei de esfera das divagações, Maria Graham aproveita para aconselhar seus leitores sobre os mais variados assuntos, indo desde a busca do homem por riqueza e poder, fama, literatura e lazer, até sobre o que seria a verdade, entre outros. Ela dá seus conselhos aproveitando o ensejo que certas ocasiões lhe dão, através de divagações inseridas na narração. Um bom exemplo disto é quando, ainda na Introdução do diário, a narradora fala da corrida pelo ouro em Minas Gerais. Ela usa esta passagem da história brasileira para discorrer sobre a busca do homem por riqueza e poder, e fala de como aqueles que vão em busca dos metais preciosos são mal vistos, ao passo que aqueles que obtêm sucesso nesta busca são admirados e vistos como heróis.

Grandes males sofreram os primeiros aventureiros mineiros, pois tantas mãos se empregaram na busca do ouro que ficaram muito poucas para cultivar o solo e

prover às necessidades da vida. No entanto, essa sede insaciável de ouro é o estímulo que tem conduzido os homens a empreendimentos úteis e honrados. Não é o amor do metal, mas a posse dele que confere o poder, e este é o verdadeiro objetivo da maior parte das ambições humanas e também de todas as nações, e, como tal, é aceito como legítimo. Julgamos miseráveis ou malvados os que procuram os meios, mas admiramos os que alcançam o fim. Há uma tendência tanto por parte dos filósofos da História como dos poetas em condenarem o primeiro homem que extraiu o minério da mina. Mas haverá sempre um panegírico em prosa e verso para o herói ou para o homem de negócios. (GRAHAM, 1956, p. 36)<sup>43</sup>

Temos uma narradora que se quer próxima deste leitor, pois quem ouve uma história, está na companhia do narrador, e mesmo quem lê tem esta companhia. De acordo com Benjamin (1983, p. 68), narrador e leitor estão sempre próximos: “Quem ouve uma história está na companhia do narrador; mesmo quem lê, participa dessa companhia. Mas o leitor de um romance é solitário.” Como já dito anteriormente, Graham estabelece esta proximidade com seu leitor pelo fato de comunicar seus sentimentos. Ao ler seu texto, não temos notícia apenas daquilo que aconteceu no Brasil quando ela o visitou, mas viemos a saber também o que ela sentiu e como ela viu e interpretou estes acontecimentos através de uma narrativa entremeadada de passagens com fatos de ordem pessoal. Esta narradora procura tocar o íntimo do leitor, pois ao dar estes conselhos, ela está também tentando ensinar alguma coisa. Temos assim uma narradora híbrida, que mistura características de narrações orais e escritas.

Ao nos depararmos com a diferenciação que Benjamin faz entre as histórias narradas por marinheiros mercantes e camponeses sedentários e a leitura de um romance, é pertinente lembrarmos a diferenciação que Phillippe Lejeune faz entre uma narrativa com começo meio e fim (como um romance, por exemplo) e um diário. Segundo o autor (2008, p. 286 e 287), o diário como um todo não é narrativo, mas cada dia é uma narração isolada. Além do mais, ele aponta para meios de se transformar um diário em narrativa: usá-lo para

---

<sup>43</sup> No original, lê-se: Great inconvenience must have been felt by the early adventurers to the mines: for so many hands were employed in searching for gold, that few remained to cultivate the soil, and provide the necessaries of life. Yet that insatiable thirst of gold is a stimulus which has led to useful and to honourable things: it is not the love of the metal, but the possession of it gives power, and that is the real object of most men's ambition: it is certainly that of the ambition of all nations, and this object is held legitimate: we account those based or wicked who seek the means; we admire those who attain the end. The philosophic historian and the poet are alike ready to condemn the man who first dug the ore from the mine: the panegyric in prose and in verse is lavished on the hero and the patron. (GRAHAM, 2007, p. 46 e 47)

escrever uma narrativa por meio de processos de montagem e triagem, que é exatamente o que Maria Graham vai fazer ao confessar a necessidade de modificações posteriores de seus escritos antes de entregá-los ao prelo. O diário então é recebido pelo leitor sob uma perspectiva que não é originalmente a sua, isto é, como um livro. Por fim, a perspectiva do leitor de notas autobiográficas é a de um destino que ele irá acompanhar, e que, se bem escritas, causará um efeito de identificação e conseqüente aproximação entre leitor e narrador.

Maria também manifesta verbalmente a sua preocupação com a verdade (ou inverdade) daquilo que narra. Tendo em mente a não verificabilidade das notícias que transmite, ela mesma explica isto aos seus leitores no prefácio de seu diário. Segundo ela, muito daquilo que diz é de natureza pessoal, porém honesto. Além disto, ela adverte o leitor sobre a possível deturpação dos fatos dependendo das fontes que lhe forneceram os dados ali registrados. Enfim, a narradora diz que, se ali não houver *toda a verdade*, haverá, pelo menos, *a verdade*.

Talvez restem ainda demasiadas referências de natureza pessoal, mas o que aí fica dito é, pelo menos, honesto. Se a autora tiver que pagar pessoalmente pela sua sinceridade sofrerá com satisfação.

(...)

Alguns fatos foram sem dúvida deformados pelas fontes interessadas através das quais chegaram ao público; outros, pela ignorância dos informantes; e a maior parte pelo espírito partidário, que encara sempre, ora com entusiasmo, ora com malevolência, a conquista da liberdade em qualquer parte do globo.

A autora não tem pretensões à perfeita imparcialidade, pois nem sempre esta significa virtude. (GRAHAM, 1956, p. XV)<sup>44</sup>

Em *O Pacto Autobiográfico*, Philippe Lejeune (2008) apresentará a discussão acerca das avaliações sobre a verdade (ou inverdade) dos escritos autobiográficos. Segundo o autor, em um livro escrito, toda a enunciação está a cargo de alguém que põe seu nome na capa do livro, sendo que este nome remete a uma pessoa extratextual que se responsabiliza

---

<sup>44</sup> No original, lê-se: Perhaps there is even yet too much of a personal nature, but what is said is at least honest; and if the writer should suffer personally by candour, the suffering will be cheerfully borne.

(...)

Some (occurrences) have, no doubt, been distorted by the party spirit which has viewed either with enthusiasm or malignity the acquisition of freedom in any quarter of the globe.

The writer does not pretend to perfect impartiality, for in some cases impartiality is no virtue; (GRAHAM, 2007, p. 11)

por tudo que é dito ali. Tanto isto é importante que, conforme visto no trecho do prefácio de Maria citado acima, ela vai estabelecer o seu compromisso com a busca da verdade (alcançando-a ou não) e já nas primeiras linhas da introdução histórica, ela vai se dar o status de “testemunha ocular” dos fatos narrados no diário. Assim, a semelhança entre o que a viajante escreveu e o que aconteceu torna-se um fato secundário, pois o que importa é que ela tenha assumido esta identidade e este compromisso.

Isto é o que Lejeune (2008) chama de “pacto autobiográfico”, ou seja, este compromisso com a verdade assumido explícita ou implicitamente. O autor ainda vai juntar a este pacto um outro, o pacto referencial. Este remeteria a toda uma realidade extratextual e não só a uma pessoa, ou seja, acontecimentos e espaços que também estão fora do texto, assim como o autor. Estes dois pactos seriam indissociáveis e ao invés de apenas honrar uma assinatura o autor juraria estar dizendo a verdade. Contudo, esta verdade, tal como a que Graham apresenta em seu prefácio, é uma verdade possível, a verdade do autor, ou seja, aquilo que ele julga ser verdade, sujeita a erros, deformações e enganos:

O pacto referencial, no caso da autobiografia, é em geral coextensivo ao pacto autobiográfico, sendo difícil dissociá-los, exatamente como ocorre com o sujeito da enunciação e o do enunciado na primeira pessoa. A fórmula deixaria de ser “eu abaixo-assinado” e passaria a ser “juro dizer a verdade, somente a verdade, nada mais que a verdade”. Todavia, raramente a forma do juramento é tão abrupta e total: uma prova suplementar de honestidade consiste em restringir a verdade ao *possível* (a verdade tal qual me parece, levando-se em conta os inevitáveis esquecimentos, erros, deformações involuntárias etc.) e em demarcar explicitamente o *campo* ao qual o juramento se aplica (a verdade sobre tal aspecto de minha vida, sem me comprometer sobre tal outro aspecto). (LEJEUNE, 2008, p. 36 e 37)

Além do mais, ao se reconhecer as limitações quanto à busca da verdade, escapa-se às acusações de vaidade que este autor pode sofrer. Logo, o enfoque principal não é ser um cão de caça que tenta descobrir se texto e referências extratexto condizem de fato, mas visualizar este contrato feito entre Maria Graham e seu leitor neste prefácio, pois é este contrato que vai guiar a leitura: narrar sua viagem pelo Brasil e os acontecimentos relacionados ao grito de liberdade de um povo do domínio da mãe pátria. Aqui também transparece o trabalho da escritora, pois enquanto redatora ela tem que condensar, resumir,

estabelecer uma ordem e um modo de enunciação e um tom para escrever, enfim, tem que estabelecer esta relação com o leitor, isto é, estabelecer quem é este “eu” que está falando.

Ao elencar as características do legítimo narrador, Walter Benjamin também diz que ele põe a sua marca na coisa narrada, ou seja, a narrativa não pretende transmitir um relatório puro, mas mergulha a história narrada na vida do narrador. A arte de narrar seria semelhante à atividade artesanal, pois assim como o artesão põe nos seus produtos a sua marca pessoal, também o narrador põe em suas histórias a sua própria marca.

Graham é esta espécie de artesã à medida que recheia seu texto com referências pessoais. Tais referências aparecem no texto de maneira concreta nos adjetivos que a narradora geralmente usa. Se prestarmos atenção, veremos que, muitos deles são de ordem subjetiva, ou seja, não há como medir o seu valor objetivamente, pois cada pessoa que o usa, atribui a ele o seu próprio valor, o seu próprio ponto de vista. Quando se deu o “dia do fico”, por exemplo, ela não foi à cidade, permaneceu em seu navio. Porém, dali ela observa a iluminação especial da cidade para comemorar a ocasião, e ao descrever a paisagem, dá o seu toque pessoal ao usar palavras tais como “belo”, “encantados” e “brilhantes” (No original, “beautiful”, “fairy” e “brilliant”, respectivamente).

E tudo na cidade, que estava brilhantemente iluminada, correu na maior harmonia.

Não há nada mais belo no gênero do que tal iluminação vista do mar.

Os numerosos fortes à entrada do porto, nas ilhas e na cidade, ficam cada um com suas fachadas desenhadas em luz; tornam-se assim castelos encantados de fogo, e as luzes espalhadas da cidade e dos vilarejos ligam-nos com um milhão de brilhantes correntes. (GRAHAM, 1956, p. 199 e 200)<sup>45</sup>

Isto nos leva a observar mais um aspecto importante apontado por Benjamin: o contraste que ele considera haver entre a explicação e a interpretação. De acordo com ele, o historiador, aquele que *escreve* História, está obrigado a dar explicações objetivas e plausíveis de tudo aquilo que escreve, não podendo simplesmente apresentar os fatos ao

---

<sup>45</sup> No original, lê-se: And everything in the city, which was brilliantly illuminated, went off in the utmost harmony.

Nothing can be more beautiful of the kind than such an illumination seen from the ship. The numerous forts at the entrance to the harbour, on the islands, and in the town, have each their walls traced in light, so they are like fairy fire-castles; and the scattered lights of the city and villages, connect them by a hundred little brilliant chains. (GRAHAM, 2007, p. 192 e 193)

leitor. Entretanto, o cronista, aquele que *narra* História, não carrega em seus ombros o peso das explicações demonstráveis objetivamente. Ao invés da explicação, o cronista faz uso da interpretação, que não está comprometida com o encadeamento preciso dos acontecimentos, e sim com a maneira do próprio cronista de enquadrá-los no fluxo do universo, semelhante àquilo que Philippe Lejeune vai chamar de “a verdade possível” do autor.

(...) a diferença que há entre aquele que *escreve* História, o historiador, e aquele que *narra*, o cronista. O historiador está obrigado a explicar, de uma maneira ou de outra, os incidentes de que trata; não pode, em circunstância alguma, contentar-se em apresentá-los como peças exemplares do mundo. Mas é exatamente isso que o cronista faz, com ênfase especial nos seus representantes clássicos, os cronistas da Idade Média, precursores dos historiadores modernos. Na medida em que eles subordinavam a historiografia ao plano divino da salvação, que é imperscrutável, livravam-se de antemão do peso da explicação demonstrável. Entra em seu lugar a interpretação, que nada tem a ver com o encadeamento preciso dos acontecimentos, mas com a maneira de enquadrá-los no curso insondável do universo. (BENJAMIN, 1983, p. 65)

Maria Graham seria então uma cronista, e não uma historiadora, já que ela apenas presencia os fatos e os submete, não ao plano divino da salvação, como os cronistas da Idade Média, mas aos seus próprios sentimentos, a sua própria maneira de enquadrá-los no curso dos acontecimentos. No prefácio de seu diário, ela mesma reconhece as suas limitações ao tentar fixar o encadeamento dos fatos por ela testemunhados. Não considera seu livro como História, mas sim um diário que a entreteve em momentos tristes e solitários. Ela espera não trazer aborrecimentos a ninguém, caso tenha havido algum engano de sua parte, o que também a dispensa de maiores compromissos com a veracidade daquilo que narra.

Não é com pequena ansiedade que este *Diário* é lançado ao mundo. Espero que desperte interesse pelo país, tornando-o mais bem conhecido. Talvez a autora tenha sobre-estimado sua capacidade, ao tentar fixar o curso de um acontecimento tão importante como a emancipação de tamanho império do domínio da mãe-pátria. A falta de saúde, entretanto, e, às vezes, a falta de disposição, impediram a autora de utilizar-se de todos os meios que podiam ter sido postos a seu alcance para aperfeiçoar seus conhecimentos. Espera, entretanto, que não tenha havido enganos de maior importância e que o *Diário*,

cuja composição a entreteve em muitas horas de solidão e tristeza, não traga aborrecimento algum a quem quer que seja. (GRAHAM, 1956, p. XVII)<sup>46</sup>

Uma narradora que reiteradamente dá o seu toque pessoal na narração dos acontecimentos, e que em seu prefácio admite possíveis enganos e uma certa dose de parcialidade, está, na verdade, confessando sua própria falta de neutralidade. Maria Graham não é uma narradora neutra (se é que existe de fato algum narrador neutro), dados todos seus traços de ordem pessoal que colorem a narrativa, e mais ainda: a posição que ela toma em seu livro ficará claramente marcada, como veremos no próximo capítulo, referente ao viés politicamente engajado da autora. Mesmo quando ela própria afirma que tanto ela, quanto o marido e todos os tripulantes do navio tinham instruções para manterem estrita neutralidade com relação aos conflitos políticos brasileiros de então (conforme a já citada nota 53 da página 124 do *Diário de uma viagem ao Brasil* (1956)), veremos claramente que ela quebra esta neutralidade de uma maneira quase enfática ao apoiar a independência brasileira e se colocar abertamente contra os portugueses.

Estamos assim diante de uma cronista. Aliás, pelo caráter incomum da situação de Maria Graham, ela é considerada uma exceção entre os viajantes do século XIX. Logo, antes de dizer quem é esta escritora e esta narradora de fato, fica muito fácil dizer quem ela não é. Não era nem naturalista, nem sentimental, nem escrevera os relatos de sobrevivência (os relatos de aventuras do século XVIII), também não tinha como função fazer uma descrição cívica dos lugares visitados, tampouco era uma sensacionalista (relatos maravilhosos do século XVI), ou como Humboldt, que colocava sentimentos na natureza, e, segundo Pratt (1999), também não era capitalista. Em *Maria Graham: uma inglesa em Pernambuco nos começos do século XIX*, Waldemar Valente faz exatamente isto, diz o que Graham não era e o que ela não fazia:

---

<sup>46</sup> No original, lê-se: It is with no small anxiety that the Journal is sent into the world, in the hope that it may tend to excite interest for the country by making it better known. Perhaps the writer has over-rated her powers, in attempting to record the progress of so an important event as the emancipation of such empire from the thralldrom of the mother country. (...) that want of health, and sometimes want of spirits, prevented her from making use of all the means that might have been within her reach of acquiring knowledge. She trusts, however, that there is no misinterpretation of importance; and that the Journal, the writing of which has to her beguiled many a lonely and many a sorrowful hour, will not give a moment's pain to any human creature. (GRAHAM, 2007, p. 13)

(...) não vinha ao Brasil estipendiada ou com a preocupação de satisfazer programas ou realizar trabalhos de encomenda. Não era naturalista profissional, a serviço de museu, associação científica ou repartição oficial. Não vinha recolher peças para coleções (...).

Também não era missionária, nem negociante, nem engenheira, nem médica, nem vinha com atribuições políticas ou militares, como geralmente acontecia com os viajantes estrangeiros que, no século de 1800, desembarcavam não somente no Recife mas em outras cidades brasileiras. (VALENTE, 1957, p. 36)

Para não se correr o risco de se confundir Graham com outros tipos de escritores-viajantes de sua época os teóricos estabelecem contrastes que ajudam a entender quem ela era. Pratt (1999) também explica quem Graham era, juntamente com a explicação de quem ela *não* era. A autora opõe os diários de Graham aos relatos de sobrevivência, nos quais as incríveis aventuras de lutas pela vida em ambientes insólitos davam o tom; aos relatos científicos, nos quais este traço humano e subjetivo, tão marcante no diário de Graham, praticamente não aparece; aos relatos de Humboldt, quando a natureza aparece impregnada de sentimentos; aos relatos da vanguarda capitalista, que estava preocupada em analisar as potencialidades do Novo Mundo; e, finalmente, aos relatos sentimentais, que apresentavam dramas sociais e pessoais com tintas coloridas e carregadas.

Poderíamos estranhar esta última oposição, já que os escritos de Maria Graham têm o seu traço pessoal muito marcado, com seus sentimentos sempre presentes na narrativa. No entanto, ao contrário dos relatos sentimentais, Graham é comedida ao comunicar ao leitor esses sentimentos, fazendo-o de uma maneira sóbria, e não dramática. Daí esta oposição ser pertinente. O próprio biógrafo da autora comenta (Gotch, 1937), ao final de sua biografia, que ela era uma mulher apaixonada, cheia de emoções, mas não excessivamente sentimental, nunca permitindo grandes exageros em seus escritos, mesmo ao falar de coisas que a tocavam muito, como a escravidão no Brasil, por exemplo.

Mary Louise Pratt (1999) apresenta Graham como uma investigadora social com forte interesse etnográfico, que escreve ao longo de linhas interpretativas e analíticas. Não só em Pratt, mas nos diversos autores consultados para este trabalho, são recorrentes os elogios à capacidade de observação da viajante, considerada uma competente crítica de costumes.

Retomando a oposição que Walter Benjamin faz entre o historiador (aquele que narra os fatos comprometido com explicações demonstráveis), e o cronista (aquele que narra os fatos interpretando-os a sua maneira, colocando a sua marca neles), consideramos Graham uma cronista. Em *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*, Flora Süssekind (2006) também considera Maria Graham uma cronista, apontando como peculiaridade deste tipo de narrador o fato de ele imprimir a sua marca nas coisas narradas, colorindo-as com suas “impressões pessoais e intransferíveis”. A autora fala em Maria e nas suas atividades pelo Rio de Janeiro como exemplo deste cronista urbano do século XIX, pois a viajante fazia de tudo para levar a cabo a sua busca por informações a fim de recheiar o seu diário com fatos e com suas impressões pessoais. Andava a pé ou a cavalo pela cidade, perambulando inclusive por ambientes exclusivamente masculinos como os arsenais de guerra, ou entre os agrupamentos de regimentos que faziam a segurança do Rio de Janeiro naqueles tempos agitados de conquista da independência. Ia na Biblioteca Pública ler tudo o que encontrasse sobre o Brasil, fazia visitas, ia a festas e bailes, passeava pelos arredores da cidade, etc.

Aliás, conforme já mencionado neste trabalho, todo este empenho para conseguir informações não foi exclusividade da estada de Graham no Brasil. Na Índia ela já mostra esta disposição para as mais exóticas excursões em nome da observação acurada de usos, costumes e paisagens (andar de elefante, andar em areia quente ou escalar pedras); ou como em sua viagem para a Itália, onde a autora passeava pelas ruas mesmo havendo disposição para revoltas e violência.

Em meio a tantas incursões pelos mais diversos lugares, este cronista, observador de costumes, também teria mais uma característica, que é o registro de particularismos do cotidiano. Novamente, Flora Süssekind usa Maria Graham como exemplo, pois ela não registrava apenas coisas importantes e relevantes como os processos de independência do Brasil ou os horrores da escravidão, por exemplo, mas também coisas de menor importância e abrangência: os acidentes provocados pelo balanço do navio, um anúncio de jornal para vender sanguessugas na Ilha da Madeira, coisas que vê pela primeira vez, como quando viu uma jangada ou um iceberg, etc. Traçando então um paralelo entre a

viajante e o cronista urbano do Rio de Janeiro do século XIX, Flora apresenta a seguinte descrição deste narrador-cronista:

No caso do narrador-cronista, a redução do espaço geográfico a percorrer parece, de um lado, ter ampliado as possibilidades de movimentação inesperada, de captação de detalhes, e, de outro, ter dado margem ao registro constante de “impressões pessoais e intransferíveis”. Agora, em vez de matas densas, imensas, fala-se de algum jardim público, em vez de uma sucessão de cachoeiras, descrevem-se confeitarias e conventos, com porta de entrada, muros e limites bastante visíveis, e, miniaturizando o mapa, parece aumentar o espaço para os auto-retratos e digressões de cronistas ao léu. Tornando-se a “fisionomia” do narrador espécie de paisagem obrigatória nessas descrições citadinas e nesses comentários sobre “usos e costumes” que enchem as folhas diárias e revistas ilustradas da segunda metade do século passado. (SÜSSEKIND, 2006, p. 231)

Passeios, coisas corriqueiras do dia a dia, escravidão, processos políticos, amizades, vestidos, frutas, noites tropicais. Não importa se se fala de particularismos ou se se está em um momento de importante engajamento político ou social, todos os assuntos tratados no diário de Maria têm a marca do seu toque pessoal, que aliado a uma narração em primeira pessoa nos traz aquela proximidade entre narrador e leitor, da qual fala Benjamin (1983). Em todas as esferas da narração os assuntos são mostrados pelo prisma da subjetividade.

Portanto, Graham é uma narradora que se define, que demarca seu posto ao imprimir estas marcas em seu relato. Como se pode ver nas passagens usadas para ilustrar as diferentes esferas da narrativa, ela faz questão não só de descrever ou explicar aquilo que encontra em suas jornadas, mas ela também interpreta a seu modo aquilo que vê e aprende, bem como dá a sua opinião sobre estas coisas. Temos aqui uma narradora bem diferente dos cientistas, que parecem já começar seu relato formados, prontos, onde o aprendizado científico é o que importa, tratando-se de narradores que pouco se definem. Graham, ao contrário, é um sujeito em formação, que sintoniza a viagem com o seu autoconhecimento, aprendendo sobre si mesma, em percursos impregnados de tempo e história, conforme afirmam Pratt (1999) e Sússekind (2006).

Ao narrar a história do grito de liberdade de um povo, o brasileiro, Maria Graham toma o seu posto de narradora com mais um traço marcante do seu *Diário de uma viagem ao Brasil*, o qual permeia seu relato desde o prefácio, passando pela Introdução

Histórica, e indo até a última página do seu diário: a defesa da causa da independência brasileira. A mesma narradora-viajante em trânsito pelas mais variadas paisagens vai defender a idéia de que o melhor para o Brasil é se tornar independente de Portugal, e que esta ruptura era inevitável. Traço constante da autora não só na sua passagem pelas terras brasileiras, mas em todas as suas viagens: a prática e o engajamento político. Pratt (1999), para nomear as atividades da viajante, usa expressões tais como “reformismo social”, “investigação social” e “prática política”, considerando-a uma experimentada “observadora política”.

Por fim, é possível se depreender (e assim confirmar) o estilo de narração de Maria Graham se atentarmos para os seus outros diários de viagem. Apenas a título de ilustração, usarei como exemplo o diário o qual ela escreveu entre as suas duas visitas ao Brasil, quando, entre 1822 e 1823, passou um ano e três dias no Chile. *Journal of a Residence in Chile during the Year 1822* (Diário de minha estadia no Chile durante o ano de 1822) compartilha com o *Diário de uma viagem ao Brasil* os seus principais traços, sendo o primeiro destes um longo preâmbulo histórico de aproximadamente oitenta páginas dando conta da história do país, a fim de situar seu leitor quanto aos acontecimentos narrados no diário.

O texto sobre o Chile também é colorido por uma grande variedade de assuntos sempre entremeados com o toque pessoal da narradora, tais como vestimenta dos chilenos, comidas e bebidas típicas, incursões e passeios por diferentes cidades, a dor que sente ao ficar viúva, só para citar alguns exemplos.

A passagem em que Maria narra o enterro do marido é comovente. Ela se refere a Thomas Graham não apenas como seu marido, mas também como seu amigo e companheiro. Descreve todas as honras funerárias prestadas ao marido e diz que tudo que os sentimentos piedosos da natureza humana com relação àqueles que se foram pode fazer, de fato foi feito por todos que lá estavam. Por fim, como num desabafo, a viajante afirma que tudo que se podia ser feito na tentativa de diminuir sua imensa dor estava sendo feito por aqueles a sua volta.

This afternoon I stood at my window, looking over the bay. The captain's barge, of the Doris, brought ashore the remains of my indulgent friend, companion, and husband. There were all his own people, and those of the Blossom and of the American ships, and their flags joined and mingled with those of England and Chile; and their musicians played together the hymns fit for the burial of the pure in heart; and the procession was long, and joined by many who thought of those far off, and perhaps now no more; and by many from respect to our country: and I believe, indeed I know, that all was done that the pious feelings of our nature towards the departed demand; and if such things could soothe such a grief as mine they were not wanting. (GRAHAM, 2003, p. 4)<sup>47</sup>

Contudo, apesar da viuvez recente, Graham aproveitará sua estada no Chile mesmo assim, e tal como no Brasil vai transitar pelos mais diversos ambientes, contando ao seu leitor as mais diferentes histórias. Um dos comentários interessantes que a narradora vai tecer mais de uma vez ao longo do diário é sua estranheza perante o mate, bebida típica de vários países da América do Sul. O mate consiste em uma espécie de chá com o qual se mistura água quente e, como a erva e a água ficam juntas, ao invés de ser bebido em uma xícara, como o chá comum, ele é sugado por uma bomba. Além disto, o recipiente com o chá bem como a bomba é compartilhada por todas as pessoas presentes. Portanto, na primeira vez que a viajante se depara com o mate, é possível perceber o choque cultural, pois ela alega ser o hábito bem estranho.

Todavia, algum tempo depois a narradora relata que após repetidos convites da esposa do dono da casa onde morava para que a fosse visitar e tomar um mate, ela resolve vencer o seu temor e o seu preconceito (no original “dread” e “prejudice”, respectivamente) pelo fato de uma mesma bomba passar de boca em boca, e vai à casa desta senhora:

I went to pay a visit to the wife of my landlord, who had often entreated me to go and take matee with her; but my dread of using the bobilla, or tube which passes round to every body for the purpose of sucking it up, had hitherto deterred me.

---

<sup>47</sup> Esta tarde, eu parei na janela e fiquei olhando a baía. O Bote do capitão, da Dóris, trouxe para a praia os restos mortais do meu indulgente amigo, companheiro e marido. Todos os seus estavam lá, bem como a tripulação da Blossom e dos navios americanos, e suas bandeiras se juntavam e se misturavam àquelas da Inglaterra e do Chile; seus músicos tocavam juntos os hinos típicos dos funerais dos puros de coração; a procissão foi longa, acompanhada de muitas pessoas que pensavam nos que estavam muito longe, e que agora, talvez, não mais; e também de muitos que vinham em respeito ao nosso país: e eu acredito, aliás, de fato, eu sei, que tudo aquilo que sentimentos piedosos da nossa natureza com relação aos que partem, foi feito. E se tais coisas pudessem aliviar uma dor tal como a minha, elas não estavam faltando. (Tradução minha)

However, I resolved to get over my prejudice, and accordingly walked to her house this evening. (GRAHAM, 2003, p. 32)<sup>48</sup>

Lado a lado a estas passagens sobre as mais variadas miudezas do dia a dia e sobre os seus próprios sentimentos, tal como no *Diário de uma viagem ao Brasil*, também são recorrentes as passagens que mostram o engajamento político de Maria Graham. Só para citar um exemplo, a certa altura do *Journal of a Residence in Chile during the Year 1822*, a escritora explica que durante algum tempo após a sua chegada no Chile, devido à dor da viuvez, ela não estava com ânimo para se interessar pela situação política do país. Entretanto, assuntos da maior importância para o país estavam sendo decididos naquele momento, e ela não deixa de o registrar em seus escritos. Segundo Graham, Don Bernardo O'Higgins foi escolhido para governar a nação, assistido por um corpo de senadores eleitos dentre cidadãos respeitáveis. Além disto, uma constituição provisória foi adotada. As leis com relação à terra continuariam a ser as mesmas estabelecidas pelos antigos colonizadores espanhóis, a constituição estabelecia direitos iguais para todos, abolia a escravidão, limitava os privilégios dos filhos primogênitos, bem como diminuía o poder da igreja. Por fim, ela conta que se adotou o código naval inglês para os assuntos marítimos.

My mind, for a time after I arrived, was not sufficiently free to attend, with any degree of interest, to the political state of the country (...).

On the first settlement of affairs after the battle of Chacabuco, Don Bernardo O'Higgins had been chosen to preside over the nation, under the title of Supreme Director of Chile. A senate was chosen from among the respectable citizens to assist him, and a provisional constitution was adopted. The law of the land continued to be such as the old Spaniards had bequeathed it. The constitution gave equal rights to all; abolished slavery, limited the privileges of the mayorasgos, diminished the power and revenue of the church, and adopted the English naval code for the regulation of its maritime affairs. (GRAHAM, 2003, p. 28 e 29)<sup>49</sup>

---

<sup>48</sup> Fui visitar a esposa do dono da casa onde estou morando, pois ela já havia me convidado várias vezes para tomar um mate com ela. No entanto, o meu verdadeiro temor de usar a bomba, ou tubo, o qual passa por todas as pessoas presentes a fim de ser chupada, tinha me detido de aceitar o convite. Mas resolvi vencer meu preconceito e fui a sua casa esta noite. (Tradução minha)

<sup>49</sup> Durante algum tempo depois que cheguei aqui, minha mente não estava suficientemente livre para se interessar pela situação política do país (...).

Na primeira resolução de assuntos políticos após a Batalha de Chacabuco, Don Bernardo O'Higgins foi escolhido para presidir a nação, sob o título de Governador Supremo do Chile. Um corpo de senadores para assisti-lo foi escolhido dentre cidadãos respeitáveis, bem como uma constituição provisória foi adotada. As leis com relação à terra continuam a serem as mesmas estabelecidas pelos antigos colonizadores espanhóis. A constituição estabeleceu direitos iguais para todos; também aboliu a escravidão, bem como limitou os

A narradora ainda segue relatando detalhadamente outras medidas tomadas para a organização do governo da nação, e ainda opina favoravelmente sobre o fato de O'Higgins, apesar de ter poder absoluto, não ter a ambição de abusar deste poder. Esta observadora política interessada em ação é o que se verá no próximo capítulo deste trabalho, neste caso, com as observações referentes às reviravoltas políticas sofridas pelo Brasil em princípios da década de 1820.

---

privilégios dos filhos primogênitos, diminuiu o poder e os lucros da igreja, e adotou o código naval inglês para os assuntos marítimos. (Tradução minha)

**CAPÍTULO IV**  
**O VIÉS POLÍTICA E**  
**HISTORICAMENTE**  
**ENGAJADO DE MARIA**  
**GRAHAM**

Antes de entrar no viés político e histórico desta pesquisa, acho pertinente deixar claro que não afirmo em nenhum momento que Maria Graham necessariamente apresenta a situação política e social do Brasil do século XIX, bem como atitudes de portugueses, brasileiros e ingleses, tais como elas de fato eram. O que vou apresentar neste trabalho é apenas uma versão dos fatos, a versão de Maria. Tento, através da análise de traços da biografia da viajante, da carga cultural que ela trazia consigo, e do contexto histórico no qual estava inserida, explicar porque ela enxergava as coisas do jeito que enxergou, e porque ela apresentou esta versão dos fatos e não outra.

A pesquisadora Ana Maria Belluzzo, no texto de abertura da *Revista USP: Dossiê Brasil dos viajantes*, explica este cuidado que devemos tomar ao analisarmos relatos de viagem. Isto é, ter em mente que eles são apenas um dos inúmeros pontos de vista diferentes que podem analisar uma mesma situação e que, portanto, estes narradores não são neutros. Ela também aponta para a possibilidade de aproximação destes relatos com a história do Brasil, que é exatamente a proposta do presente trabalho:

O legado iconográfico e a literatura de viagem dos cronistas europeus trazem sempre a possibilidade de novas aproximações com a história do Brasil. No entanto, essas obras só podem dar a ver um Brasil pensado por outros. O olhar dos viajantes espelha, também, a condição de nos vermos pelos olhos deles. As obras configuradas pelos viajantes engendram uma história de pontos de vista, de distâncias entre modos de observação, de triangulações do olhar. Mais do que a vida e a paisagem americana, exigem que se focalize a espessa camada da representação. Evidenciam versões mais do que fatos. (BELLUZZO, 1996, p. 10)

A partir deste ponto da presente dissertação, veremos a versão que Maria Graham apresenta da independência brasileira: britânicos benévolos preocupados com o bem das nações que protegem, primeiro preocupados com a indefesa Portugal vítima da malvada França, mais tarde preocupados com o inexperiente Brasil vítima da malvada Portugal; portugueses malvados e impertinentes, insistindo em não dar a merecida independência ao Brasil, sendo que eles também não tinham competência nenhuma para gerir tamanha colônia; brasileiros hospitaleiros e amáveis ora precisando, ora de fato suspirando por independência, tendo em suas mãos um país com potencial para um futuro próspero e glorioso.

Veremos também que aquela Inglaterra astuta que aparece nos livros *História do Brasil* de Boris Fausto, tentando de todas as maneiras tirar vantagens do mercado consumidor brasileiro e de todos os benefícios que este país poderia oferecer aos britânicos, bem como aquela Inglaterra arditosa que aparece no livro *The Birth of the Modern* (O Nascimento do Moderno) de Paul Johnson, disfarçando seus interesses econômicos de preocupação humanitária nas campanhas abolicionistas, não vão aparecer em *Diário de uma viagem ao Brasil*.

Conforme já visto anteriormente neste trabalho, ao longo da história colonial brasileira até então (princípios do século XIX), a Inglaterra se infiltrava cada vez mais no império português, sendo esta interferência o estopim da Revolução do Porto; e Maria Graham, uma britânica, apóia a presença britânica. Um exemplo disto se encontra no preâmbulo histórico do diário, quando ela discorre sobre fatos ainda anteriores a sua chegada a terras brasileiras em 1821. Ela conta como se deu a vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil e as turbulências políticas de então, momento em que Inglaterra e Portugal lutavam juntos contra a França. O interesse dos britânicos em ajudar Portugal é mostrado de uma maneira amistosa e a Inglaterra aparece como uma nação bondosa e fiel a seus aliados.

Quando a narradora discorre sobre as hostilidades entre França e Portugal em 1806, ela menciona o empenho da Inglaterra em proteger os portugueses dos franceses, não sem deixar de frisar o lado humanitário dos britânicos, sempre preocupados com o bem da nação. Na situação de então, os ingleses apresentavam a Portugal algumas opções de medidas a serem tomadas perante a França, tais como ajuda de dinheiro, de víveres, de homens da Inglaterra para defender o território português, ou a ida da Família Real para o Brasil sob a proteção da marinha inglesa. No entanto, se os portugueses recusassem todas estas medidas, os ingleses se veriam “forçados” a tomar uma outra atitude:

Se, contudo, Portugal insistisse em rejeitar o auxílio inglês em qualquer caso, as tropas do General Simcoe deveriam desembarcar e ocupar as fortalezas do Tejo. A esquadra entraria pelo rio e apossar-se-ia dos navios e vasos de guerra portugueses, **tomando o cuidado de convencer ao governo e ao povo de que isto se fazia para o bem da nação e nunca com o fim egoísta de**

**engrandecimento por parte da Inglaterra.** (Grifo meu) (GRAHAM, 1956, p. 44)<sup>50</sup>

Não tendo alternativa, os portugueses acabam aceitando a proteção inglesa, e ao invés de continuarem em seu território lutando contra os franceses, optam por transferir a corte para o Brasil, realizando a sua partida sob a proteção da marinha britânica. Lorde Strangford, um dos membros da esquadra inglesa que tomou parte nesta operação, escreve um despacho contando como foi a partida da Família Real. É interessante notar como ele apresenta uma relação amigável entre os dois países em questão (Portugal e Inglaterra). Ele mostra a sua nação como protetora dos oprimidos, e não como um país interessado nas vantagens que Portugal podia oferecer, tais como um porto na América do Sul para favorecer seu comércio, ou simplesmente o dinheiro que ganham à custa deste país ao lhe oferecer proteção. Também é interessante notar que Maria Graham, além de escolher exatamente este despacho para publicar em seu diário, também não fala nestes “outros interesses da bondosa Inglaterra”:

Na manhã de 29, a frota portuguesa saiu barra fora com Sua Alteza Real o Príncipe do Brasil e toda a família real de Bragança a bordo, juntamente com muitos de seus fiéis conselheiros e aderentes, bem como outras pessoas solidárias com sua atual fortuna. Esta frota composta de oito naus de linha, quatro fragatas, dois brigues e uma escuna, com uma multidão de navios mercantes bem armados, colocou-se debaixo da proteção de Sua Majestade, **enquanto as salvas das saudações recíprocas de vinte e um tiros anunciavam o amigável encontro daqueles que, ainda na véspera, estavam em termos de hostilidade. O espetáculo era impressionante para todas as testemunhas (exceto para os franceses, nas montanhas), presas da mais viva gratidão à Providência, por ver que ainda existia um poder no mundo capaz e decidido a proteger os oprimidos.** (Grifo meu) (GRAHAM, 1956, p. 48 e 50)<sup>51</sup>

---

<sup>50</sup> No original, lê-se: If, however, Portugal insisted on rejecting assistance in either case, the troops under General Simcoe were to be landed, the strong forts on the Tagus occupied by them, and the fleet was to enter the river and secure the Portuguese ships and vessels, **taking care to impress the government and people with the feeling that this was done from regard to the nation, and by no means for the sake of selfish aggrandisement on the part of England.** (GRAHAM, 2007, p. 54) (Grifo meu)

<sup>51</sup> No original, lê-se: On the morning of the 29th, the Portuguese fleet came out of the Tagus with His Royal Highness the Prince of Brazil, and the whole of the royal family of Braganza on board, together with many of his faithful councillors and adherents, as well as other persons attached to his present fortunes. This fleet of eight sail of the line, four frigates, two brigs, and one schooner, with a crowd of large armed merchant ships arranged itself under the protection of that of His Majesty, **while the firing of a reciprocal salute of twenty-one guns announced the friendly meeting of those, who but the day before were on terms of hostility, the scene impressing every beholder (except the French army on the hills) with the**

A escolha do historiador Robert Southey (um britânico com quem Maria manteve contato pessoal), bem como do despacho acima, para produzir a introdução histórica do *Diário de uma viagem ao Brasil* não são mero acaso. Podemos perceber o esforço da narradora em mostrar a pertinência das ações de sua própria nação, a Inglaterra, e também seu esforço em já começar a mostrar ao leitor as fraquezas de Portugal, nação incapaz de se defender sozinha da França, e quem sabe, incapaz de gerir uma colônia do tamanho e da importância do Brasil?

Tendo em vista os trechos da introdução de Maria Graham citados acima, também se pode ver o contexto histórico da época refletido no texto, pois o insistente empenho da Inglaterra em proteger Portugal por volta de 1808 mostra os interesses ingleses naquele momento. Eles consistiam basicamente em ter acesso ao mercado e aos portos brasileiros a fim de expandir suas relações comerciais. Ora, quanto mais os britânicos estivessem próximos dos portugueses, mais próximos estariam do Brasil, e quando este conseguisse se tornar independente, eles sequer precisariam de Portugal para terem acesso às vantagens que o território brasileiro podia lhes oferecer. Contudo, Graham, uma escritora britânica, apenas aponta toda a bondade inglesa ao ajudar Portugal, mas não fala nos interesses políticos de sua nação.

Boris Fausto (2007) escreve sobre as referidas vantagens que a Inglaterra levaria ao ter livre acesso ao território brasileiro, já que este país era o seu terceiro mercado externo. Ele afirma que o Brasil não estaria independente de fato, pois ele apenas passava de dependência inglesa via Portugal para dependência direta da Inglaterra.

Logo, à medida que as tensões entre Brasil e Portugal aumentavam, o foco do apoio inglês saiu dos portugueses e foi para os brasileiros. O navio da marinha de guerra britânico, a fragata *Dóris*, na qual Maria Graham viajava com seu marido, o capitão da marinha de guerra inglesa Thomas Graham, era parte desta ajuda dirigida não só ao Brasil, mas também a outros países da América do Sul que lutavam pela consolidação de sua independência das metrópoles européias, ou pelo menos pela equiparação de privilégios e direitos com relação à metrópole, caso do Brasil até meados de 1822. Pois como já se pode

---

**most lively emotions of gratitude to Providence, that there yet existed a power in the world able, as well as willing, to protect the oppressed.** (GRAHAM, 2007, p. 58) (Grifo meu)

perceber, no relato desta viajante, há diversos indícios mostrando que as posições da narradora eram a favor dos interesses da Inglaterra naquele momento, e, conseqüentemente, exatamente a favor do trabalho de seu marido, apesar de em alguns momentos ela afirmar que a tripulação do navio tinha instruções para observar estrita neutralidade. Isto nos mostra uma narradora muito pouco crítica com relação a sua nação se comparada com outros autores britânicos como o próprio historiador no qual ela se baseou para escrever a introdução de seu diário, Robert Southey, o qual criticava ardentemente a sanha capitalista britânica.

Apesar de tomar uma postura britânica, apoiando tudo quanto os britânicos faziam, a viajante não era parte da vanguarda capitalista, que defendia a exploração dos potenciais econômicos do Novo Mundo a fim de enriquecer ainda mais as potências européias (Pratt, 1999). No entanto, trazia toda uma carga cultural colonialista, o que em boa parte explica os pontos de vista que defende.

Uma das fontes das idéias de Graham a se levar em consideração são os três volumes da *História do Brasil*, de Robert Southey, historiador britânico no qual a escritora se baseou para escrever a introdução histórica do *Diário de uma viagem ao Brasil* no que diz respeito desde a chegada dos portugueses até a vinda da Família Real em 1808 (pois os estudos de Southey só cobrem até esta data). Algumas posições do historiador aparecerão nesta introdução e ao longo do diário propriamente dito também.

Em *O fardo do homem branco: Southey, historiador do Brasil*, Maria Odila da Silva Dias apresenta uma análise não só da *História do Brasil*, mas também das posições e opiniões de Southey sobre diversos assuntos as quais influenciarão a produção deste estudo histórico.

Segundo Maria Odila (1974), um poeta romântico desiludido com a Revolução Industrial que esfacelava a sociedade exatamente no momento em que estourava a transição da economia de consumo para o capitalismo industrial, Southey resolveu se refugiar no passado de uma colônia portuguesa distante na qual nunca nem havia estado como uma fuga daquele presente que não o agradava. Entusiasmado, ele escreveria esta história (de 1806 a 1822) em um momento de otimismo com relação a Portugal e ao Brasil. Nascia assim a sua *História do Brasil*.

Impregnado de sua carga cultural européia e europeizante, Southey tentará mostrar como em meio ao que, para ele, eram muitos problemas, o Brasil estava crescendo e se desenvolvendo, mostrando-se uma colônia com potenciais para um dia se tornar uma nação independente. Conservador, o historiador era antimoderno, ou seja, tal um típico romântico, achava que o capitalismo selvagem da Revolução Industrial era um mal que estava acabando com as antigas tradições, esfacelando a agricultura e quebrando os laços dos homens com suas terras. Também era adepto da política britânica conservadora para manter a ordem, sendo contra-revolucionário, isto é, ele não era a favor de revoltas populares, pois estas desorganizavam a sociedade e enfraqueciam o poder do Estado que, para ele, deveria ter um poder centralizado forte a fim de poder melhor gerir a sociedade, mostrando-se assim também a favor de um Estado paternalista. Em *História do Brasil* isto vai aparecer na posição do autor de defender a paz na colônia, pois acreditava que revoltas nas capitanias quebrariam a unidade nacional, enfraquecendo o poder centralizador do Estado e a própria nação e atrapalhando seu processo de crescimento.

Conforme Maria Odila (1974) aponta em seu trabalho, Southey também acreditava na grande missão civilizadora britânica que deveria ajudar o Brasil no seu processo de emancipação, achando que a presença do comércio inglês aí ajudaria o país a desenvolver-se, apesar de também criticar a Inglaterra quando esta mostrava interesses puramente comerciais que não visavam ao bem da colônia. Pois uma colônia tinha que ter condições para se tornar independente, tinha que saber gerir a si própria sozinha antes de se emancipar da Metrópole, a ruptura não podia ser abrupta. Antes deveria haver um processo de “educação da colônia” por parte da Metrópole, para depois a colônia se tornar independente e ambas as nações continuarem aliadas.

O historiador achava então que Portugal falhava gravemente neste ponto, pois em sendo a favor de um Estado forte e paternalista, ele era da opinião de que a colonização era um empreendimento essencialmente estatal. Ou seja, deveria haver uma forte presença da administração da Metrópole na colônia a fim de acompanhar de perto e auxiliar o crescimento desta, já que a ausência do governo daria ensejo para as iniciativas de cunho particular que, sem esta vigilância do Estado, podiam ser egoístas e apenas de interesses

materiais, não contribuindo para o bem da colônia. Logo, ele criticava muito as omissões da coroa portuguesa no Brasil.

Para Southey, a administração lusa da colônia deixava muito a desejar por estar distante e, conseqüentemente, muito pouco presente, já que não acreditava no êxito de governos à distância. Ele mostrará o Brasil em estado de anarquia, vítima de diversas forças de dispersão, tais como os focos de poder local das capitânias os quais tinham força dada a ausência do Estado, a imensa extensão da colônia que, sem uma boa rede de comércio para integrá-la, tinha muitos focos de população isolados e não coesos. O historiador também mostrará que a colônia será prejudicada pela colonização centrada em interesses comerciais dos portugueses, empreendimento que não aprovava já que, para ele, que se revoltava contra os interesses capitalistas da Revolução Industrial, a colonização era antes de tudo um empreendimento moral.

Portanto, Robert Southey apresentará a seus leitores um Brasil colonial infestado de imoralidade, degeneração e ignorância, onde a educação e a religião (sendo esta última para ele a base da sociedade) muitas vezes falhavam em educar seus habitantes. Da opinião de que a religião deveria estar presente nos empreendimentos coloniais a fim de semear as bases morais de uma nação e protestante convicto, apesar de admirar o fervor religioso dos jesuítas que muito fizeram pelos índios, Southey vai criticar imensamente o fanatismo católico dos portugueses, apresentando-o como um fator de atraso para o Brasil.

Um outro aspecto largamente criticado pelo historiador, ainda que de uma maneira ora muito ingênua, ora muito crítica, será a escravidão, pois para ele, ela degenerava a sociedade como um todo, sendo um dos principais empecilhos ao desenvolvimento do Brasil. A Inglaterra exercia uma grande pressão abolicionista sobre o Brasil, no entanto, este dependia tanto dos escravos que uma abolição abrupta poderia prejudicar muito a colônia, causando exatamente o que tanto a Inglaterra quanto Southey não queriam, uma revolta dos negros livres ou um baque na economia, que provavelmente implicaria a quebra da unidade nacional. Logo, o processo de abolição deveria ser gradativo, mostrando um abolicionismo paternalista: era preciso cuidar dos negros livres com a ajuda do Estado, da religião e da educação, a fim de que fossem integrados à sociedade e à nacionalidade.

Bastante crítico, Southey julgava ser a campanha abolicionista da Inglaterra hipócrita, pois enquanto os ingleses se preocupavam em salvar escravos em outros continentes, os próprios trabalhadores ingleses, vítimas da sanha capitalista da Revolução Industrial, penavam talvez muito mais do que os escravos dentro de seu próprio país, a “civilizada” Inglaterra. Ele achava que o governo inglês deveria antes se preocupar com os seus próprios do que com os outros. Bastante ingênuo, achava que mesmo com os episódios de matança dos índios narrados por ele próprio, no final das contas, os portugueses eram até benévolos com os índios, e que se estes estavam desaparecendo, isto se devia a outros fatores inevitáveis, mas não à crueldade lusa. Também achava que, no mais das vezes, a escravidão no Brasil tinha tons patriarcais e feudais e que era bem menos pesada do que em outros lugares, além de achar que mulatos e negros livres estavam bem colocados em nossa sociedade.

Conforme então podemos depreender do livro de Maria Odila (1974), ao longo da *História do Brasil*, figuram muito mais críticas aos portugueses do que elogios. O escritor vai se mostrar a favor de um governo representativo (no estilo das Cortes) e contrário ao governo absolutista luso, o qual ele julgava ineficiente e corrupto, apenas atendendo aos interesses particulares da coroa. Apresentará os portugueses como intelectualmente inferiores aos ingleses, atrasados, ignorantes, excessivamente beatos, e indolentes, que, não afeitos ao trabalho, não cuidavam da agricultura (que deveria ser uma das bases da sociedade) nem na Metrópole nem na colônia.

Apesar de tanta implicância, o historiador vai reconhecer que os portugueses foram o povo europeu que melhor se adaptou ao clima dos trópicos e que seu patriotismo fervoroso os faziam guerreiros e apegados às tradições do passado, já que ainda não haviam sido tomados pela onda da nova economia industrial. Também reconhecia que eles conseguiram expandir imensamente o seu território nas Américas, muito mais do que no caso das colônias espanholas.

A despeito de tantos problemas causados pela incompetência da Metrópole, de ver os índios como selvagens e atrasados e de acreditar que mesmo os colonos europeus acabavam sendo degenerados pelos trópicos, Southey, como um típico romântico, vai depositar grandes esperanças no povo brasileiro ao redigir sua história. Para ele, os vícios

vinham da basicamente da própria história e das circunstâncias (neste caso, a má influência dos portugueses), mas não da raça dos brasileiros. Logo, se os males eram resultado das circunstâncias, com uma boa administração, educação e religião, eles poderiam ser corrigidos.

Em resumo, Robert Southey era da opinião de que o Brasil precisava de muitas reformas para sanar os males do sistema colonial português, reforma esta que se impunha com a vinda da Corte em 1808. Estas medidas incluiriam a liberalização de instituições a fim de amenizar o despotismo de algumas em determinadas províncias; reavivar a importância das câmaras locais; reformar a justiça e assegurar sua aplicação; acabar com os monopólios da coroa portuguesa que atrofiavam o comércio e o desenvolvimento da economia; acabar com o sistema abusivo de cobrança de impostos; terminar com o bárbaro sistema de recrutamento militar; rever a situação da igreja com relação à coroa e ao Estado; concentrar esforços na educação e integração das pessoas à sociedade; por fim, era preciso regenerar a igreja católica sob a influência da igreja anglicana, o que seria o ponto inicial do despertar de uma nova era:

Com a vinda da corte, impunha-se a reforma dos males do sistema colonial português. Concordaria com as sugestões de Hipólito da Costa, tendentes à liberalização das instituições políticas e da economia. Tratava-se de amenizar o despotismo militar e a tirania do poder público nas províncias, de regenerar e reavivar a antiga influência dos senados da câmara, de acabar com o clima de arbitrariedades, de espíões e de denúncias que geravam a insegurança social e a desconfiança entre os cidadãos, de reformar a justiça e de assegurar sua aplicação; de acabar com monopólios da coroa, que atrofiavam a energia e a iniciativa particular, de acabar com o sistema tirânico de cobrança de impostos por intermédio da arrematação a particulares, e de pôr fim ao bárbaro sistema de recrutamento militar. Além disso, e sobretudo, de rever a situação da Igreja com relação à coroa e ao Estado e de concentrar todos os esforços do governo na obra de educação, de ilustração, do ensino e da integração das gentes dentro do corpo social. Esperava, ademais, a regeneração da Igreja católica sob a influência benéfica da Igreja anglicana. Este seria um ponto de partida fundamental e o verdadeiro descerrar de uma nova era! (DIAS, 1974, p. 291, 292 e 293)

Com uma retórica um tanto intolerante, saltam dos escritos de Southey farpas para todos os lados. Ao narrar as incursões dos europeus na América do Sul, ele não poupa ninguém, pois critica os empreendimentos desastrosos de portugueses, espanhóis, franceses, holandeses e até mesmo dos próprios ingleses. Todavia, o Brasil e os brasileiros

são mostrados como fortes e competentes para fazer o país crescer, mesmo em meio a tanta desordem. O autor se mostra condescendente para com os brasileiros e mesmo esperançoso com relação ao país, que, segundo ele, apesar de tão mal administrado, tem muito potencial para ser uma grande nação no futuro. Já no *Prefácio do Autor*, a primeira coisa que Southey apresenta é a imagem de um Brasil descoberto por descuido, abandonado ao acaso durante muito tempo, com uma história sem grandes glórias, e que só está crescendo graças à indústria individual. Porém, ele ainda continua sua descrição apontando para este potencial futuro glorioso que o país possa vir a ter, apesar dos perigos que esta história soprada ao acaso, sem a mão forte do Estado para guiá-la, podem significar:

A história do Brasil, menos bela do que a da mãe-pátria, menos brilhante do que a dos Portugueses na Ásia, a nenhuma delas é inferior quanto à importância. Diferem das de outras histórias os seus materiais; aqui não temos enredos de tortuosa política que desemaranhar, nem mistérios de iniquidade administrativa que elucidar, nem revoluções que comemorar, nem de celebrar vitórias, cuja fama vive ainda entre nós muito depois de já se lhes não sentirem os efeitos. Descoberto por acaso, e ao acaso abandonado por muito tempo, tem sido com a indústria individual e cometimentos particulares, que tem crescido este império, tão vasto como já é, e tão poderoso como um dia virá a ser. (SOUTHEY, 1977, vol. I, p. 39)

Neste primeiro parágrafo do livro de Southey, já se pode perceber, em contraste com o elogio feito ao Brasil, a crítica feita aos portugueses. Isto é, estes últimos são para quem a grande parte das farpas do historiador se dirigem. Pois se a história a ser narrada é a de uma colônia de Portugal, as críticas dirigidas à gestão desta colônia são para Portugal, conseqüentemente. Na citação acima, o autor já fala em um território abandonado ao acaso, e que está crescendo não graças à diligência e competência da Metrópole, e sim a empreendimentos de ordem particular.

Portugal é apresentado como um país pobre, sem condições de lutar com outras potências européias pela posse das terras brasileiras, e sem condições de gerir suas colônias no exterior. Em mais de um momento, Southey (1977) usa as lutas do Brasil para livrar-se do domínio holandês no século XVII como exemplo desta inferioridade, apontando para o fato de que a Holanda tinha muito mais condições de lutar por colônias do que Portugal, e de como era difícil e perigoso para os portugueses entrarem em luta com este outro país.

Os comentários de Robert Southey criticando os portugueses permeiam sua *História do Brasil*, sendo recorrentes passagens que apontem para os problemas do sistema de colonização adotado por eles. O historiador fala muito mal dos colonos que vinham para cá, sendo que, em um primeiro momento, apenas criminosos degradados eram enviados para nossas terras, o que, segundo Southey, era uma das causas da grande desorganização e imoralidade que reinava no país em seus tempos coloniais. O autor também aponta como um grande problema a matança e a escravidão dos índios, usados como escravos mesmo depois que se adotou o tráfico com a África. Além de tudo isto, um outro ponto forte destas críticas é a carolice dos portugueses, que eram, segundo o historiador, católicos fervorosos.

Southey era protestante, e do ponto de vista religioso, um tanto intolerante. Via com maus olhos a religião católica e criticava muito a devoção exagerada dos portugueses. Um bom exemplo disto é quando ele narra uma das inúmeras batalhas dos patriotas para tentar expulsar os holandeses do Nordeste brasileiro quando da sua invasão no século XVII. No que o autor chamou de “Batalha do Monte das Tabocas”, em Pernambuco, ele narra a vitória dos portugueses num tom carregado, pintando com cores fortes e exageradas a parte da vitória que os portugueses atribuíram à intervenção divina. Ele diz o quão fácil era para eles acreditarem ou imaginarem a Virgem Maria ou qualquer outro santo amortecendo a força de tiros que os feriram, e de como os padres tudo autenticavam, sem critério nenhum. Também é interessante notar que Southey usa o termo “superstição”, e não “religião”, para justificar o motor que dava movimento a todas estas idéias:

Uma derrota teria sido fatal, e embora a vitória não fosse igualmente decisiva, deve aferir-se o valor pelo mal que evitou. Cara como custou aos patriotas, não é estranho que no estado de exaltação em que se achavam, e com os princípios de sua crença, fantasiassem eles devê-la a intervenção milagrosa. Homens contundidos por balas perdidas, afirmavam que a Virgem ou qualquer santo da sua devoção amortecera a força do pelouro; e outros, que haviam sido feridos, por milagre o tinham igualmente haverem escapado à morte. Tão fácil era ao general acreditar nestas coisas, como a eles imaginá-las: a política e a superstição davam pronto curso a quanto conto se inventava, e a impudência dos padres tudo autenticava. O milagre dos pães e dos peixes foi parodiado para a batalha do monte das Tabocas. (SOUTHEY, 1977, vol. II, p. 71)

A carolice dos portugueses não é mostrada apenas pelo prisma da ingenuidade, como no trecho acima, mas também aparece pelo prisma ainda mais contundente da

ignorância. Ao mencionar a preocupação exagerada com a religião, Southey aproveita para apontar a exagerada falta de preocupação com outros assuntos importantes como a segurança, por exemplo. Ao falar no precário estado da polícia e da organização da capitania do Pará em princípios do século XVII, Southey (1977, vol. I, p. 309) afirma que os portugueses se importavam tanto com sua religião que davam a esta muito mais importância do que a medidas de segurança e organização: “Pouco caso fazem os portugueses de um homicídio. Uma má polícia e pior religião tiram-lhes todo o receio de castigo, tanto humano quanto divino, mas tudo o que cheira a sacrilégio os horroriza.”

As passagens da *História do Brasil* criticando a gestão lusa da colônia (a ausência do Estado) são recorrentes, apontando problemas tais como o poder excessivo dos governantes, que, devido à grande distância da Metrópole, não precisavam dar grandes satisfações sobre o que faziam, atirando-se à ganância e à corrupção; a falta de leis, ou pelo menos da fiscalização e cumprimento delas por aqui; o fato de o Brasil ser totalmente desprotegido com relação a outras nações que tentavam invadi-lo; e a “indolência” da Coroa Portuguesa, sempre apresentada como desorganizada e pouco hábil para segurar a sua grande colônia.

Um trecho do livro de Southey que ilustra sua opinião sobre o governo de Portugal é quando ele narra os esforços do Padre Antônio Vieira para aconselhar o então rei em exercício a criar, tal como a Holanda, duas Companhias, uma do Oriente e outra do Ocidente, a fim de melhor assegurar suas possessões estrangeiras. O historiador conta que, não tendo os portugueses dinheiro para tal empreendimento, criaram pelo menos uma delas, a “Companhia do Brasil”, pois Portugal só havia passado a dar valor a sua imensa colônia depois que os holandeses passaram a disputá-la com eles. Ele também afirma que, enquanto isto, as lutas para expulsar os holandeses do Nordeste brasileiro continuavam renhidas, e, como já mencionado anteriormente, o autor mostra os brasileiros (os pernambucanos neste caso) lutando bravamente por seu território, ao passo que o governo português é mostrado como apático e inerte, sem diligência para tomar as rédeas da administração de sua colônia como deveria:

Tomada assim a grande medida de criar uma Companhia, recaiu o governo português na sua característica apatia; abandonados a si mesmos os pernambucanos, prosseguiram na guerra com esta infatigável perseverança, que nada podia subjugar, e que portanto também por força havia de afinal vencer todos os obstáculos. (SOUTHEY, 1977, vol. II, p. 138)

Sendo assim, a incompetência de Portugal em lidar com seus negócios coloniais aparece refletida ao longo de todo o diário de Maria Graham, e não só na Introdução Histórica, baseada nos trabalhos de Robert Southey. Tal como este último, a escritora irá denegrir a imagem de Portugal, mostrando este país como desprovido de poder, recursos e competência para gerir uma colônia grande tanto em tamanho como em futuro como o Brasil.

No preâmbulo histórico do *Diário de uma viagem ao Brasil*, pode-se notar a intenção da viajante de mostrar o quão desastrada e incompetente era a administração lusa da colônia. Estas críticas aparecem de várias formas, mencionando diferentes problemas desta administração, como, por exemplo: rivalidades entre os próprios portugueses, o que dificultaria a organização da colônia; a falta de moral e religião neste território; dificuldade de Portugal em governar o Brasil à distância; problemas causados pelo sistema escravagista, o qual os portugueses insistiam em adotar; incompetência dos governantes locais; toda a insatisfação do povo brasileiro em face desta má administração; ou o uso abusivo que Portugal fazia do dinheiro dos cofres brasileiros.

De acordo com esta introdução, a grande dificuldade dos portugueses em administrarem com eficiência as diferentes províncias do Brasil advinha da grande distância entre o pólo que emitia as ordens (Portugal) e o pólo que deveria cumpri-las (Brasil), bem como a corrupção dos governantes. Pois com tamanha distância da Metrópole, em princípios do século XVIII, os governadores acabavam tendo que resolver muitos problemas por conta própria, o que lhes dava muito poder e os tentava a serem desonestos:

Um mal, porém, afligia o Brasil em geral: o poder ao mesmo tempo demasiado e deficiente dos governadores. Tinham poder demasiado se se considera que qualquer recurso dependia deles, mas, em compensação, dispunham de autoridade deficiente desde que eram absolutos até o fim do governo. Estavam, também, virtualmente isentos de qualquer responsabilidade. Os ensejos, vale

dizer, as tentações de extorquir eram quase irresistíveis. Enfim, para coroar tudo, a administração corrupta das leis emparelhava com os vícios e a corrupção do governo. Era em vão que se faziam os mais sábios regulamentos e se expediam os mais justos decretos. (GRAHAM, 1956, p. 34)<sup>52</sup>

Todos estes problemas conseqüentemente levavam os brasileiros a uma profunda insatisfação com a administração lusa. Conforme este preâmbulo, os brasileiros precisavam ficar independentes de Portugal, pois além de toda esta desorganização, a Metrópole causava cada vez mais problemas ao explorar a colônia financeiramente de maneira extremamente abusiva, provocando grande falta de dinheiro. Os impostos só aumentavam, os salários de civis e militares não eram pagos em dia, e os governadores que tentavam ir ao Rio de Janeiro para fazer suas reclamações eram mandados de volta a seus postos, sem conseguirem fazer nada. Ao narrar alguns fatos referentes ao ano de 1815, Graham comenta estes problemas:

No mesmo ano parece ter havido algumas demonstrações de descontentamento, ou suspeitas disso, nas províncias. Muitos dos salários dos funcionários, tanto civis quanto militares, não estavam sendo pagos; contudo, eram feitas cobranças, tanto mais opressivas, quanto irregulares, em cada departamento. A administração da justiça era notoriamente corrupta; o clero caíra em desordem e descrédito. Apesar de muita coisa útil ter sido feita, muito fora esquecido, especialmente nas províncias distantes e havia uma tal dose de descontentamento que vários oficiais que haviam vindo ao Rio, quer por interesses particulares, quer para queixar-se de erros do governo, tiveram ordem peremptória de voltar aos postos. (GRAHAM, 1956, p. 61)<sup>53</sup>

Assim como Robert Southey, Maria Graham vai apresentar ao leitor, lado a lado com este Portugal que não tem competência suficiente para gerir sua colônia, um

---

<sup>52</sup> No original lê-se: But there was an evil that affected Brazil generally – the too much and the too little power of the governors. They had too much power, if any appeal lay from them – too little, if they were absolute for the term of their government. They were also virtually free from responsibility; their opportunities, nay, their temptations to extortion were almost irresistible; and, to crown all, the corrupt administration of the laws kept pace with the vices and the irregularity of the government. In vain had the wisest regulations been made, and the most just decrees issued. (GRAHAM, 2007, p. 44)

<sup>53</sup> No original, lê-se: In the same year there appears to have been some discontent manifested, or suspected in the provinces. Many of the salaries of the officers, both civil and military, remained unpaid; yet there were exactions, the more grievous, because they were irregular, in every department; the administration of justice was notoriously corrupt; the clergy had fallen into disorder and disrepute; and though much that was useful had been done, yet that was forgotten, especially in the distant provinces, and such a portion of discontent existed, that various officers who had come to Rio either on private business or to remonstrate on public wrongs, were peremptorily ordered to return to their own provinces. (GRAHAM, 2007, p. 68 e 69)

Brasil que, se for bem administrado, possui grande potencial para concretizar um futuro glorioso. Teremos então duas idéias que atravessam freqüentemente as diversas esferas da narrativa (principalmente a esfera política): a crítica aos portugueses, em uma gradação que começa na primeira parte do diário (referente a fins de 1821 e princípios de 1822), mostrando a situação política indefinida do Brasil causando tensão e problemas, até a segunda parte do diário (referente ao ano de 1823), quando o apoio à independência brasileira e as críticas aos portugueses aparecerão mais abertamente; e o apoio ao poder centralizador de Dom Pedro que, sob sua égide, manteria a organização e a unidade nacional do Brasil. Esta unidade era exatamente o que interessava à Inglaterra, apesar de a autora não mencionar estes interesses em nenhum momento.

Conforme já comentado anteriormente, Graham era uma observadora política competente e experiente, e costumava recheiar seus diários de viagem com assuntos de domínio público. Aqui no Brasil, ela teve muitas oportunidades de levar a cabo este trabalho de observação não só devido a seu gênio intrépido que a tudo prestava atenção, mas também devido à forte influência e poder da Inglaterra de então. Esta influência lhe abriu muitas portas, lhe conferindo acesso a vários lugares e ocasiões de onde pôde observar mais de perto os conflitos políticos daquele momento, possibilitando à escritora dar um retrato muito detalhado que justificasse seu ponto de vista contra Portugal e a favor de um Brasil independente, apesar de, “estranhamente”, a autora mostrar brasileiros muito mais desejosos de independência do que os brasileiros que aparecem nos livros de Denis Antônio de Mendonça Bernardes (2006) e de Kirsten Schultz (2008).

Uma das coisas que chama a atenção é a importância dada à presença de Maria Graham no Brasil, pois não apenas ela, mas também os demais membros da tripulação da *Dóris*, eram muito bem-vindos em território brasileiro e eram tratados com muita consideração pelo governo. Isto confirma a posição de Paul Johnson (1991), quando ele fala no prestígio que os viajantes ingleses carregavam consigo em princípios do século XIX.

Ser inglês, naquele momento, era algo muito importante e dava acesso a privilégios especiais por aqui. Em fins de 1821, por exemplo, quando a cidade do Recife estava toda em estado de sítio, os ingleses tinham livre trânsito por entre as barreiras que

circundavam a cidade. Graham relata um passeio que fizeram aos seus arredores, e que eles até temiam terem problemas para passarem por algumas destas barreiras. Porém, ela conta que ao se declararem “amigos ingleses”, todas as portas se abriam:

Ao voltarmos fomos interpelados em todos os postos, mas as palavras *amigos ingresos [ingleses]* eram o nosso passaporte, e voltamos ao Recife quando os negros e mulatos nas ruas cantavam, áspera e pouco musicalmente, as *ave-marias*. (GRAHAM, 1956, p. 116)<sup>54</sup>

Além de terem livre passagem por vários lugares, os ingleses também eram tratados com a mais alta consideração pelos governantes daqui. Ainda em Pernambuco, por exemplo, quando Maria Graham e alguns de seus companheiros de viagem realizavam um passeio pelos arredores de Recife, eles foram até a praça do palácio (o governo de oposição a Luís do Rego, o governador português, estava se reunindo para resolver questões referentes às lutas civis de então), e ela foi convidada pelo próprio governador de oposição a estar presente na reunião. Isto é espantoso não somente pelo fato de ela ser estrangeira, mas também pelo fato de ser mulher, dadas as restrições que o seu sexo sofria naquela época. De qualquer forma, uma carta seria lida na referida reunião, e os políticos exigiram a presença dela para começarem a sua leitura:

Informaram-me amavelmente que não leriam a carta enquanto eu estivesse esperando fora, mas logo que se sentaram o secretário leu-a alto. Em vez de tomar qualquer conhecimento do conteúdo, o secretário começou um longo discurso, expondo a injustiça do governador português e do governo em relação ao Brasil em geral e aos pernambucanos em particular; para resistir a esta injustiça haviam eles formado o presente e respeitável governo, em face da junta, sem intenção de provocar o menor detrimento dos direitos do rei; certamente não poderiam ser chamados de rebeldes, já que marchavam sob a bandeira real de Portugal (...). (GRAHAM, 1956, p. 129)<sup>55</sup>

---

<sup>54</sup> No original, lê-se: As we came back, we were challenged at every station; but the words, *amigos ingresos* were our passport, and we got to Recife just as the evening hymn was singing, harshly and unmusically enough, by the negroes and mulattoes in the streets; (GRAHAM, 2007, p. 118)

<sup>55</sup> No original, lê-se: They politely told me they would not read the letter while I was waiting below, but as soon as we were seated, the secretary read it aloud. Instead of taking any notice of its contents, the secretary began a long discourse, setting forth the injustice of the Portuguese governor and government towards Brazil in general, and the Pernambucans in particular; that in order to resist that injustice, they had formed the present respectable government, pointing to the junta, without intending the least detriment to the rights of the king. That surely they could not be called rebels, as they marched under the royal flag of Portugal; (GRAHAM, 2007, p. 130)

Acrescente-se a isto ainda que tanto Graham quanto a tripulação da *Dóris* travaram laços de amizade com o governador Luís do Rego e sua família. Dada a grande influência que a Inglaterra exercia no contexto de então, a referida junta de governo, além de fazer questão da presença dos ingleses em sua reunião, também os bombardeou com perguntas. Segundo a narradora, a junta estava ansiosa por saber se a Inglaterra reconheceria a independência brasileira, e se ela tomaria alguma posição nesta luta.

Um outro aspecto que mostra como os ingleses eram muito bem-vindos por aqui foi o fato de Maria Graham ter travado estreita amizade com a Família Real, mais precisamente com a Imperatriz Dona Leopoldina. Por ter ficado viúva durante a viagem, ela escreve uma carta à Imperatriz pedindo-lhe proteção:

Quanto a mim, embarquei com meu marido em busca do Pacífico na fragata *Dóris*, que ele tinha a honra de comandar. Tive a infelicidade de ficar viúva e sou hoje uma estrangeira no Brasil, onde espero passar alguns meses antes de voltar à Europa. É, pois, como estrangeira e como viúva que queria colocar-me especialmente sob a proteção de sua Augusta e Amável Imperatriz. Tendo a honra de ser sua humilde e obediente criada. (GRAHAM, 1956, p. 274)

A Imperatriz de fato oferece tal proteção, ficando amiga da narradora, que passa a visitá-la em sua residência, então no Palácio de São Cristóvão. Tanto os laços entre as duas se estreitam que Graham é inclusive convidada pela Imperatriz a voltar ao Brasil em 1824 para ser professora da princesa Maria da Glória.

Um outro ponto importante que demonstrou a influência dos ingleses no Brasil foi a ajuda que deram para formar as tropas brasileiras que expulsaram as tropas portuguesas do país. Uma das peças centrais no comando destas tropas foi o inglês Lorde Cochrane, amigo pessoal de Maria Graham. Boris Fausto, ao falar na consolidação da independência brasileira, aponta para a importância de Lorde Cochrane:

A consolidação da Independência se deu em poucos anos, mas isso não se fez sem alguns conflitos militares relativamente graves. Os brasileiros favoráveis à Independência reuniram forças consideráveis para lutar contra as tropas portuguesas que aqui estavam desde a vinda da família real, em 1808. Papel importante na mobilização das tropas brasileiras foi desempenhado por comandantes europeus (...).

Outro comandante europeu importante na consolidação da Independência foi Lorde Cochrane, contratado pelo imperador para enfrentar a esquadra lusa. (FAUSTO, 2007, p. 143)

Não só os feitos de Cochrane, mas também a ajuda que os ingleses deram para a formação da marinha brasileira aparecem ao longo do texto de Graham, mostrando mais uma vez os esforços da autora em divulgar para seus leitores a pertinência dos atos dos britânicos. Ela mesma relata que, quando o governo do Rio de Janeiro chegou à conclusão de que era preciso uma força naval para defender o país de ataques portugueses e livrar a Bahia do inimigo luso, eles acionaram agentes do governo na Inglaterra, a fim de mobilizar oficiais e marinheiros para as tropas (1956, p. 238 e 239).

Dentre todas as convocações para se formar a esquadra brasileira, Graham menciona o convite feito pelo governo brasileiro a seu amigo, Lorde Cochrane, para comandá-la. Também aparece em seu relato uma conversa com um oficial de um barco do Rio de Janeiro que mostra como Cochrane era importante e famoso. Assim que o oficial teve uma oportunidade, fez-lhe perguntas sobre o Lorde e quando soube que ele estava a bordo, correu para cumprimentá-lo:

Depois de me contar tanta coisa o oficial passou a interrogar-me por seu turno: - Vinha eu do Chile? Conhecia Lorde Cochrane? Vinha ele para o Rio? Porque todos os olhos se voltavam para ele. Quando ele soube que o Lorde estava realmente a bordo, voou para sua cabine e suplicou-lhe que lhe permitisse beijar-lhe as mãos. Depois arrebatou o chapéu e, dizendo ao capitão que fizesse o que bem entendesse e ancorasse onde quisesse, sem cerimônia, saltou fora para ser o primeiro, se possível, a levar ao Imperador esta agradável notícia. (GRAHAM, 1956, p. 243)<sup>56</sup>

Contudo, apesar de todas estas circunstâncias que proporcionaram à Maria Graham um posto de observação privilegiado, ela ainda assim, em mais de uma passagem de seu diário, reclama das suas limitações quanto à observação. Ela conta que em seus primeiros tempos em terras brasileiras, uma das grandes barreiras para poder saber o que se

---

<sup>56</sup> No original, lê-se: Having told me so much, the officer began to question me in my turn, - Did I come from Chile? Did I know Lord Cochrane? was he coming to Rio? for all eyes were turned towards him. When he found that His Lordship was actually on board, he flew to his cabin door, and entreated to kiss his hands; then snatched his hat, and calling to the captain to do as he would, and anchor where he pleased without ceremony, jumped over the side to be the first, if possible, to convey to the Emperor the joyful intelligence. (GRAHAM, 2007, p. 229)

passava a sua volta era a língua, pois a autora chega aqui sem dominar o Português. No entanto, esta barreira é vencida mais tarde, pois, conforme sua biografia afirma, Graham gostava muito de aprender línguas. Tanto que, além de trabalhar como escritora propriamente dita, ela também trabalhava como tradutora no mercado literário. Logo, depois de algum tempo em terras brasileiras, ela acaba por aprender Português.

Além da barreira da língua, a autora também vai apontar sua condição de mulher, viúva e estrangeira como empecilho para a obtenção de informações. No parágrafo que conecta a Introdução Histórica com o diário propriamente dito, a autora fala nestas limitações a fim de justificar possíveis enganos nos fatos que narrou. Ela elenca alguns itens que teriam atrapalhado suas pesquisas: diz que seus conhecimentos sobre os fatos não eram perfeitos; o fato de ser mulher e sua situação lhe dificultavam o acesso a determinadas informações; também reclama das publicações irregulares dos periódicos no Brasil, que, dadas as circunstâncias de então, eram por vezes um tanto imparciais; e, finalmente, a narradora admite que se estava muito próximo do tempo da ação para se poder avaliar todo o processo e os acontecimentos de maneira mais clara e precisa:

Muito do que poderia interessar, foi omitido, em parte porque não tinha um conhecimento perfeito dos fatos para me aventurar a escrever, parte porque estamos muito próximos do tempo da ação para conhecer os motivos e as molas que guiaram os atores, e, em geral, nem o meu sexo nem minha situação me permitiam informações especiais relativas aos acontecimentos políticos de um país em que as publicações periódicas são raras, recentes e, apesar de legalmente livres, de fato, devido às condições dos tempos, imperfeitas, temerosas e incertas. (GRAHAM, 1956, p. 81)<sup>57</sup>

Isto sem contar com o fato de que, apesar de todo o prestígio inglês naquele momento, portugueses e brasileiros muitas vezes não se mostravam tão felizes assim com a interferência britânica, conforme aponta Kirsten Schultz (2008). A própria viajante chega a reclamar disto quando visita a cidade de Salvador em fins de 1821, pois conforme relata

---

<sup>57</sup> No original, lê-se: Much that might be interesting I have omitted, partly because I have not so correct a knowledge of it, as to venture to write it; much, because we are too near the time of action to know the motives and springs that guided the actors; and much, because neither my sex nor my situation permitted me to inform myself more especially concerning the political events in a country where the periodical publications are few, recent, and though by law free, yet, in fact, owing to the circumstances of the times, imperfect, timorous, and uncertain. (GRAHAM, 2007, p. 87 e 88)

(1956, p. 152), ela foi impedida de entrar em alguns prédios públicos em Salvador porque o governo de então estava muito desconfiado de estrangeiros.

No entanto, como veremos ao olhar o *Diário de uma viagem ao Brasil* mais de perto, mesmo com todas estas barreiras, a viajante conseguiu ler muito material com informações importantes e preciosas que, se não explicavam tudo o que estava acontecendo, pelo menos ajudavam a dar uma boa idéia das circunstâncias. Ela também foi testemunha ocular de muitos destes fatos, e dá conta ao leitor não apenas de coisas que leu ou ouviu, mas de coisas que viu com seus próprios olhos. Ela tinha um posto privilegiado de observação, mesmo com todas as limitações mencionadas.

Tendo em vista a forte veia política da viajante aliada a um contexto que lhe permitia ter esta posição privilegiada para observar os fatos, temos o *Diário de uma viagem ao Brasil*, que ela mesma classificou como uma tentativa de “fixar o curso de um acontecimento tão importante como a emancipação de tamanho império do domínio da mãe-pátria” (GRAHAM, 1956, p. XVII). Veremos então as posições políticas da narradora: em um primeiro momento, ela vai apontar a inevitabilidade da ruptura com Portugal e vai defender uma definição da situação política do Brasil a fim de acalmar as coisas, para depois defender abertamente a independência brasileira; vai também tecer críticas ferrenhas aos portugueses e ao modo como eles administravam a colônia, bem como vai apoiar o governo centralizado nas mãos de Dom Pedro, o que, pelo menos em tese, manteria a unidade nacional brasileira.

Estas posições estão profundamente interligadas, posto que Maria Graham vai apresentar como uma das grandes justificativas para esta independência exatamente o fato de os portugueses não saberem administrar o Brasil. A verdadeira implicância de Graham com Portugal, que já aparece na introdução do diário, inspirada pelas idéias de Robert Southey, vai atravessar as diferentes esferas de sua narrativa em diversos momentos.

Ora de maneira mais velada, ora mais abertamente, Maria Graham apóia a independência do Brasil ao longo de todo o seu relato. Esta posição pró-independência, ou antilusitana, além de figurar na introdução, já aparece nas primeiras páginas do diário, quando ela ainda está na ilha de Tenerife, a caminho do Brasil. Observando a decadência de algumas casas da ilha, ela diz que sendo Portugal uma nação pobre naquele momento, não

tem condições de cuidar de suas possessões estrangeiras. Ela ainda termina o parágrafo sutilmente dizendo que a única impressão de prosperidade que se pode ter na ilha, é ao se observar as casas de campo inglesas.

Esta ilha, ou, ao menos, a parte que visitei, pertence evidentemente a uma nação que foi grande outrora, mas está atualmente pobre demais para impulsionar suas possessões estrangeiras. Algumas belas casas iniciadas estão inacabadas e parecem assim estar há anos. Outras, ainda que em ruína, nem foram reconstruídas nem reparadas. As únicas cousas que dão a impressão de prosperidade atual são as casas de campo inglesas. (GRAHAM, 1956, p. 95)<sup>58</sup>

Ao falar da falta de condições de Portugal de cuidar de suas colônias, a viajante justifica a necessidade de o Brasil definir sua situação política e ter autonomia administrativa, mostrando diversos problemas que esta dependência excessiva de Portugal está causando, como as revoltas nas províncias ocasionadas pela insatisfação dos brasileiros perante um governo deficiente, só para citar um exemplo. Quando ela passa por Salvador, em fins de 1821, a cidade estava em clima tenso, com situação política indefinida, e como as ordens ainda vinham de Lisboa, os partidos opostos estavam a espera das decisões vindas de lá para tomarem uma atitude. Ela comenta sobre os problemas de se ter um governo tão distante, e como isto atrapalhava os brasileiros:

Parece, contudo, mais que impossível que as coisas fiquem como estão. A extrema inconveniência de ter tribunais superiores de justiça a uma distância como Lisboa torna-se cada vez mais sensível, à medida que o país cresce em população e em riqueza. Os deputados às Cortes estão muito distantes de seus constituintes para serem orientados em suas deliberações por eles, e o estabelecimento de tantas juntas de governo, cada qual responsável somente perante as Cortes, poderá ser a causa de desordem interna, se não de guerra civil em tempo não distante. (GRAHAM, 1956, p. 165 e 166)<sup>59</sup>

---

<sup>58</sup> No original, lê-se: This island, or at least the part I have seen, evidently belongs to a state that has once been great; but is now too poor or too weak to foster its foreign possessions. Some fine houses begun are in an unfinished state, and appear to have been so for years; others, though falling, are neither rebuilt nor repaired; and the only things like present prosperity, are the neat English country-houses. (GRAHAM, 2007, p. 100)

<sup>59</sup> No original, lê-se: It appears, however, next to impossible that things should remain as they are. The extreme inconvenience of having the supreme courts of justice so far distant as Lisbon must be more and more felt as the country increases in population and riches. The deputies to the cortes are too far removed from their constituents to be guided in their deliberations or votes by them; and the establishment of so many juntas of government each only accountable to the cortes, must be a cause of internal disorder, if not of civil war, at no distant time. (GRAHAM, 2007, p. 161)

Segundo Maria, não só a Bahia estava em situação tensa, mas outras províncias também. Havia aqueles que apoiavam o constitucionalismo das Cortes e estavam contra Dom Pedro I por estarem insatisfeitos com seu governo e acharem que ele ainda representava o despotismo do antigo regime. Ora, este tinha problemas para atender aos pedidos do povo por estar sem dinheiro, o qual era tirado justamente pelo governo português. Havia, por outro lado, quem apoiasse o governo de Dom Pedro I, e, conseqüentemente, a autonomia administrativa (ou até mesmo a independência) do Brasil. As revoltas se davam por conta de desentendimentos entre estes partidos.

Maria Graham discorre sobre a insatisfação dos brasileiros em várias passagens de seu texto, muitas vezes mostrando a independência de Portugal como a melhor saída para o nosso país. Dentre os vários problemas apontados pela autora, um deles é a maneira abusiva como Portugal explora o Brasil, pegando para si remessas e mais remessas de dinheiro. Uma das instituições que a Metrópole explorava muito em sua colônia era a igreja, o que, segundo Graham, era motivo de revolta entre o clero, que seria uma das classes a incitar no povo brasileiro a idéia de independência. Ela fala que ainda não tinha visto nenhum padre no Brasil, até o dia da festa de São Miguel, em Recife, pois todos saem à rua nesta festa. Ela acredita que ainda não tinha visto nenhum membro do clero por conta de um édito que ordenava que eles ficassem dentro dos muros de seus conventos, o que seria para evitar que espalhassem entre o povo idéias incendiárias a respeito de ruptura com Portugal. A narradora também já aproveita o comentário para insinuar a necessidade desta independência, dizendo novamente que Portugal já não é mais capaz de governar ou proteger sua colônia.

Vimos alguns padres, também, pela primeira vez. Penso que o edito em que se determina que se conservem dentro dos muros dos respectivos conventos origina-se do fato de estarem eles entre os fomentadores do espírito de independência. A apropriação de tão grande parte da renda da igreja pela corte de Lisboa tornara-a evidentemente impopular entre o clero do país; não é difícil aos padres convencer o povo daquilo que é de fato verdade, isto é, que a remessa de tantos tesouros do país para sustentar Lisboa, que não pode agora nem governá-lo, nem protegê-lo, é um bom fundamento para queixas. (GRAHAM, 1956, p. 121)<sup>60</sup>

---

<sup>60</sup> No original, lê-se: We have seen a few priests too for the first time. I think the edict desiring them to keep within their convent walls, is in consequence of their being among the fomentors of the spirit of independence. The appropriation of so much of the church revenue by the court of Lisbon is of course

Além dos problemas administrativos que esta situação política ocasionava, Maria Graham também parece fazer questão de apresentar o proceder de Portugal e os próprios portugueses de maneira pejorativa. O fato de a metrópole insistir em tratar o Brasil como uma colônia que deveria se sujeitar é mostrado como algo inconveniente e inapropriado, já que o Brasil, segundo a narradora, não era uma colônia qualquer. Divisamos aqui mais uma vez a pouca (ou nenhuma) neutralidade desta narradora, ao contrastarmos a maneira pouco agradável com a qual ela apresenta as atitudes e o povo português com a maneira louvável com a qual ela exulta os atos dos ingleses, bem como o Brasil e o povo brasileiro.

Quando Maria volta ao Brasil, em março de 1823, depois de exatos um ano e três dias no Chile, ela apresenta uma breve descrição dos acontecimentos políticos que mudaram o governo brasileiro durante sua ausência, a fim de localizar melhor seu leitor, como é usual em seus diários de viagem. Neste momento, ela mostra que o Brasil não é uma colônia qualquer, e que não é tratado com o respeito que merecia da parte de Portugal, ao afirmar que a metrópole tratava o Brasil como se este fosse “uma colônia na costa da África selvagem”. Donde podemos concluir que, se o Brasil não era apenas uma colônia selvagem, merecia mais respeito e consideração da parte da metrópole. Além do mais, Portugal também insistia em enfraquecer a autoridade de Dom Pedro I ao instar a sua volta para o território metropolitano e ao incentivar o estabelecimento de juntas de governo responsáveis apenas perante Lisboa, o que prejudicaria a autonomia do Brasil, já que este ficaria sem uma sede de governo executivo própria. A narradora classifica esta postura de Portugal como “inconveniente” (no original, “indecent”):

O Príncipe Regente enviara em vão às Cortes as mais prementes representações em favor do Brasil. Nenhuma atenção foi dada aos seus despachos e o governo de Lisboa continuou a legislar para o Brasil como se este fosse uma colônia na costa da África selvagem. (...) o Príncipe teve ordem de voltar à Pátria de modo peremptório e o mais inconveniente. (GRAHAM, 1956, p. 233)<sup>61</sup>

---

unpopular among the clergy of the country; and it is not difficult for them to represent, what indeed is truth, to the people, that the drawing of so much treasure from the country to support Lisbon, which can neither govern nor protect them now, is a rational ground of complaint. (GRAHAM, 2007, p. 123)

<sup>61</sup> No original, lê-se: The Prince Regent had in vain sent the most pressing representations in favour of Brazil to the Cortes. No notice whatever was taken of his despatches; and the government at Lisbon continued to

Os próprios portugueses figuram com uma má imagem no *Diário de uma viagem ao Brasil*, sendo apresentados como inimigos do Brasil. A palavra “inimigo”, usada para qualificar os lusos com relação ao nosso país, é recorrente ao longo da narrativa, especialmente quando Graham fala no domínio que o partido português ainda exercia sobre a Bahia em 1823. Neste momento, a marinha brasileira está se formando, exatamente com o intuito de defender o território brasileiro de ataques portugueses e livrar a Bahia do domínio destes, bem como de manter a unidade nacional ao garantir que todas as províncias reconheceriam a autoridade de Dom Pedro. Como Maria Graham era do meio naval, ela manteve contato direto com os preparativos para a defesa contra este “inimigo” (1956, p. 246): “Esta foi uma semana trabalhosa, tanto para mim quanto para meus amigos que estão apressando tudo para embarcar o mais depressa possível, já que isto é das mais graves conseqüências para libertar a Bahia do **inimigo**”. (Grifo meu)<sup>62</sup>

Um episódio que também mostra esta imagem ruim que Maria Graham atribui aos portugueses é a troca da guarda lusa pela brasileira no Palácio, no Rio de Janeiro. Ela presencia o momento em que sai um regimento e entra o outro, sob vivas da multidão que se apinhava na frente do Palácio. Ela apóia esta troca, apontando que naquela noite a cidade poderia finalmente dormir tranqüila. A viajante conta que as tropas de Lisboa haviam se tornado um tormento para todos, tendo se comportado de maneira tirânica e brutal com relação a estrangeiros, negros e até aos próprios brasileiros, também sendo de uma arrogância insuportável até mesmo para com o Príncipe. Em nota de rodapé, ela inclusive comenta que o andar pesado da infantaria portuguesa havia lhe rendido o pejorativo apelido de *pé-de-chumbo* (no original, “Pedechumbo”), o qual teria se generalizado a todos os que apoiassem Portugal naquele momento. Os portugueses mais uma vez perdiam o seu terreno no Brasil, e, ao que parece, com o apoio dos britânicos.

Ao voltarmos para o navio fomos detidos por algum tempo no Largo do Paço por uma grande massa de povo reunida para assistir à entrada da primeira guarda

---

legislate for Brazil as if it were a settlement on the coast of savage Africa. (...) the Prince was ordered home in a peremptory and indecent manner. (GRAHAM, 2007, p. 221)

<sup>62</sup> No original, lê-se: This has been a busy week, both to me and to my friends, who are hurrying every thing to get to sea as quickly as possible as it is of the utmost consequence to free Bahia of the **enemy**. (GRAHAM, 2007, p. 233) (Grifo meu)

brasileira no Palácio, enquanto saía a guarda portuguesa em meio a grandes vivas da multidão. Ao chegarmos às escadarias onde devíamos embarcar encontramos o último grupo de um regimento e o primeiro de outro, que se transferiram para a Praia Grande, de modo que a cidade poderá dormir tranqüila esta noite.

Os habitantes em geral, mas especialmente os comerciantes estrangeiros, estão bem satisfeitos por ver as tropas de Lisboa despedidas, porque por muito tempo foram tiranicamente brutais com os estrangeiros, com os negros e, não raramente, com os próprios brasileiros, e nas muitas semanas passadas a arrogância delas foi revoltante tanto com o Príncipe quanto com o povo. (GRAHAM, 1956, p. 206)<sup>63</sup>

Neste momento, todas as tropas portuguesas foram instadas a deixar o país e voltar a Portugal. Graham então comenta que os regimentos resistiam em cumprir estas ordens, e qualifica esta resistência como uma atitude insolente da parte dos “pés de chumbo”. Mais uma vez, os portugueses são mostrados de maneira pejorativa, como desordeiros que não estavam colaborando para a paz na capital:

O Príncipe passou a maior parte da noite em seu barco, e dispôs tudo de modo a cumprir sua ameaça de que, se os portugueses não estivessem todos embarcados às oito horas da manhã seguinte, ele lhes daria um tal almoço de balas brasileiras que os tornaria felizes por deixarem o país. Isto ele foi levado a dizer por causa de uma mensagem dos oficiais e dos soldados portugueses, entregue **insolentemente** nessa mesma noite, pedindo mais tempo para prepararem a viagem. (Grifo meu) (GRAHAM, 1956, p. 214)<sup>64</sup>

As estratégias da narradora para justificar a pertinência da emancipação do Brasil não se limitam apenas a criticar os portugueses. Ela também faz questão de elogiar o povo brasileiro e a Família Real que, apesar de portuguesa, era fundamental para a consolidação da independência e da unidade nacional. Afinal de contas, um bom povo,

---

<sup>63</sup> No original, lê-se: On our return to the ship, we were stopped for some time in the palace square, by a great concourse of people assembled to witness the entrance of the first Brazilian guard into the palace, while the last Portuguese guard marched out, amid the loud huzzas of the people; and on reaching the stairs, where we were to embark, we found the last of one regiment, and the first of another, about to sail for the Praya Grande, so that the city may sleep in security to-night.

The inhabitants generally, but especially the foreign merchants, are well pleased to see the Lisbon troops dismissed; for they have long been most tyrannically brutal to strangers, to negroes, and not unfrequently to Brazilians; and, for many weeks past, their arrogance has been disgusting to both prince and people. (GRAHAM, 2007, p. 198)

<sup>64</sup> No original, lê-se: The Prince was, during the greater part of the night, in his barge, going from vessel to vessel, and disposing every thing to make good his threat, that if the Portuguese were not all on board by eight o'clock the next morning, he would give them such a breakfast of Brazilian balls as should make them glad to leave the country. This he had been provoked to say, by a message from the officers and men, **insolently** delivered that very night, desiring more time to prepare for their voyage. (Grifo meu) (GRAHAM, 2007, p. 204)

gerido por um governo competente pode ser independente, pois não precisa da ajuda da Metrópole para gerir seus próprios negócios.

Os referidos elogios aparecem de diferentes maneiras. Os brasileiros em geral são apresentados como um povo digno da independência pela qual luta, e, diferentemente dos brasileiros mostrados por Denis Antônio de Mendonça Bernardes (2006) e Kirsten Schultz (2008) que só depois que as Cortes rejeitaram os artigos adicionais da constituição referentes especificamente ao Brasil começaram a vislumbrar a ruptura com Portugal, os brasileiros de Graham estarão conscientes da importância e da dimensão desta causa e desejosos de independência já bem antes do sete de setembro.

Na introdução do diário, Maria Graham comenta que ainda nos tempos coloniais os brasileiros já se mostravam diligentes e bem informados quanto a questões políticas. Segundo a narradora, como o governo organizado pela metrópole era muito pouco eficaz e isto causava muita desordem, os brasileiros tomavam a frente de muitas decisões e acostumavam-se a tomar conta de seu próprio território, começando a serem respeitados pelos governantes portugueses:

(...) acostumou-se o povo a estudar planos e a interessar-se pelas questões públicas. Os governadores, por sua vez, começaram a respeitar os brasileiros como uma parte verdadeira do Estado, pois o valor da independência e o sentimento de que seriam capazes de alcançá-la, desenvolveu-se com essas desordens. (GRAHAM, 1956, p. 31)<sup>65</sup>

Não apenas com relação a questões políticas, mas mesmo do ponto de vista pessoal, Graham apresenta ao leitor um brasileiro gentil e amável. Esta postura aparece explicitamente quando a viajante narra uma visita feita aos arredores do Pão de Açúcar. Era preciso transpor um portão, e como ficaram na praia até depois do sol se pôr, quando voltaram, o portão já estava fechado. Ela teve então que explicar a um oficial de guarda a situação, a fim de pedir que o portão fosse aberto de novo, ao que o guarda atendeu prontamente. Ela conta estes fatos e aproveita o ensejo para elogiar os brasileiros e o tratamento que estes lhe renderam enquanto ela esteve por aqui. Segundo ela, desde os

---

<sup>65</sup> No original, lê-se: (...) the people became accustomed to canvass and to understand public questions; the governors began to respect them as a real part of the estate; and a value for independence, and a feeling that to attain it was in their own power, grew out of these disorders. (GRAHAM, 2007, p. 42)

fidalgos, até as pessoas mais simples, como camponeses e soldados, todos eram muito corteses:

Onde quer que estejam os brasileiros, dos mais importantes aos mais ínfimos, devo dizer que sempre encontrei a maior amabilidade; desde o fidalgo, que me procura em trajes de côrte, até o camponês, ou o soldado comum, todos têm-me dado oportunidade de admirar-lhes a cortesia e de lhes ser grata. (GRAHAM, 1956, p. 299)<sup>66</sup>

Para Maria, até mesmo os soldados brasileiros pareciam ter um ar de quem estava decidido a lutar por seu país. Quando o Imperador Dom Pedro estava agilizando os processos para mandar embora para Portugal as tropas portuguesas e substituí-las por brasileiras, isto causou muita revolta entre os portugueses, e algumas agitações e motins se deram. Em meio a estes acontecimentos, certo dia, Graham e uma amiga visitam o local onde os regimentos brasileiros estavam reunidos. Ela então mostra soldados trabalhando com atenção e gravidade, e com ares de quem estava muito disposto a defender o Brasil:

Havendo encorajado minha amiga o quanto podia, fomos para o Campo e encontramos os brasileiros instalados, na maior parte, em alguns prédios inacabados. Os homens, posto que franzinos, pareciam saudáveis, ativos e cheios de ânimo; seus cavalos eram os melhores que vi no país; e **pode ser imaginação minha, mas deram-me a idéia de homens resolutos em seus propósitos e determinados a defender seus direitos e seus lares.**

O Campo apresentava os aspectos mais diversos. Dentro do recinto em que a artilharia fora instalada, tudo era gravidade e atenção ao trabalho; os soldados estavam alerta e os oficiais, em grupos, comentavam os acontecimentos da noite precedente e as circunstâncias do dia. (Grifo meu) (GRAHAM, 1956, p. 205)<sup>67</sup>

---

<sup>66</sup> No original, lê-se: Wherever I met with Brazilians, from the greatest to the meanest, I must say I have always experienced the greatest politeness: from the fidalgo who calls on me in full court costume, to the peasant, or the common soldier, I have had occasion to admire, and be grateful for, their courtesy. (GRAHAM, 2007, p. 274)

<sup>67</sup> No original, lê-se: Having comforted my good friend as well as I could, we went on to the Campo, and found the Brazilians housed for the most part in some unfinished buildings. The men, though slight, looked healthy, active, and full of spirit; their horses were the best I have seen in the country; and, **it might be fancy, but they gave me the idea of men resolute in their purpose, and determined to guard their rights and their homes.** (Grifo meu)

The scene in the Campo presented all manner of varieties. Within the enclosure where artillery was placed, all was gravity and business-like attention: the soldiers on the alert, and the officers in groups, canvassing the events of the preceding night, and the circumstances of the day (...). (GRAHAM, 2007, p. 197) (Grifo meu)

Os elogios de Maria Graham não se limitam apenas aos brasileiros propriamente ditos, mas se estendem a Dom Pedro, bem como a toda Família Real. Pois estes, apesar de serem portugueses, eram peças fundamentais na emancipação do Brasil, bem como seu poder centralizado assegurava a unidade nacional. Logo, se a idéia era defender a independência e conservar todas as províncias unidas e coesas, esta família deveria ser mostrada como capaz de levar tal processo a cabo com maestria. Dom Pedro figura como um governante competente e sábio, com atos honrosos que lhe rendiam uma merecida popularidade entre os brasileiros. Um exemplo explícito disto é ainda na introdução do diário, quando Graham está narrando os apertos que o governo brasileiro passava logo após a partida de Dom João VI para Portugal. Segundo ela, ao voltar para a Europa, o rei limpou os cofres públicos, deixando o então Príncipe Regente em uma situação delicada, dado que este não podia atender aos pedidos do povo por absoluta falta de dinheiro, mas que ele fazia o que podia. Graham (1956, p. 76) aponta que “O príncipe que continuava à frente do governo era **merecidamente popular** entre os brasileiros.” (Grifo meu)<sup>68</sup>

Segundo a viajante, não só o Imperador, mas também a Imperatriz Dona Leopoldina (sua amiga pessoal), eram muito queridos entre os brasileiros. Do ponto de vista de Graham, estes últimos deveriam ser muito gratos a este casal pelo fato de tomarem a si a causa da independência.

Segundo todos os depoimentos, Suas Majestades parecem ser extremamente populares. A mocidade, a graça, a situação singular em que estão colocados, tudo interessa. É raro que um príncipe herdeiro ouse pôr-se à frente da causa da libertação ou independência, e o fato de um filho da Casa de Bragança e uma filha da Casa d’Áustria encaminharem para o caminho da independência este grande império, não pode senão excitar tanto o amor quanto a admiração de seus felizes súditos. (GRAHAM, 1956, p. 244)<sup>69</sup>

---

<sup>68</sup> No original, lê-se: The Prince who remained at the head of the government was **deservedly popular** among the Brazilians. (GRAHAM, 2007, p. 83) (Grifo meu)

<sup>69</sup> No original, lê-se: Their Majesties appear by all accounts to be highly popular. Their youth, their spirit, the singular situation in which they are placed, are all interesting. It is seldom that a hereditary prince, ventures to stand forth in the cause of freedom or independence; and a son of the house of Braganza, and a daughter of that of Austria, leading the way to the independence of this great empire, cannot but excite the love as well as the admiration of their fortunate subjects. (GRAHAM, 2007, p. 230)

Para Graham, a Família Real era tão digna de admiração que ela queria servi-la, pois ela mesma foi professora da Princesa Maria da Glória (filha mais velha de Dom Pedro e Leopoldina) durante algum tempo.

Sendo a Família Real que conduz esta nação tão cheia de qualidades, o governo do Imperador, conseqüentemente, também era o melhor possível do ponto de vista da narradora. Um bom exemplo do bom funcionamento deste governo no diário de Graham é quando ela fala sobre as lutas da recém formada marinha brasileira para livrar a Bahia dos portugueses. Ela diz que o governo está ajudando sua esquadra da melhor maneira possível e que, se houve algum problema, foi devido às circunstâncias particulares do momento e do país, mas não à incompetência ou má vontade:

Tudo quanto o governo aqui poderia fornecer à esquadra para assegurar seu bom êxito foi feito da maneira mais liberal, e as falhas, tal como se deram, deveram-se às circunstâncias particulares dos tempos e do país, que não permitiam controle. Era de se esperar que algumas coisas ficassem imperfeitas, mas que tanta coisa se houvesse feito, desperta admiração. (GRAHAM, 1956, p. 284)<sup>70</sup>

Os motivos para justificar que a independência do Brasil é o melhor caminho a ser tomado só se acumulam ao longo do *Diário de uma viagem ao Brasil*: o país que se queria metrópole (Portugal) não tinha competência nem recursos para gerir a colônia, e o seu povo se comportava de maneira impertinente; o território que se queria colônia (Brasil) tinha um povo digno e amável, conduzido por uma Família Real que merecia a mais alta admiração; e, o governo desta Família era dos mais diligentes. Logo, do ponto de vista de Ganham, os brasileiros tinham motivos de sobra para merecerem e clamarem por esta independência.

Portanto, a viajante mostra como a idéia de ser novamente tratado como uma colônia nas condições anteriores a 1808 indigna os brasileiros. Se Dom Pedro voltasse para Portugal, por exemplo, isto significaria voltar a ter uma administração à distância, o que os brasileiros não mais queriam, depois que já haviam provado das vantagens de ter o seu

---

<sup>70</sup> No original, lê-se: As far as the government here could supply every thing to the squadron to insure its success, it was done in the most liberal manner; and the failures, where they occurred, were owing to the peculiar circumstances of the times and country, which admitted of no controul. That some things should have been imperfect was to be expected: that so much should have been done, and well done, excites admiration. (GRAHAM, 2007, p. 262)

governante por perto. Além do mais, a proteção e o apoio de Dom Pedro era uma das esperanças para se conseguir a tão desejada autonomia política, bem como a igualdade de direitos e privilégios entre Brasil e Portugal.

O dia de hoje, espera-se que seja decisivo no destino do Brasil. É preciso, porém, começar pela chegada de uma mensagem das Cortes de Lisboa ao Príncipe, intimando-o de que aprouve às ditas Cortes que ele partisse imediatamente para a Europa a fim de iniciar sua educação e empreender uma viagem incógnito pela Espanha, França e Inglaterra. Esta mensagem despertou a mais viva indignação, não somente no ânimo de Sua Alteza Real, mas no dos brasileiros de ponta a ponta do reino. (GRAHAM, 1956, p. 193)<sup>71</sup>

A condição de colônia é mostrada como um vexame, bem como a independência figura na narrativa como algo inevitável e necessário ao Brasil, a despeito de ela enxergar esta inevitabilidade com mais clareza do que os próprios brasileiros e portugueses. Já no preâmbulo histórico do diário, Maria aponta que após a volta de Dom João VI para Portugal, a questão da independência brasileira fica cada vez mais latente, e usa adjetivos fortes para se referir à condição de colônia, tais como “situação abjeta” e “desagradável e degradante condição de colônia” (no original, “abject state” e “the state of a colony irksome and degrading”, respectivamente):

Mas a questão da independência do Brasil começava então a ser publicamente agitada e desta derivavam várias outras. Deveria ele permanecer parte da monarquia portuguesa, com jurisdição separada e suprema, civil e criminal, debaixo do governo do príncipe; ou deveria voltar à **situação abjeta** em que estivera desde a descoberta, sujeito a todas as dilações vexatórias devidas aos tribunais distantes e às apelações além do oceano, e mais tudo aquilo que faz **desagradável e degradante a condição de colônia?** (Grifos meus) (GRAHAM, 1956, p. 76 e 77)<sup>72</sup>

---

<sup>71</sup> No original, lê-se: To-day is expected to be a day of much importance to the future fate of Brazil. But I must go back to the arrival of a message from the cortes at Lisbon, intimating to the Prince their pleasure, that he should forthwith repair to Europe, and begin his education, and proceed to travel incognito through Spain, France, and England. The message excited the most lively indignation from one end of the kingdom to the other. (GRAHAM, 2007, p. 185 e 186)

<sup>72</sup> No original, lê-se: But the question of independence of Brazil had now come to be publicly agitated, and out of it arose several others. Was it to be still part of the Portuguese monarchy, with a separate supreme jurisdiction civil and criminal under the Prince? or was it to return to the **abject state** in which it had been since its discovery, subject to all vexatious delays occasioned by distant tribunals, by appeals beyond sea and all that renders **the state of a colony irksome and degrading?** (GRAHAM, 2007, p. 83) (Grifos meus)

Sendo a condição de colônia pintada com tintas tão feias pela narradora, a independência (ou pelo menos a autonomia administrativa) é, por seu turno, mostrada como algo muito bom e adequado à situação de então do Brasil. Em fins de 1821, quando a tripulação da fragata *Dóris* chega a Salvador, Graham diz que a situação na cidade não era tão tensa quanto em Recife, mas que tendia para o mesmo fim, além de apontar para a decadência em que tudo se encontrava. Ela acreditava que só haveria progresso no Brasil quando sua situação política se definisse.

Conforme já visto neste trabalho, as situações nas províncias entre 1820 e 1823 eram diferentes, pois nem todos clamavam por independência em uníssono. Entretanto, Maria Graham não enxergará com clareza estas peculiaridades das situações das diferentes regiões do Brasil, mostrando assim que além de necessária ao desenvolvimento do país, a independência era, naquele momento, algo inevitável. A seu ver, tanto as províncias do Sul quanto as do Nordeste clamavam por emancipação, e isto impossibilitava a continuidade de qualquer vínculo com Portugal:

A impossibilidade de continuar unido a Portugal tornava-se cada dia mais evidente. Todas as províncias do sul estavam ardentes por declarar a independência. Pernambuco e suas dependências há muito manifestavam sentimentos semelhantes, e a província da Bahia estava igualmente inclinada à libertação, apesar da cidade estar cheia de tropas portuguesas sob o comando de Madeira (...). (GRAHAM, 1956, p. 235)<sup>73</sup>

A “propaganda” de Graham para apoiar a autonomia política e administrativa do Brasil também aparece através de outras vozes. Isto é, além do que a própria narradora diz a favor disto, não por acaso, ela também publica em seu diário os discursos de outras pessoas que tinham posições semelhantes. No “dia do fico”, por exemplo, a narradora diz presenciar vários sinais de regozijo público. Como era de costume terminar estes dias especiais no Teatro, assim o foi, e vários oradores se ofereceram para discursar sobre os acontecimentos do dia. Ela inclui em sua narração aquele que dizem ter sido o discurso mais aplaudido, proferido por Bernardo Carvalho, um desembargador no Rio de Janeiro.

---

<sup>73</sup> No original, lê-se: The impossibility of continuing united to Portugal had become daily more apparent. All the southern provinces were eager to declare their independence. Pernambuco and its dependencies had long manifested a similar feeling, and the province of Bahia was equally inclined to freedom although the city was full of Portuguese troops under Madeira (...). (GRAHAM, 2007, p. 223)

Ele apóia a atitude de Dom Pedro, vendo-a como um passo para a liberdade tanto pelo fato de se conservar uma sede do governo executivo em terras americanas como pelo fato de Dom Pedro defender o constitucionalismo:

Agora é preciso só recomendar-vos a *União e Tranqüilidade!!!* Expressões realmente sublimes e que contêm toda a filosofia política. Sem *União* não poderemos ser fortes, sem força não poderemos determinar a *tranqüilidade*. Portugueses. Cidadãos. Tendes um Príncipe que vos fala com gentileza de suas próprias funções; que nos convida a unirmo-nos com ele em torno à Constituição, que vos recomenda aquela força moral que compreende a justiça e que se identifica com a razão, e que só ela pode completar a grande obra iniciada. Hoje quebrastes os laços que vos ameaçavam sufocar. Hoje assumis a verdadeira atitude de homens livres. (GRAHAM, 1956, p. 198)<sup>74</sup>

No que concerne aos assuntos de ordem política entre Brasil e Portugal, as posições de Maria Graham também figuram nas cartas trocadas entre ela e a Imperatriz, publicadas sob o título de *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz d. Leopoldina e cartas anexas*, e no *Escorço Biográfico de Dom Pedro I, com uma notícia do Brasil e do Rio de Janeiro em seu tempo*. Sendo este último, além de uma biografia do Imperador Dom Pedro I, uma espécie de continuação do *Diário de uma viagem ao Brasil*, pois neste escorço biográfico, Graham, além de narrar com mais detalhes alguns episódios que já figuram no diário, também vai narrar sua volta ao Brasil em 1824, e o curto espaço de tempo em que esteve aqui tentando ser professora da Princesa Maria da Glória.

Conforme já mencionado neste trabalho, o empenho e o desejo de Maria Graham em apoiar e até mesmo ajudar o Brasil a tornar-se uma nação próspera, é literalmente comovente, visto que ela mesma chora de emoção ao presenciar as manifestações de patriotismo dos brasileiros. Tanto que quando ela se apresenta oficialmente para a Família Real para ser professora das princesinhas, é este imenso interesse pelo futuro de nossa nação que ela vai apresentar como grande justificativa para

---

<sup>74</sup> No original, lê-se: It is now only necessary to exhort you to UNION and TRANQUILITY!!! Expressions truly sublime, and which contain the whole philosophy of politics. Without UNION you cannot be strong, without strength you cannot command TRANQUILITY. Portuguese! Citizens! You have a Prince who speaks to you with kindness of your own work; who invites you to rally with him round the constitution; who recommends to you that moral force which embraces justice and is identified with reason, and which can alone accomplish the great work we have begun. To-day you burst the bonds which threatened you with suffocation. To-day you assume the true attitude of free men. (GRAHAM, 2007, p. 191)

aceitar este emprego. Ora, nada mais convincente quando defendemos uma causa, do que nos mostrarmos literalmente emocionados com ela. O que nos leva a crer que talvez as lágrimas de Maria Graham não sejam uma mera manifestação espontânea de emoção ante o patriotismo brasileiro e sim mais uma das estratégias da narradora para convencer seus leitores da pertinência da independência brasileira, que “coincidentemente”, era exatamente o que mais interessava à Inglaterra naquele momento.

Em carta datada de 13 de outubro de 1823, Graham expõe oficialmente à Imperatriz o seu intuito de educar suas filhas, e se refere a estas como portadoras das esperanças da nação, chamando seu trabalho de “interessante missão”:

(...) peço licença para assegurar a Vossa Majestade Imperial que é minha maior ambição tornar-me governante das Imperiais Crianças do Brasil.

(...)

Caso o grande desejo de meu coração se realize, de ficar com as princesinhas, talvez seja vantajoso que eu vá à Europa escolher os livros e outras cousas essenciais para o desempenho de minha **interessante missão**, satisfazendo, assim, não só aos Augustos Pais de minhas discípulas, mas às **esperanças desta nação**, que olha para a Família Imperial como o Paládio do Estado, e que há de considerar como um encargo da maior responsabilidade e direção, em qualquer grau, da educação de seus filhos. (Grifos meus) (GRAHAM *apud* PAIM e BARROS, 1997, p. 32)

No *Esborço Biográfico de Dom Pedro I, com uma notícia do Brasil e do Rio de Janeiro em seu tempo*, a imagem totalmente desfavorável que Graham sempre apresenta dos portugueses vai continuar exatamente a mesma, assim como seu apoio à Família Real do Brasil.

Neste texto, estas críticas aos portugueses aparecerão inúmeras vezes nos comentários de Graham sobre os integrantes da Corte no Rio de Janeiro, os portugueses que em sua maioria tinham vindo de Portugal com a Família Real em 1808 e que eram residentes no Palácio Imperial. Segundo ela, em primeiro lugar, eles eram um incrível bando de gente muito fofoqueira e mesquinha; ela apresenta o Palácio como um antro de intrigas, fofocas e ciúmes. Em segundo lugar, além de fofoqueiros, os integrantes da Corte figuram no texto de Graham como tendo educação extremamente parca, com uma absoluta falta de cultura e polidez. Por fim, a viajante até mesmo os aponta como maus, criminosos mesmo, e muito arrogantes.

O baixo nível destas pessoas é mostrado em episódios quase anedóticos, com uma narradora sarcástica, que pinta os fatos com cores engraçadas e mordazes, tal como a Maria Graham que narra sua infância e adolescência para uma amiga em sua autobiografia. Maria fala no Barbeiro do Imperador, que além desta função, exercia várias outras no Palácio, bem como a de fofoqueiro mor. Ao chegar lá, ela diz que foi recebida por ele com um recado de que aguardasse o Imperador e a Imperatriz no apartamento desta enquanto eles faziam o passeio da tarde.

Graham conta que o Barbeiro e um bando de damas da guarda-roupa se ofereceram para ajudá-la a desfazer suas malas, permanecendo todos a sua volta. Ela apresenta estas pessoas como extremamente curiosas, e aponta para sua falta de senso ao criticar os artigos ingleses que ela tirava de suas malas, dizendo que as senhoras portuguesas e brasileiras não tinham noção nenhuma do que era ou deixava de ser a moda inglesa, e que o Barbeiro, nem que fosse inglês, entenderia algo a respeito disto. A viajante ainda comenta o espanto destes perante seu modesto e discreto guarda-roupa, que esperavam ser um tanto luxuoso, ainda aproveitando o ensejo para comentar sobre os costumes lusos com relação à vestimenta das viúvas. Num toque de humor quase cruel, ela diz ter “salvo sua honra” com um chapéu que, de tão admirado, tivera seu modelo copiado “em cinqüenta cores diferentes” ao final de apenas uma semana. Nesta cena narrada por Graham, temos a sensação de estarmos diante de uma mulher educada, rodeada de pessoas totalmente tacanhas, com uma curiosidade ridícula em torno de coisas das quais não entendem, e com uma preocupação tão mesquinha com modas, que saem copiando a primeira coisa que se lhes aparece; sendo pertinente nos remetermos à autobiografia de Maria Graham, quando ela mesma diz achar que, entre outras coisas, as modas fazem parte do que ela chama de “morais menores da vida”.

Recebi do barbeiro um recado para aguardar as ordens no apartamento da Imperatriz, quando ela e o Imperador estivessem de volta do passeio da tarde. Entrementes, as damas da guarda-roupa e o próprio Barbeiro, sob o pretexto de oferecer-me auxílio, permaneceram em grupo em volta de mim, olhando cada uma das coisas que a preta Ana e eu desarrumávamos. Muitas críticas eram feitas acerca de coisas de moda inglesa, de que as senhoras portuguesas e brasileiras não tinham noção e que, mesmo que o Barbeiro fosse um inglês, eu não teria ousado mostrar (...). A pequenez e a modéstia do meu guarda-roupa foi outra coisa que os espantou, pois ainda que, de acordo com suas noções, como viúva,

eu só devesse andar de preto fora de casa, e de branco dentro de casa, esperavam enfim modas novas, laços e cetins em vez das minhas sedas lisas, musselinas e cambraias. Salvei minha honra, contudo, com a forma de um chapéu que foi copiado em cinquenta cores diferentes antes do fim de uma semana. (GRAHAM *apud* PAIM e BARROS, 1997, p. 86 e 87)

No entanto, nem só de coisas ridículas e pequenas viviam os portugueses integrantes da Corte. Maria chega a mencionar fatos mais pesados, como os sofrimentos da Imperatriz neste ambiente onde não era bem-vinda por ser considerada uma “estranha no ninho” (Leopoldina era austríaca); os planos tramados pelo Barbeiro e seus comparsas que fizeram com que Graham se demitisse de seu cargo de professora; e até mesmo possíveis assassinatos ocorridos no Palácio. Logo após esta demissão, a Imperatriz procura Graham e pede a ela para não comer a ceia que lhe fosse mandada pelas vias de costume. A Imperatriz suspeitava ter perdido seu secretário de confiança por envenenamento dentro do Palácio:

Nesta mesma noite ela me procurou e pediu-me que não comesse coisa alguma que me fosse mandada pelas vias de costume, para minha ceia, porque, ainda que esperasse não existir, havia muito, no Palácio pessoas tão malvadas, era certo que ela havia perdido o seu secretário alemão, no qual tinha muito grande confiança, por envenenamento. (GRAHAM *apud* PAIM e BARROS, 1997, p. 104)

Novamente, os portugueses figuram como uma pedra no caminho do desenvolvimento do Brasil ao atrapalharem, com sua má influência, os membros da Família Real que deveria conduzir o futuro deste império com o qual Maria Graham tanto se preocupava e se importava. Esta má influência é mostrada tanto sobre Dom Pedro quanto sobre as princesinhas.

De acordo com a autora, Dom Pedro tinha suas virtudes e era de natureza inteligente e esperta, sendo que ela atribui seus defeitos à má educação que recebeu da Corte. Ela descreve o Imperador como um homem de fortes paixões, mas também de grandes qualidades, sendo estas mostradas pelas circunstâncias, e aquelas não sendo sanadas pela educação que recebeu. Ela conta que ele foi retirado de um ambiente culto na Europa, para ser transportado para uma terra absolutamente ignota, quando tinha apenas 11 anos. Contudo, o que ela aponta como o grande problema desta transferência são as más

companhias da Corte de Lisboa que acompanharam a Família Real na sua vinda para o Brasil. Graham chega inclusive a usar termos pesados para descrever estas pessoas, tais como “desprezíveis” e “degradantes”:

Foi levado da Europa e seus requintes com a idade de 11 anos, para uma colônia remota, terrivelmente corrompida pela escravidão, e acompanhado no exílio por alguns nobres portugueses, cujos hábitos e moralidade não poderiam ser da menor vantagem na formação de seu caráter, e por um bando dos mais desprezíveis e degradantes agregados do Palácio de Lisboa. (GRAHAM *apud* PAIM e BARROS, 1997, p. 65)

A autora ainda continua seus apontamentos dizendo que era costume dos Braganças manter seus príncipes ignorantes com relação a importantes assuntos políticos, e que, em meio aos divertimentos que tinham quando crianças, o único decente era a música. Depois de crescido, Graham diz que Dom Pedro foi exposto a cenas de “vício” e “deboche”, mais uma vez usando termos um tanto fortes e pejorativos para descrever o ambiente na Corte Lusa. Graham (1997, p. 65) conclui sua exposição sobre a parca educação recebida por Dom Pedro comentando que: “Em resumo: a educação dos príncipes foi, em geral, tão desprezada que, eles próprios, se queixavam, quando crescidos, de mal saberem ler e escrever.”

Toda esta falta de educação e de muitas outras virtudes na Corte Lusa vai aparecer no *Escorço Biográfico* como prejudicial também para as filhas de Dom Pedro, das quais Maria Graham foi professora por um curto espaço de tempo. A própria Imperatriz (1997, p. 100) se refere à viajante como “a amiga que deveria guardar suas filhas dos malefícios da ignorância e da grosseria de todos em volta delas”.

Com sua educação européia, Graham literalmente se intrometia nos hábitos com relação à princesa Maria da Glória, reclamando (e interferindo) da maneira como os criados a banhavam e de como a alimentavam, só para citar alguns exemplos. Quanto aos banhos, Graham um dia surpreende os criados banhando a criança em uma sala aberta, por onde passavam vários funcionários da Corte, os quais viam a princesa nua! Com relação à alimentação, a viajante, vinda de uma Europa que, conforme Johnson (1991), começava a perceber que comer e beber demais era prejudicial à saúde, e que assim começava a mudar seus hábitos à mesa, fica horrorizada em face à alimentação pesada da princesa. Depois da

cena do banho, ao presenciar um almoço com frango, gordura, vinho, café e doces, Graham resolve ir ter com a Imperatriz:

A próxima coisa aborrecida foi o almoço. Serviram-lhe uma coxa de galinha cozida em óleo com alho. Ela tomou o alho do prato com os dedos e comeu-os. Um copo de vinho forte e água seguiu-se, e depois, com surpresa minha, café, torradas e doces. Nada disse no momento, mas resolvi falar particularmente e seriamente à Imperatriz, sobre as prováveis conseqüências de tal alimentação, para a saúde de sua filha. (GRAHAM *apud* PAIM e BARROS, 1997, p. 88)

A narradora apresenta a má influência dos empregados portugueses da Corte como literalmente próxima da princesa Maria da Glória ao narrar o episódio que desencadearia a ira dos empregados do Palácio e sua demissão do cargo de professora. O Barbeiro do Imperador, que segundo Graham, era o condutor principal das intrigas do Palácio, pediu a uma das damas da princesa que falasse com a nossa viajante, a fim de permitir que ele e seus amigos usassem os aposentos particulares de Maria da Glória (a antecâmara de seu quarto, mais precisamente) para jogar cartas quando ela já estivesse dormindo, o que Graham, evidentemente, não permitiu:

Uma tarde fiquei muito surpreendida com um pedido de uma dama da princesa, uma das que dormiam no quarto, no sentido de permitir que o Barbeiro e um ou dois outros amigos subissem pelas escadas particulares à antecâmara da princesa para poderem jogar cartas confortavelmente, quando ela já estivesse na cama. Disse-lhe que não poderia dar tal permissão, havendo prometido tanto ao Imperador quanto à Imperatriz solenemente, que nunca permitiria nada que se parecesse com jogo à vista da princesa. (GRAHAM *apud* PAIM e BARROS, 1997, p. 96)

Continuando o seu intento de denegrir a imagem destes portugueses que atrapalhavam o desenvolvimento do Brasil, Maria Graham vai narrar a deselegante onda de ciúmes dela entre os lusos do Palácio que foi desencadeada por esta interferência, vista por eles como petulante. Este motivo para ciúmes se somava a vários outros fatores, tais como: os portugueses eram ciumentos de qualquer estrangeiro no Palácio, interferisse ele em algo ou não; o Imperador sempre mostrou o maior apreço à viajante, o que também causava muitos ciúmes; Graham não se punha no mesmo patamar que os demais criados, recusando-se a vestir uniforme e alegando que só beijaria a mão do Imperador quando bem

entendesse, recusando a servidão à Família Real ao invés de sentir-se honrada com isto. Finalmente, os portugueses lamentavam muito o fato de Dom Pedro ter se casado com uma estrangeira, ao invés de alguém da própria Corte, e de acordo com Graham, dada a amizade dela com a Imperatriz, ela era considerada como a “segunda estrangeira” (eu diria até a segunda intrusa) do Paço Imperial, o que só piorava as coisas:

Elas haviam sempre lamentado a política que havia casado o jovem chefe da Casa de Bragança com uma estrangeira, em vez de uma tia ou prima, como havia sido o costume invariável nas casas reais de Espanha e Portugal. Começaram então a murmurar contra a introdução de *uma segunda estrangeira*, como me chamavam, no Paço, como se nenhuma dama portuguesa fosse competente para instruir as princesas. Os murmúrios em breve produziram seus efeitos. (GRAHAM *apud* PAIM e BARROS, 1997, p. 93)

Os efeitos de tantos murmúrios e dor de cotovelo foi a sua demissão do cargo de professora da Princesa. A recusa de Maria Graham de permitir que o barbeiro e seus comparsas usassem a antecâmara de Maria da Glória para jogar cartas foi o estopim desta demissão. Numa seqüência de fatos quase anedótica, o Barbeiro Plácido e sua corja deram um jeito de mandar a intrusa embora.

No *Escorço Biográfico de Dom Pedro I*, a viajante conta que, vivamente indignados com esta recusa, eles se aproveitaram do fato de que o Imperador ficava muitíssimo irritado quando lhe atrapalhavam o sono. Assim, uma das criadas portuguesas irrompeu na câmara do Imperador meia hora antes da hora em que ele costumava acordar, e, aos prantos, perguntava-lhe se era justo que enquanto os fiéis portugueses que haviam abandonado sua pátria e sua família para acompanhar a Corte ao Rio de Janeiro eram humildes criados, uma estrangeira tivesse a petulância de ser tratada como uma ilustre personagem no Palácio (lembrando que Graham se recusava a ser tratada como uma simples criada e tomava as rédeas da situação quando achava necessário). Esta criada ainda dizia que sendo assim, ela e todas as damas portuguesas estavam decididas a voltar a Portugal. O Imperador, encolerizado, exclamou que Graham deveria sair do Paço imediatamente e escreveu uma carta a ela, ordenando-lhe que só poderia sair de seu quarto na hora das lições da princesa ou quando lhe fosse ordenado.

Indignada, Maria Graham escreve uma carta ao Imperador se demitindo de seu cargo:

Senhor.

É com sentimentos indizíveis que recebi a ordem de hoje, assinada por Vossa Majestade Imperial.

Não deveria nunca ter deixado a Inglaterra nem uma família honrada naquele distinto país, para ser uma simples professora de inglês! Se não sou a Governante das Imperiais Princesas, nada tenho que fazer neste país. A pessoa honrada com o título e com o emprego de governante em tal família, deveria ter sido garantida contra as impertinências que eu encontrei desde que estou aqui. Nunca me submeterei a elas. Quanto a mim, não tenho amor-próprio, mas quanto às minhas alunas havia uma necessidade absoluta de não ser eu tratada como uma criada. Peço com empenho que Vossa Majestade me conceda licença para retirar-me. Deixarei o Brasil para sempre no primeiro vapor que partir.

(...)

(GRAHAM *apud* PAIM e BARROS, 1997, p. 100 e 101)

Tanto ciúmes e xenofobia na Corte Portuguesa era mais um reflexo do lugar importante que outros países tomavam no Brasil, quer fosse política, quer fosse economicamente, bem como um reflexo da fraqueza de Portugal, que cada dia mais perdia terreno nas terras brasileiras. Graham aproveita mais este ensejo para mostrar aos seus leitores o quão nefasta era a influência dos portugueses no Brasil, denegrindo ainda mais a imagem destes. Provavelmente, mais uma estratégia para mostrar ao leitor que o melhor caminho para o Brasil era se afastar de Portugal.

Entretanto, apesar de todo este antro que rodeava a Família Real e do lamentável episódio da demissão de Graham, tanto no *Diário de uma viagem ao Brasil* quanto no *Escorço Biográfico de Dom Pedro I*, o Imperador é mostrado como plenamente capaz de conduzir o Brasil, sem a ajuda de Portugal, que aliás, como pudemos observar, do ponto de vista de Maria Graham, nem podia ajudar, pois só atrapalhava. Nos preparativos para livrar a Bahia do domínio dos portugueses em 1823, a autora apresenta Dom Pedro como um homem diligente e ativo, que ia a bordo dos navios conferir pessoalmente o trabalho das esquadras, e que fazia isso da maneira mais sem cerimônias possível, passando de convés em convés, descendo até os porões dos navios sem o auxílio de ninguém. Mais que isso, ele desempenhava estas funções com tanta alegria que até levava a Imperatriz junto com ele nestas inspeções:

Durante o tempo em que as fragatas estavam se preparando, a atividade do Imperador era antes a de um jovem oficial recentemente nomeado do que um soberano que iria nomear os outros chefes. Chegava a bordo dos navios todas as manhãs às seis horas, apressava os armadores, intervinha nos navios de provisão, exigia o impossível dos tanques de água, balançava-se pelas cordas de convés em convés até as mais baixas partes do porão, recusando todo auxílio de escadas ou outras comodidades e, na sua alegria, trazia a Imperatriz para bordo, a fim de compartilhar do novo prazer que ele apreciava cordialmente. (GRAHAM *apud* PAIM e BARROS, 1997, p. 75)

Toda esta “campanha” em prol de justificar a pertinência da independência do Brasil presente nos escritos de Maria Graham é uma confirmação do que a autora propõe no prefácio de seu *Diário de uma viagem ao Brasil*. Neste prefácio, Graham (1956, p. XVII) declara que o seu diário é exatamente uma tentativa de fixar o curso dos acontecimentos que levaram a cabo “a emancipação de tamanho império do domínio da mãe-pátria”. Ou seja, é justamente esta história que ela vai contar neste livro, a independência do Brasil. Sendo que nesta abertura do diário, ela também apresenta sua posição contrária com relação ao Brasil ser uma colônia de Portugal, referindo-se a esta condição colonial com expressões fortes como “estado abjeto” e “condição de escravo”. (1956, p. XVI) (No original, “abject state” e “state of slavery”, respectivamente.

Neste prefácio, Maria Graham também já vai mostrar sua posição com relação à impossibilidade de não só o Brasil, mas todas as nações da América do Sul continuarem submetidas ao jugo do colonialismo europeu. De acordo com ela, esta dependência havia se tornado algo impossível já que, enquanto a Europa se empenhava em guerras e lutas, as nações sul-americanas alcançavam paulatinamente o desejo e o gosto pela condição independente:

Não há nada mais interessante que a situação atual de toda a América do Sul. Enquanto a Europa se empenhava na grande luta da Revolução, aquela região alcançava silenciosamente uma posição em que se tornava impossível a submissão por mais tempo a um domínio estrangeiro. (GRAHAM, 1956, p. XVI)<sup>75</sup>

---

<sup>75</sup> No original, lê-se: Nothing can be more interesting than the actual situation of the whole of South America. While Europe was engaged in the great revolutionary war, that country was silently advancing towards the point at which longer subjection to a foreign dominion became impossible. (GRAHAM, 2007, p. 12)

Apenas lembrando a interessante peculiaridade de que a autora defendia a independência com a relação a países como Portugal e Espanha, no caso da América do Sul, não comentando em nenhum momento de seu diário a independência (ou dependência) das colônias britânicas. Ela sequer menciona o colonialismo britânico ao longo de sua narração.

Finalmente, também aparece neste Prefácio a simpatia de Maria com relação ao povo e ao governo brasileiros. Seus elogios a eles, que aparecem diversas vezes ao longo de seus escritos já figuram como ponto inicial destes. Segundo ela, sua confiança tanto no povo de nosso país quanto em seu governo era extrema, a ponto de ela confiar a tal ponto no que lhe disseram que sequer mudou, mais tarde, aquilo que havia escrito sob “as impressões do momento”:

Tudo que se diz dos naturais do país, ou dos que ficaram a seu serviço, quer permaneçam ainda nos postos, quer não mais estejam no Império, foi escrito sob a impressão do momento. **A confiança da autora no bom senso e na justiça do governo e do povo brasileiro é tamanha que ela deixa esses trechos tais e quais os escreveu.** (Grifo meu) (GRAHAM, 1956, p. XV)<sup>76</sup>

Portanto, todas as passagens dos livros de Maria Graham analisadas neste capítulo só confirmam o que a autora apresenta no prefácio do *Diário de uma viagem ao Brasil*. Ela propõe ao leitor contar a história da independência do Brasil, bem como já toma os seguintes partidos: é contrária à condição do Brasil como colônia de Portugal, julgando esta condição algo extremamente ruim; acredita que a submissão de nosso país à Metrópole se tornava algo impossível em princípios do século XIX; e sua imensa antipatia ao povo português lado a lado com sua grande simpatia ao povo e ao governo brasileiros, os quais ela apresenta como plenamente dignos e capazes da autonomia e da igualdade perante Portugal pela qual tanto clamavam.

---

<sup>76</sup> No original, lê-se: Of the natives of the country, or of those engaged in its service, what is said, whether of those still employed or of those no longer in the empire, was written under the impression of the moment; and **the writer's confidence in the good sense and justice of the Brazilian government and people is such, that she leaves the passages as they stood at the moment of writing.** (GRAHAM, 2007, p. 11 e 12) (Grifo meu)

# CONCLUSÃO

Conforme já afirmado nesta dissertação, Maria Graham é produto de um momento muito peculiar da História, um momento de transição, de descobertas de novas tecnologias, desbravamento de novos territórios, mudanças políticas, ebulições feministas, e acima de tudo, um momento de mudanças nas idéias. Tantas mudanças, que era até difícil para as pessoas digerirem todas elas. Era preciso ter um gênio intrépido e um olhar curioso como os de Maria para se poder acompanhar o fluxo de tantas novidades:

Many people felt that the changes taking place, naturally, spontaneously and in ways no government could possibly prevent, as the result of the industrial, scientific and cultural revolutions sweeping through the advanced countries of the world in the years after 1815, were as much as society could conveniently digest. (JOHNSON, 1991, p. 116)<sup>77</sup>

Além de estes princípios de século XIX serem tempos de muitas mudanças, estes também eram tempos de versatilidade e interdisciplinaridade. Ao contrário dos dias de hoje, em que, mormente nas universidades, a tendência é nos especializarmos cada vez mais em um campo específico e muitas vezes nos alienarmos com relação aos demais assuntos, de acordo com Johnson (1991), nos tempos de Graham era comum que pintores e químicos, poetas e cientistas, filósofos e físicos andassem de mãos dadas e tivessem as mesmas curiosidades. Todos estes diferentes campos eram considerados como um fluxo contínuo de conhecimento, entre os quais pessoas como Graham circulavam livre e confortavelmente:

Physics and chemistry, science and engineering, literature and philosophy, art and industrial design, theory and practice – all constituted a continuum of knowledge and skill, within which men roamed freely. The notion of separate, compartmentalized “disciplines”, later imposed by universities, did not yet exist. (JOHNSON, 1991, p. 543)<sup>78</sup>

---

<sup>77</sup> Muitas pessoas sentiam que as mudanças que estavam ocorrendo, natural e espontaneamente, por caminhos que nem mesmo os governos poderiam evitar, como resultado das revoluções industriais, científicas e culturais que estavam varrendo os países civilizados nos anos após 1815, eram muito mais do que a sociedade poderia digerir convenientemente. (Tradução minha)

<sup>78</sup> Física e Química, ciência e engenharia, literatura e filosofia, arte e design industrial, teoria e prática - tudo isto consistia um continuum de conhecimento e habilidades dentro do qual as pessoas passeavam livremente. A noção de disciplinas separadas e compartimentadas, imposta mais tarde pelas universidades, ainda não existia. (Tradução minha)

Assim, temos diante de nós a complexa tarefa de entendermos uma mulher versátil, que escreveu um texto versátil, em uma época em que a mudança e a versatilidade da interdisciplinaridade estavam em voga. A mudança e a diversidade se encontram e se entrelaçam na vida de uma mulher que mesmo sem ser rica e da alta nobreza conseguiu estudar e fazer muitas coisas diferentes na vida.

Ainda criança, quando estava no colégio, já lia Homero e Shakespeare, estudou Francês e desenho, gostava de colher plantas e admirar mapas e paisagens. Muito jovem, empreende longas odisséias em uma época em que viajar não era comum, especialmente para as mulheres. Índia, Itália, Chile, Brasil... Se já não era comum para uma moça andar por tantos lugares diferentes, mais incomum ainda ela escrever diários sobre estas viagens que se tornariam objetos famosos e respeitados pela crítica, e que lhe seriam um fator de emancipação, já que com eles ela passou a ganhar dinheiro e a trabalhar por conta própria no nascente mercado da Literatura e da imprensa.

Escritora, tradutora, gestora dos próprios negócios, esposa, e uma viajante que não se contentava apenas em contemplar os territórios visitados, mas que literalmente fazia de tudo um pouco: visitas a fazendas, leituras de jornais e documentos para uma análise detalhada da política local, visitas a mercados de escravos, bailes, passeios de barco ou em meio a regimentos de soldados. Enfim, a junção da teoria e da prática daqueles tempos se encontram em Maria Graham.

Muito mais do que alguém simplesmente defendendo o que se acreditavam serem os interesses britânicos daquele momento, temos uma época de mudanças que produz uma mulher ousada e de várias interessantes facetas, que, a despeito de em alguns momentos se mostrar um tanto ingênua por não conseguir superar seu olhar eurocêntrico, foi capaz de produzir o *Diário de uma viagem ao Brasil*. Um texto versátil, no qual é possível captarmos uma narradora com formação interdisciplinar ao tratar de diversos assuntos diferentes, conforme visto nas variadas esferas que compõem a narrativa; e no qual se capta esta narradora de diferentes histórias contando a sua versão de mais uma das mudanças daqueles tempos de tantas novidades: um Brasil que tentava se desvencilhar de seus resquícios coloniais para se tornar uma nação independente, com identidade própria, que queria se modernizar ao tentar fazer uma constituição, ao tentar ter governo e força

naval próprios, teatros, imprensa, comércio, etc. Lá (Europa e Maria Graham) e aqui (Brasil e brasileiros), talvez as diferenças fossem muitas, mas o anseio por mudança e por novos tempos estavam por todos os lugares.

## REFERÊNCIAS

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). **História da vida privada no Brasil, Império: a corte e a modernidade nacional**. Vol. II. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- BELLUZZO, Ana Maria. **A propósito D'O Brasil dos Viajantes**. In: Revista USP, n. 30. São Paulo: Edusp, 1996, p. 9-19.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador: observações acerca da Obra de Nicolau Leskow**. In: BENJAMIN, Walter, ADORNO, Theodor et al. Textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p.57-74. (Col. Os Pensadores)
- BERNARDES, Denis Antônio de Mendonça. **O patriotismo constitucional: Pernambuco, 1820 – 1822**. São Paulo: Editora Hucitec - Recife: Editora Universitária UFPE, 2006.
- DIAS, Maria Odila da Silva. **O fardo do homem branco: Southey, o historiador do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12. ed. São Paulo: EDUSP, 2007.
- GOTCH, Rosamund Brunel. **Maria, Lady Callcott: The creator of "Little Arthur"**. Londres: John Murray, 1937.
- PAIM, Antônio; BARROS, Roque Spencer Maciel de (Coord.) **Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz d. Leopoldina e cartas anexas**. Tradução Américo Jacobina Lacombe. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1997.
- GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil**. Tradução Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: São Paulo Editora S/A, 1956.
- GRAHAM, Maria. **Journal of a Residence in Chile during the Year 1822**. Charlottesville: University of Virginia Press, 2003.
- GRAHAM, Maria. **Journal of a voyage to Brazil and residence there, during part of the years 1821, 1822, 1823**. Londres: BiblioBazaar, 2007.
- IANNI, Octavio. **A metáfora da viagem**. In: Revista Cultura Vozes, v. 90, n. 2. São Paulo: Editora Vozes, 1996, p. 2-19.
- JOHNSON, Paul. **The Birth of the Modern: world society 1815-1830**. Nova York: Harper Collins Publishers, 1991.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. **Livros de viagem: 1803/1900**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Jovita Maria Gerheim Noronha (Org.) Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Tradução Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru: EDUSC, 1999.

SCHULTZ, Kirsten. **Versalhes Tropical: Império, Monarquia e a Corte Real Portuguesa no Rio de Janeiro, 1808 - 1821**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SEIXO, Maria Alzira. **Entre cultura e natureza – Ambigüidades do olhar viajante**. In: Revista USP, n. 30. São Paulo: Edusp, 1996, p. 120-133.

SOUTHEY, Robert. **História do Brasil**. Vols. I, II e III. Tradução Luís Joaquim de Oliveira e Castro. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1977.

SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. 2. ed. Tradução Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

VALENTE, Waldemar. **Maria Graham: uma inglesa em Pernambuco nos começos do século XIX**. Recife: Coleção Concórdia, 1957.

# **ANEXOS**

# Figura 1

A porta norte do Recife (da varanda da casa do Sr.  
Stewart)



Desenho em sépia de MARIA GRAHAM

Coleção do Museu Britânico

*A porta norte do Recife (da varanda da casa do Sr. Stewart)*

# **Figura 2**

Cadeirinha, na Bahia



*Cadeirainha, na Bahia*

# **Figura 3**

A Árvore da Gamela, num jardim da Bahia



Desenho de MARIA GRAHAM

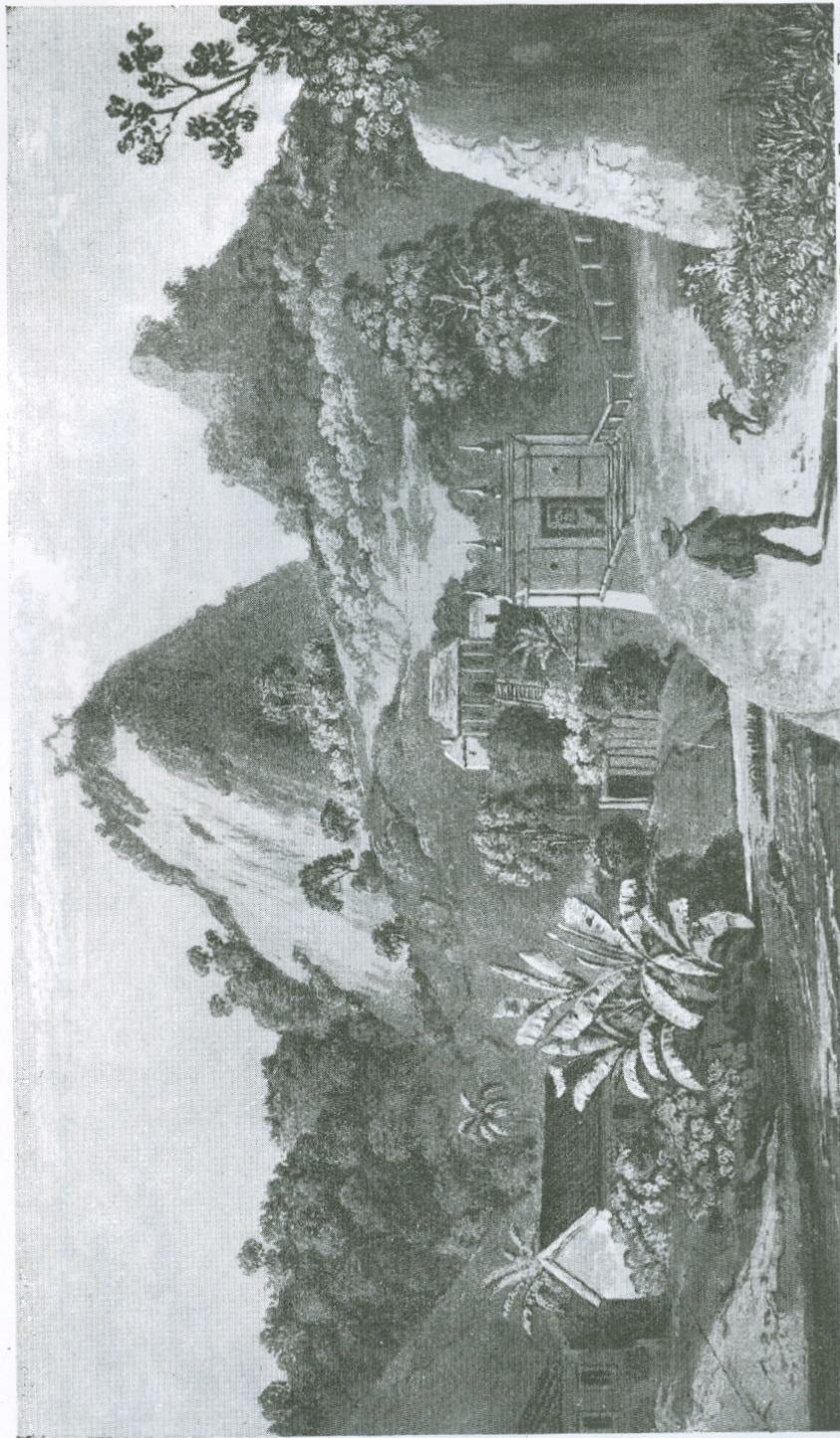
Gravura de EDWARD FINDE

*A Árvore da Camela, num jardim da Bahia.*

Londres, publicado por Longman & Co. e J. Murray, 25 de março de 1824

# Figura 4

Laranjeiras



Gravura de EDWARD FINDEN

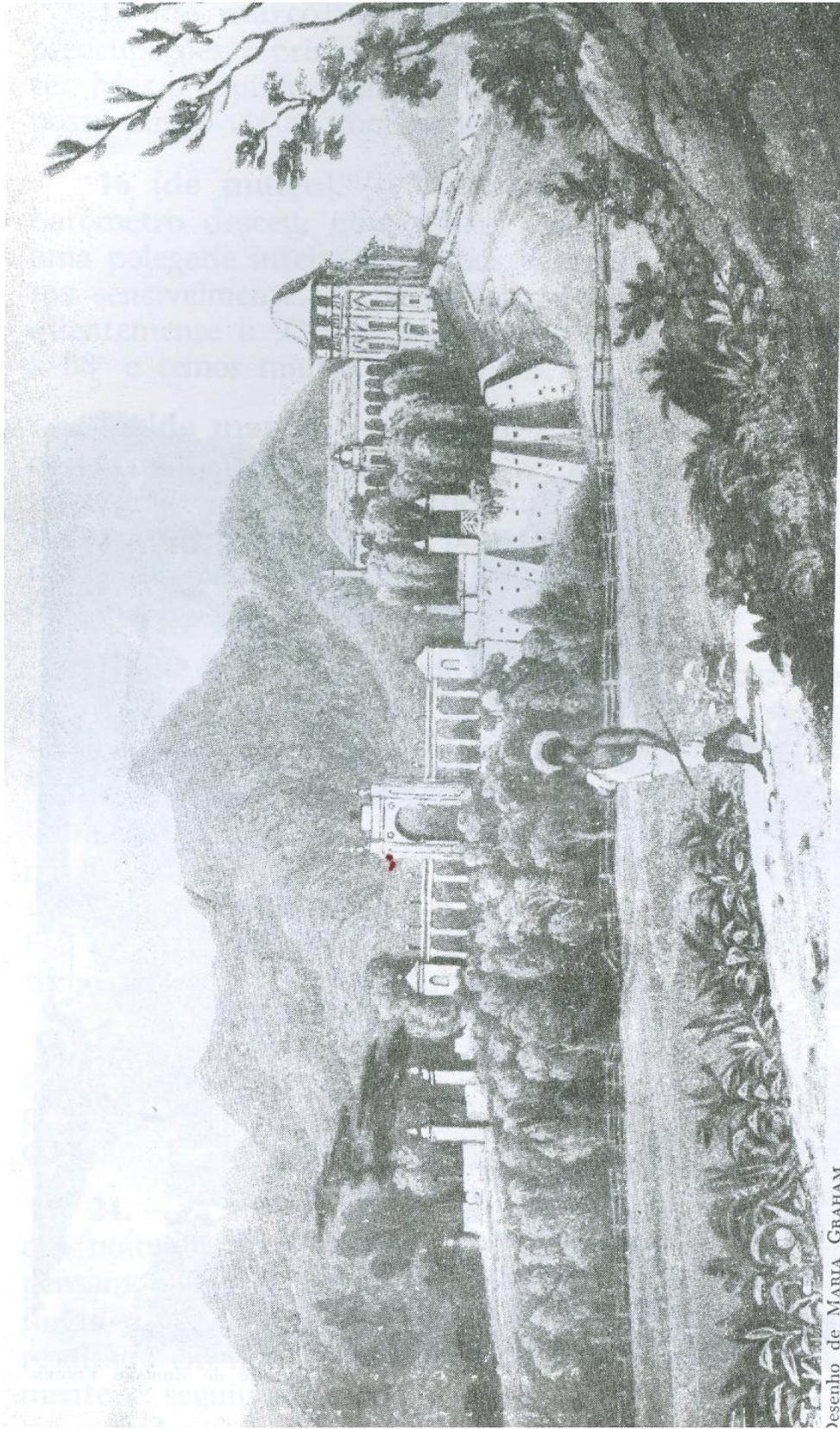
*Laranjeiras*

Londres, publicado por Longman & Cia. e J. Murray, 25 de março de 1824

Desenho de MARIA GRAHAM

# **Figura 5**

Palácio de São Cristóvão



Desenho de MARIA GRAHAM

*Palácio de São Cristóvão*

Londres, publicado por Longman & Cia e J. Murray, 25 de março de 1824

Gravura de EDWARD FINDER

# Figura 6

Charge de *A Semana Ilustrada* de 1872



12. Os escravos domésticos podiam espionar a intimidade dos senhores. A charge chama a atenção para essa deformação que o escravismo impunha aos padrões da privacidade oitocentista brasileira. (A Semana Ilustrada, 1872)